

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**“A concepção da adolescência na ótica de pais, professores e do  
próprio adolescente”**

**Larissa Seixlack Caramaschi**

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da  
USP, como parte das exigências para a obtenção  
do título de Mestre em Ciências, Área:  
Psicologia.

**RIBEIRÃO PRETO - SP**

**2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**“A concepção da adolescência na ótica de pais, professores e do  
próprio adolescente”**

**Larissa Seixlack Caramaschi**  
**Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

**RIBEIRÃO PRETO - SP**

**2006**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Caramaschi, Larissa Seixlack.

A concepção da adolescência na ótica de pais, professores e do próprio adolescente. Ribeirão Preto, 2006.

130 p. : il. ; 30 cm.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Departamento de Psicologia e Educação.

Orientadora: Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves.

1. Adolescência, 2. Pais, 3. Professores, 4. Adolescentes.

**Aos meus pais, com muito amor e gratidão.**

**Ao meu irmão, com muito carinho.**

**Aos meus seis avós.**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, pelo amor e força de sempre, e por ser minha maior inspiração e exemplo de garra, luta, determinação, companheirismo e superação.

Ao meu pai, também pelo amor e por ter me feito parar de chorar quando me pegou no colo pela primeira vez na maternidade, seguindo assim até hoje. E por ter vencido o câncer, me dando forças para vencer as dificuldades, mesmo quando me sentir fraca.

Ao meu irmão, pelo incentivo e amor.

Aos meus pais, irmão e familiares por me proporcionarem a certeza e a segurança de que nunca estive e nunca estarei sozinha, aconteça o que acontecer.

A professora Dra. Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves, por ter sido minha orientadora e ter me proporcionado a oportunidade de aprender muito e, assim, concluir um dos meus grandes objetivos de vida.

Ao professor Dr. Antônio dos Santos Andrade, pela supervisão e oportunidade de estágio no Programa de Aperfeiçoamento e Ensino e pela atenção e contribuição dada a minha pesquisa.

As minhas grandes, inestimáveis e insubstituíveis amigas Raquel, Valéria e Ana Paula, por estarem ao meu lado sempre, independente de distância, hora ou circunstância. Sempre.

A minha amiga Drica, pela presença e paciência, pela sincera e leal amizade, pelo apoio, companheirismo e força nos momentos mais tranquilos e mais difíceis dessa jornada.

A Tia Meire, Silmara, Gustavo, Renato, Vanessa e Fabíola, pela amizade, carinho, atenção, força, disponibilidade e contribuição ao meu trabalho de mestrado.

A todos os meus amigos que compreenderam minha ausência durante os momentos finais deste trabalho.

A tia Rosângela e família, tia Meire e amigos de Anápolis pelas orações e torcida.

A Janaína, pelo apoio psicológico, orientações e por acreditar no meu potencial.

Ao Leo, pela força e companheirismo nesses momentos finais.

Ao Programa da Pós-Graduação da FFCLRP, pela oportunidade de realização do curso de mestrado e seus funcionários, especialmente Inês, Denise, Sônia, Isilda, Márcia e Lúcia.

A Capes, pela bolsa de estudos.

As Escolas e seus respectivos diretores e coordenadores pela abertura que possibilitou a coleta de dados.

Aos adolescentes, pais e professores, razão maior deste trabalho.

## SUMÁRIO

1 – Introdução .....	1
1.1 – Adolescência: Uma Visão Sócio-Histórica.....	1
1.1.1 – A Juventude Greco-Romana-.....	2
1.1.2 – A Juventude da Idade Média .....	6
1.1.3 – A Juventude da Modernidade .....	11
1.1.4 – Adolescência no Século XX .....	15
1.2 – Adolescência enquanto uma Visão de Desenvolvimento .....	20
1.2.1 – Da Infância a Adolescência .....	21
1.2.2 - Puberdade e Desenvolvimento Físico .....	26
1.2.3 – Adolescência e Construção da Consciência Moral e da Identidade .....	29
1.2.4 – Relação Pais – Filhos Adolescentes.....	34
1.2.5 – Relação Adolescente – Grupo de Pares .....	39
1.2.6 - Relação Adolescente – Escola.....	43
2 – Objetivos.....	49
3 – Metodologia.....	51
3.1 – Etapa 1 – Construção dos Instrumentos.....	52
3.2 –Etapa 2 – Aplicação da 1ª. Versão dos questionários (estudo piloto).....	53
3.2.1 – Participantes.....	53
3.2.2 – Material.....	53
3.2.3 – Procedimento .....	54
3.2.4 – Análise de Dados .....	55
3.3 – Etapa 3 – Coleta de dados com os questionários definitivos.....	55
3.3.1 – Participantes.....	56
3.3.2 – Material.....	57
3.3.3 – Procedimento .....	57
3.3.4 – Análise de Dados .....	58
4 – Resultados.....	61
4.1 - Análise dos dados dos questionários dos professores .....	62
4.1.1 – Tema A: A concepção da adolescência .....	62



4.1.2 – Tema B: As necessidades dos adolescentes.....	65
4.1.3 – Tema C: O relacionamento e diálogo com os alunos adolescentes .....	66
4.1.4 – Tema D: Amizade entre os Adolescentes .....	68
4.1.5 – Tema E: As expectativas e desejos frente aos alunos adolescentes.....	69
4.1.6 – Tema F: A Escola .....	71
4.2 - Análise dos dados dos questionários dos pais .....	73
4.2.1 – Tema A: A concepção da adolescência .....	73
4.2.2 – Tema B: As necessidades dos adolescentes.....	77
4.2.3 – Tema C: O relacionamento e diálogo com os filhos adolescentes .....	78
4.2.4 – Tema D: Amizade entre os Adolescentes .....	79
4.2.5 – Tema E: As expectativas e desejos frente aos filhos adolescentes .....	80
4.2.6 – Tema F: A Escola .....	82
4.3 - Análise dos dados dos questionários dos adolescentes .....	82
4.3.1 – Tema A: A concepção da adolescência .....	82
4.3.2 – Tema B: Suas necessidades .....	86
4.3.3 – Tema C: O relacionamento e diálogo com os pais .....	86
4.3.4 – Tema D: Os amigos .....	88
4.3.5 – Tema E: As expectativas e desejos frente aos pais.....	89
4.3.6 – Tema F: A Escola .....	92
4.3.7 – Tema G: Auto-Imagem.....	95
4.4 – Análise comparativas das questões semelhantes dos três questionários- .....	96
5 – Discussão .....	101
6 – Conclusões .....	111
7 – Referências Bibliográficas.....	113
8 – Anexos .....	117

## RESUMO

**CARAMASCHI, L.S. A concepção da adolescência na ótica de pais, professores e do próprio adolescente.** CARAMASCHI, L.S. 2006. 130p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

Apesar de muito estudada sob vários aspectos, ainda há pontos na adolescência que merecem investigação. Segundo a literatura, há uma preocupação de pesquisadores, profissionais e da própria família em relação às mudanças que os adolescentes têm sofrido. Muitas são as transformações sociais, políticas e morais que vêm ocorrendo de forma acentuada nos últimos tempos e que colocam os adolescentes frente a valores e padrões de comportamento mutáveis, a rápidos progressos tecnológicos. O próprio processo de adolecer sofre alterações, diferenciando-se do que acontecia em outras épocas. Isto implica em os adolescentes de hoje passarem por esta etapa de seu desenvolvimento num mundo completamente diferente daquele em que seus pais e professores cresceram, o que pode trazer dificuldades na compreensão desta fase e no relacionamento entre as gerações. Nesse sentido, esse trabalho teve como objetivos descrever as principais semelhanças e diferenças entre as concepções de adolescência de pais, professores e adolescentes, as características que compõem o quadro das relações, a escola e o adolescente, as dificuldades e expectativas existentes nessa fase da vida. Para cumprir esses objetivos foram realizados dois estudos: o primeiro destinado ao teste de adequação dos instrumentos previamente elaborados para a coleta de dados; o segundo, a coleta de dados com a versão definitiva dos instrumentos, visando obter respostas às questões formuladas. O instrumento utilizado foi o questionário. No primeiro estudo foram selecionados, em uma escola privada de Ensino Médio, de classe Média, da cidade de Goiânia-GO, três professores, três pais e dez alunos do 1º. Ano do Ensino Médio, de ambos sexos, convidados a participarem do projeto. Já no segundo estudo, foram dez professores, trinta pais e sessenta alunos de uma escola privada de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Anápolis-GO. A análise de dados foi realizada pelo sistema quantitativo, sendo complementada por uma análise utilizando o método quantitativo/interpretativo. Os resultados, de um modo geral, mostraram que pais, professores e adolescentes consideram a adolescência de hoje diferente da adolescência de épocas anteriores, principalmente pela facilidade de acesso a informação devido ao avanço da tecnologia e à alteração na determinação e imposição de limites aos adolescentes. Além disso, consideram que a maior necessidade do adolescente é de família. No quadro das relações, foi possível observar mais características positivas do que negativas, incluindo baixos índices de expectativas referentes às relações. No que se refere ao diálogo dos pais e professores com o adolescente, pais e filhos têm mais dificuldade de conversar assuntos ligados à sexualidade, ao contrário do que acontece com os professores, que são mais solicitados para conversar sobre estes assuntos. A escola aparece como sendo um espaço predominante de aprendizagem acadêmica e transmissão de valores para a vida, em que os adolescentes vão aprender não somente conhecimentos específicos da vida escolar, mas também das outras áreas de sua vida. De uma forma geral, os resultados apontam para uma concepção de adolescência positiva tanto na ótica dos pais, quanto dos professores e do próprio adolescente.

Palavras-Chave: Adolescência. Pais. Professores. Adolescentes.

## **ABSTRACT**

**CARAMASCHI, L.S. What adolescence is for parents, teachers and the adolescents themselves.** CARAMASCHI, L.S. 2006. 130p. Master's degree dissertation – College of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto – SP.

Although adolescence has been studied from a number of different perspectives, many of its aspects remain largely uninvestigated. According literature, researchers, professionals and families are worried about how adolescents have changed as a consequence of marked social, political and moral transformations, and that have made adolescents face values and changeable behavioral patterns as well as fast technological advances. The very process of growing up has been changing, making it very different from earlier times. Today adolescents go through this stage of their maturing process in a completely different world from the one their parents and teachers were raised in and that can bring some difficulties in their understanding of this stage and relationships between generations. Thus, the goal of this study was to describe the main similarities and differences among the parents', teachers' and adolescents' concepts of adolescence; the characteristics of the relationship between the school and the adolescent and the difficulties and the expectations in this stage of life. Two studies were conducted in order to reach those goals: one to assess the efficacy of previously elaborated tools to collect data and another about data collection using the conclusive tools in order to get answers to questions asked using a questionnaire. In the first study three teachers, three parents and ten students in their first year in a private high school in Goiania, G.O, both male and female, medium social status, were selected and invited to participate in the project. In the second study, ten teachers, thirty parents and sixty students from a private school in Anapolis-Go, were selected. The analysis of the data was performed using a quantitative system, complemented by an analysis using a quantitative/interpretative method. In general the results showed that parents, teachers and adolescents considered modern adolescence different from the adolescence from old times, principally because nowadays it is easier to get a lot of information because of the technological advancements and changes in determining and setting limits to adolescents. Besides that, having a family was considered the biggest need for adolescents. There were more positive than negative characteristics in terms of relationships, including low levels of expectations regarding relationships. In relation to dialogue between parents, teachers and adolescents, unlike teachers, parents had a harder time talking about sex to their children than teachers did, once adolescents turned to them more often to talk about that. School was mainly viewed as a place for academic learning and delivering of values, where adolescents learned not only school subjects, but also other topics about their lives.

Key-words: adolescence, parents, teachers, adolescents.

## 1 - INTRODUÇÃO

A história dos jovens reflete, de várias formas, a história das sociedades e das instituições, assim como a história das culturas, da educação, da criança e do adolescente.

Focando alguns momentos determinantes da história, é fundamental salientar os períodos que marcaram a juventude deste mundo, a fim de compreender a adolescência de hoje.

Conforme Heller (1989), a história é caracterizada como a substância da sociedade, à medida em que atua na explicitação da essência humana e viabiliza a “continuidade de toda a heterogênea estrutura social” (p.12), nas diversas esferas em que se faz presente.

Biasoli-Alves (2000, p.238) afirma que

[...] para se compreender o presente, é necessário conhecer as normas e práticas do passado, bem como as transições que foram se materializando nos diferentes períodos”, além do que “padrões comportamentais novos podem apenas estar sob nova roupagem, mostrando, numa análise mais aprofundada, que a maneira de pensar certas questões ainda se encontra presa aos padrões de outras épocas.

### 1.1 – Adolescência: Uma Visão Sócio-Histórica

Apesar de ser um conceito do Século XX, a adolescência sempre teve sua função, seu papel e seu lugar na sociedade e, para ser escrita e descrita, precisa levar em conta uma multiplicidade de perspectivas, considerando vários aspectos.

Individualmente, esta é uma fase de grande importância para o adolescente, para a sua formação e também sua transformação, tanto a nível físico, como emocional, intelectual, social e espiritual.

Conforme Levi e Schmitt (1996), a juventude é trilhada pela sucessão de uma série de ritos de entrada e saída que dão a imagem de um processo de consolidação por etapas, o qual garante uma progressiva definição dos papéis da idade adulta.

Para estes autores, adolescência é uma fase de mudanças, bastante impetuosa, conflitiva, angustiante, com um forte conjunto de imagens, formas de pensar, representações de si própria e de toda a sociedade. O papel da sociedade na vida e na história dos jovens é muito marcante. Ela lhes atribui papéis e caracteres, lhes impõe valores e regras que vão controlando, ou não, o comportamento deles.

Assim, em momento algum da história, como dizem Levi e Schmitt (1996), a juventude poderia ser determinada unicamente por critérios biológicos ou jurídicos, mas também por outros símbolos, valores e culturas. Desta forma, é fundamental conhecer a história dos jovens, a fim de compreender melhor o processo de construção e desenvolvimento da adolescência de hoje.

Explorando os caminhos trilhados pelos jovens de antigamente, pode-se compreender suas relações com a sociedade, a família, a escola e consigo mesmo. Essa reconstituição histórica, além de permitir ampliarmos nossa visão do adolescente e de seu caminho percorrido pelos séculos, permite também compreender o lugar ocupado por ele nos universos privados e públicos.

### **1.1.1 - A Juventude Greco-Romana**

A juventude greco-romana, até o século V, foi marcada por vários rituais oficiais, que diferenciavam o mundo dos jovens do mundo adulto.

Segundo Schnapp (1996), na Grécia, o jovem tinha uma atenção especial e a cidade cuidava dele como se cuidasse do próprio coração. Para os gregos, o corpo dos

jovens era uma das principais preocupações da cidade, pois era como a expressão de uma vida social bem regulada.

De acordo com Levi e Schmitt (1996), o grande alicerce da vida em sociedade é a educação, o fator diferencial que dá aos jovens um saber partilhado que faz a cidade existir, ou seja, é a Paidéia, fundamentada na noção do que é belo e virtuoso.

Conforme Schnapp (1996, p.20), “Paidéia é a formação da virtude desde a infância, que desperta o desejo e a paixão de tornar-se um cidadão completo de saber, comandar e obedecer segundo a justiça”.

Esse estilo de educação vem para desenvolver o conhecimento com diversão e arte, tendo como suporte a história. Encontra-se no centro de todas as instituições cívicas, pois tanto supõe uma ordem social como deixa claro o papel dos jovens, contrapondo-se às funções exercidas pelos mais velhos.

De acordo com Levi e Schmitt (1996), na Grécia, mais do que a caça, o atletismo simbolizava uma diferenciação social, a da idade esplendorosa, da perfeição física. Assim, por meio dos jogos, do convívio e dos contatos dentro e fora do ginásio, o jovem chamava a atenção e se afirmava. Já as mulheres jovens eram poetisas, dançarinas, músicas e, às vezes, nadadoras e ginastas. E tanto para um como para outro, a dança significava saber viver. Porém, cada sexo tinha o seu lugar na cidade e um não podia ameaçar a posição do outro.

Estes autores afirmam que, na Grécia, os valores masculinos eram privilegiados pela sociedade. As mulheres eram consideradas seres inferiores e estavam destinadas à reprodução, podendo se dedicar à poesia, à música ou à dança. O papel da mulher era secundário e tinha um estilo particular de educação especializada na Paidéia.

Consoante Funari (2001), haviam divisões entre as partes masculina e feminina nas mansões. Meninos e meninas tinham pouco contato. As meninas brincavam com

bonecas e casinhas, como uma forma de preparação para a vida que teriam quando adultas.

Toda a educação do jovem grego tinha como base a homossexualidade, que era indissociável de outras atividades juvenis, como a ginástica, a caça e a equitação.

O sistema familiar grego era patriarcal. Na vida pública, o homem também assumia um papel superior ao da mulher.

Segundo Funari (2001), os artesãos e camponeses casavam-se cedo, pois precisavam trabalhar para sobreviver e não compartilhavam da mesma cultura sexual da elite, mas não reprovavam as relações com pessoas do mesmo sexo, já que era considerado algo divino. O princípio da solidariedade e da alteridade marca essa relação solidária entre esses jovens e entre eles e os homens mais velhos.

Assim, na Grécia o jovem era preparado para o mundo adulto, tendo referenciais em que pudesse se espelhar e se tornar um cidadão.

Em Roma, destarte Levi e Scmitt (1996), o indivíduo era considerado puer até seus quinze anos de idade. Dos 15 aos 30 era o período da adolescência e dos 30 aos 40 o período da juventude. Já no início do século VII d.C. a infância era considerada a etapa que ia até aos 7 anos, dos 7 aos 14 era a pueritia, dos 14 aos 28 a adolescência e dos 28 aos 50, a juventude. Nota-se que é uma juventude bastante prolongada, em comparação a muitas outras, que pode ser explicada pela instituição romana do pátrio poder.

Ao contrário dos homens, as mulheres não se definiam pela idade, mas pela condição física ou social: antes do casamento, depois do casamento, sem filhos, com filhos e idosas. A idade no caso delas era irrelevante, mas as relações que estabeleciam na cidade, com sua família de origem ou a formada através do casamento, eram fundamentais.

A família exercia grande influência sobre o adolescente e o jovem, tanto é que Roma foi definida como sendo uma “cidade de pais”. Os desejos pessoais eram superados pela política familiar. Mas esta era uma responsabilidade muito grande dos pais, que tinham de se preocupar por tanto tempo com o futuro dos filhos, conforme Levi e Schmitt (1996).

Desta forma, o pátrio poder permitia explicar melhor a extensão social, primeiramente da adolescência e depois da juventude, fortes conflitos entre as gerações, representados tanto no teatro como nos tribunais. Os pais tinham um poder total sobre os filhos que eram educados para, mais tarde, exercerem o mesmo poder sobre seus filhos, dando continuidade ao sistema, que permaneceu ao longo daquela época.

Para Levi e Schmitt (1996), o revival do direito romano, a Reforma Protestante e a afirmação do estado absoluto sublinhavam a autoridade dos pais que, freqüentemente, comportavam-se como déspotas, sem temer qualquer objeção.

Os pais costumavam investir muito tempo e dinheiro na educação e carreira dos filhos. Em relação aos homens, o investimento recaía na escolha pela carreira e às mulheres, na escolha de um marido.

Conforme Frascetti (1996), a mulher estava destinada a permanecer sob o domínio de um homem, pai, irmão ou marido. Era considerada adulta entre os doze e quatorze anos, quando então estaria pronta para o casamento e era chamada de “senhora” pelos homens.

Para os romanos, a família era a base da organização social. O termo família não se referia apenas aos pais e filhos, mas também à casa, aos escravos e até aos animais da propriedade. Prevalencia o poder patriarcal, assim como na Grécia. O pai exercia o domínio sobre a mulher, os filhos e os escravos, podendo decidir inclusive o destino dos



recém-nascidos, isto é, o fato de nascer não significava que a criança fosse aceita pela família. Muitos filhos eram abandonados ou vendidos como escravos.

Desta maneira, os períodos de duração da adolescência e da juventude eram determinados socialmente com o objetivo de manter a submissão dos filhos aos pais, que possuíam todos os poderes. Era uma relação estruturada nas tradições e nas leis.

Segundo Frascetti (1996), os rituais foram bastante transformados no decorrer dos séculos, mas o aspecto do pátrio poder manteve-se imutável, pois o poder e a autoridade dos anciãos deveriam sempre preponderar, pela tradição e pela lei.

Em Roma, os ritos de iniciação dos jovens ao mundo adulto partiam da solidariedade viril, no exercício da caça à justificativa do pátrio poder. Naqueles rituais, o jovem se apresentava como um perigo real que precisava ser neutralizado. Os ritos sexuais se distanciavam no passado, bem como a mudança de toga, rito de caráter sociopolítico e pragmático.

### **1.1.2 – A Juventude da Idade Média**

Conforme apresenta Franco Jr. (1986), a Idade Média é o período compreendido entre os séculos V e XVI. Costuma-se chamar a fase correspondente aos séculos VIII, XI e X de Alta Idade Média. Aos séculos XI, XII e XIII, chama-se de Idade Média Central e ao período que se estende do século XIV ao século XV, dá-se o nome de Baixa Idade Média.

A juventude, na cultura da Idade Média Ocidental, é vista de forma dinâmica. Consoante Levi e Schmitt (1996, p.246)

[...] divide-se diferentemente a vida conforme se esteja no mosteiro, no castelo, na universidade, no palácio de justiça ou nas feiras e nos mercados. Dois sistemas, em particular, se opõem: um distingue quatro idades; o outro seis (por vezes sete ou oito). O primeiro estabelece correspondências com as

quatro estações e os quatro elementos. A infância é a primavera; a juventude, o verão; a 'idade média', o outono; e a velhice, o inverno. Quando se reduz a três, esse sistema funde a infância e a juventude numa só idade madura ao verão, a velhice ao outono e a morte ao inverno. Esse sistema pertence mais à cultura profana”

Além disso, nesta cultura, simbolizava-se a infância, adolescência/juventude, idade adulta e velhice através das estaturas diferentes, até o final do século XIV. O maior sempre representava a velhice e o menor a infância, considerando-se isso como uma escala de valores, em que a velhice tivesse grande força e merecesse respeito e poder, ao contrário da infância e adolescência.

Conforme Levi e Schmitt, 1996, A juventude era vista como turbulenta, impetuosa, perigosa, desordeira, transgressora da ordem social e moral. Os jovens eram vistos como insolentes e briguentos, sabedores de todas as coisas, entregavam-se a loucuras de todo tipo, gastavam irrefletidamente, vivendo na luxúria e no pecado. Era preciso dar-lhes lições, cortar seu orgulho, orientar seus corpos para exercícios saudáveis, ensinar-lhes a desprezar a vida e sobretudo, casá-los jovens para evitar o adultério Na Itália da Idade Média, a juventude era uma fase impetuosa e exagerada. Com a fragilidade do corpo e os primeiros aprendizados, surgiam também a fragilidade emocional e racional, que podiam levar à falta de controle e à entrega ao mal. Por isso, era preciso haver uma orientação por parte da comunidade, que produzisse um desenvolvimento espiritual também nos jovens.

Consoante esses autores, os jovens eram vistos como pessoas com comportamentos um tanto quanto condenáveis na maioria das vezes. A idade dos 40 anos marcava o fim das desordens, das fraquezas, tentações, enfim, o fim da idade perigosa, que ignorava as divisões tradicionais e afirmava que maioridade não significava plena responsabilidade e maturidade.

Os adolescentes eram considerados moralmente frágeis, influenciáveis, expostos aos perigos e tentações. Por isso, buscava-se controlá-los de todas as formas possíveis, pois seu autocontrole ainda estava em formação. Por não saberem ao certo o que queriam, pois ainda eram novos para isso, era fácil influenciá-los. Os rapazes eram freqüentemente mandados para colégios.

Sendo os jovens considerados rebeldes e donos de um comportamento condenável na Itália Média, o patriciado tentava controlar e disciplinar os jovens que, sendo impetuosos, tentavam ingressar na vida política, gerando grandes medos à comunidade. Por isso esta tentava equilibrar as ambições e os impulsos da juventude.

Na Itália, não só os jovens, mas também a jovem mulher, eram objetos de medo e precisavam ouvir as pregações para aprenderem a comportar-se, a comprometer-se por um sinal-da-cruz. Desta forma, boa parte dos jovens, de maneira geral, eram considerados tanto capazes quanto culpados da falta de limites e dos desregramentos.

A Igreja mantinha o monopólio intelectual nessa fase. Os principais centros de cultura e arte eram os mosteiros e as escolas eclesiásticas, onde Deus era tudo e o ser humano era simplesmente uma criatura sem valor individual, que sempre vivia numa instituição coletiva: a família, a cavalaria ou a Igreja.

Era a Igreja quem dirigia a sociedade e ditava as regras em nome de Deus. De acordo com Ranke-Heinemann (1996), a sexualidade era considerada perigosa, caso não houvesse certa repressão, orientação e educação, chegando ao ideal cristão da virgindade.

Desta forma, o casamento foi instituído como uma forma de colocar disciplina na sexualidade. Para se ter uma relação sexual era preciso pedir e obter autorização e ter a finalidade de reprodução e não de se ter prazer, caso contrário haveriam severas punições, pois o único amor permitido era o amor a Deus.

Segundo Bidarra (1996), a separação feita entre amor (divino) e sexo (procriação), deu origem aos ritos da sociabilidade aristocrática, ordenados em torno do amor cortês, ou seja, de um sentimento.

Como o jovem se identificava comumente com os heróis de sua época, ficava mais fácil para a sociedade controlá-lo. Ela orientava o jovem e tornava heróico e merecedor de honrarias, os atos confirmadores de seus valores tradicionais. Assim surgiu a cortesia e a cavalaria, baseadas em valores amorosos – heróicos ou heróicos-amorosos, por volta do séc. XI ao século XV.

Para Marchello-Nizia (1996), o termo cavalaria englobava as qualidades a serem desenvolvidas pelo cavaleiro até se tornar um bom guerreiro. A partir do século XII, designava uma classe social, um grupo ético e profissional, opondo-se aos clérigos e camponeses. No século XIII, a cavalaria começou a perder sua força e até esse momento ainda não havia um esclarecimento do que significava a cavalaria ou o cavaleiro.

De acordo com Levi e Schmitt (1996), a noção de cavalaria e cavaleiro estava ligada à adjetivos como orgulhoso, ousado, jovem, valente, nobre, aspirante, forte, grande, belo, ágil, ativo, leal. Assim, aqueles que se encaixavam melhor nesse perfil, eram escolhidos e tinham que assumir um grande fardo de deveres, devendo ser também cortesões, bondosos, generosos, protetores, corajosos, prestativos e justos. Deviam temer mais a vergonha do que a morte, sendo a morte de um jovem não muito difícil de ser aceita, se fosse bela e grandiosa.

Referindo-se a cavalaria apenas ao universo masculino, era difícil pensar num jovem cortês sem sua amada imortal. Sendo assim, a cortesia estava mais relacionada às mulheres. Um amor cortês era capaz de transformar um homem rústico em um homem refinado. Neste caso, Levi e Schmitt (1996) relacionam cortesia, no caso dos homens, à adjetivos como leal, valente, bravo, sábio, eloquente; e no caso das mulheres,

relacionam à bela, sincera, elegante e sensata, sendo estas características tanto inatas quanto adquiridas.

Qualidades nobres e cavaleirescas, como generosidade, bondade, boas maneiras, lealdade contratual, polidez constante, bom convívio e comportamento social eram típicos da cortesia, cuja essência as associava a determinada forma de amor. O cavaleiro vencedor poderia ser um perigo para a comunidade, se quisesse, por isso, se tornar o chefe. Mas a cavalaria e a cortesia procuravam impedi-lo de alguma forma, sem deixar de glorificar e reconhecer a vitória deste cavaleiro.

De forma geral, nos séculos XIV e XV, tanto na sociedade, como nas manifestações artísticas, a ênfase estava nas transgressões dos jovens, criticadas e condenadas pelos mais velhos. Pastoureau (1996) afirma que era necessário reprimí-los, cortar seu orgulho e orientar seus corpos para o que fosse útil, casando-os cedo para evitar a fornicção.

Sendo assim, tentou-se de várias formas controlar os jovens daquela época, desde a escola, onde as idades eram sempre identificadas com mais exatidão, até o exército e o sistema jurídico. Com isso, buscou-se descobrir a exigência de autonomia e o sentido de rebelião que colaborava com a construção da personalidade do jovem, em oposição a dos adultos e compreendendo seus valores familiares e culturais do momento.

Vale salientar que aquela época também exaltava o jovem estéticamente e ideologicamente. O corpo era exaltado pela beleza, agilidade, saúde e liberdade. Surgiram então receitas para se manter a juventude e retardar o envelhecimento, os cuidados com a beleza e regimes, a fim de se estender o máximo possível as características físicas da juventude.

### **1.1.3 – A Juventude da Era Moderna**

Para Áries (1983), na sociedade dos séculos XVI e XVII ainda não havia uma delimitação nítida entre infância e juventude, além de não se ter uma idéia exata do que hoje se denomina adolescência.

De acordo com Levi e Schmitt (1996), no início da modernidade era difícil definir o início da era juvenil, mas o fim desta definia-se pela independência da família de origem, por meio do matrimônio e da casa própria. O limite entre infância e adolescência variava, primeiramente porque a escola não havia se contraposto ao trabalho, como ocorreu na época contemporânea. Mas no início do século XIX, com a obrigatoriedade da freqüência à escola, adotou-se o corte dos 14 anos, sendo esta idade considerada como um limite claro entre infância e adolescência, e início da aprendizagem e ingresso ao mundo do trabalho.

Assim, os limites da fase juvenil começaram a ser determinados pelos deveres estatais da educação e do serviço militar compulsório. No entanto, no início da era moderna, a maioria dos meninos e jovens fazia uma junção entre a vida escolar e o trabalho.

Na sociedade européia, o ensino primário tinha como objetivo principal o aprendizado das primeiras noções necessárias para a vida social. Já o ensino secundário, geralmente seguido por estudos superiores, também tinha o dever de realizar uma educação moral para o futuro adulto.

Segundo Levi e Schmitt (1996), nas classes mais baixas, as crianças de 10 ou 12 anos costumavam trabalhar também para ajudar a família. Os filhos de artesãos e camponeses aprendiam o trabalho dos pais logo cedo e iam assumindo tarefas que exigiam cada vez mais responsabilidade. Acreditava-se que, através de pequenos trabalhos, o indivíduo crescia e inseria-se no mundo adulto.

Neste caso, o limite entre infância e juventude não se dava de forma genérica, mas em função de condições específicas de ambiente social e status, onde a aprendizagem e a socialização ocorriam. Nas classes mais altas, consideradas mais “letradas”, encontrava-se a esperança de uma futura carreira e melhores oportunidades financeiras.

No decorrer do século XVI, a instituição da primogenitura fazia parte das famílias aristocráticas da Europa Ocidental, que passavam seu patrimônio a apenas um filho que seria o único com condições para se casar e dar continuidade ao nome e aos títulos de seus ancestrais.

Há, no caso da família, conforme Levi e Schmitt (1996), uma antítese relacionada à autoridade e liberalidade. Mas talvez seja mais importante salientar aspectos como a persuasão e a mediação. A partir do século XVI, a influência crescente do Estado tornou as relações ainda mais complexas, generalizando as diferenças entre países protestantes e católicos. Mas vale ressaltar que, pais tirânicos podem coexistir com pais afetuosos e liberais, por isso não faz muito sentido continuar a propor ou a corrigir uma cronologia do amor do pai.

Um aspecto marcante do século XVIII ao início do século XX é que os jovens tinham que lidar com a guerra. Consoante Levi e Schmitt (1996), as últimas décadas do século XVIII são determinantes. A guerra os transforma e a dignidade cavalheiresca tem seu sentido e função redefinidos. A violência na cidade e no campo era punida e delimitava o papel social e simbólico dos jovens. Os comportamentos antes valorizados nos jovens, agora eram temidos.

Na Itália, o fascismo de Mussolini delimitava uma noção de juventude como um símbolo que domina, desvinculado do espaço e do tempo. Ali, a juventude era bastante valorizada, resumindo-se à força, ao canto, à beleza e ao amor. Além disso, ser jovem implicava em ter uma alma de herói e um belo corpo. O povo italiano era símbolo de

juventude, de acordo com a representação desejada pelo regime. Era também um povo agressivo, prolífico e vital.

Levi e Schmitt (1996) relatam que, na Alemanha, a juventude também era bem valorizada no regime nazista, mas era, além disso, sinônimo de atitude. Os velhos eram considerados a peste de um povo são, por se oporem às idéias novas, que era o forte da juventude.

Tanto o fascismo quanto o nazismo educavam as crianças treinando-as, em todos os sentidos, para serem fiéis e dedicadas ao sistema que lhes era imposto.

Os homens de Hitler eram, especialmente, soldados de uma idéia. O povo recebia uma educação nazista desde a criança, indo até ao velho combatente do movimento. Essa educação não terminava nunca, passando de uma escola a outra, aprisionando para sempre este povo, que não seria mais livre por toda a vida.

No nazismo, a raça não deveria ser confundida com a aparência, pois raça também significava alma, o que denunciava muitos judeus de espírito. Não só o judeu era aniquilado, mas era preciso aniquilar o judeu existente em cada pessoa.

Para Hitler, a principal função da mulher era ter filhos, o máximo que pudessem, pois assim seriam consideradas heroínas e guerreiras, travando uma batalha pela sobrevivência do seu povo. A maternidade era sinônimo de serviço militar para os homens, neste caso.

Segundo Levi e Schmitt (1996), as colônias fascistas eram consideradas extensões da família. O chefe do fascismo era considerado o mais jovem de todos, juventude essa de um sistema político que tinha a intenção de apresentar sempre a novidade e a juventude dos próprios líderes.

Conforme Levi e Schmitt (1996, p.284 e 285)

O fascismo deseja das mulheres boas mães e nada mais. Portanto, a mãe, símbolo da juventude e da fecundidade de um povo, eterna esposa de



guerreiros e genitora de heróis: a mãe fascista é mãe romana, consagrada 'ao mais suave sacerdócio feminino, ao idílio que fecunda e reforça a estirpe.

Com a queda do fascismo, esse valor da mãe foi perdido, porém seu papel de protetora permaneceu, tornando-se a “mamma”, tão presente na literatura, na pintura e no cinema pós-guerra. Foi preciso reavaliar os alicerces que estruturavam a ideologia daquele sistema e as imagens da idolatrada juventude acabou sendo esquecida, desprezada e ironizada, reflexo da própria estupidez dos atos fascistas.

E, segundo Levi e Schmitt (1996) por mais de 20 anos, o fascismo proclamou de vários modos a sua atenção especial para a juventude, tanto física quanto espiritual, provocando confusões entre os vários planos de significado, que foram particularmente difíceis para aqueles que cresceram e se tornaram adolescentes durante a ditadura.

Conforme Levi e Schmitt (1996), na segunda metade do século XIX, os jovens enxergavam a vida militar de duas formas: para aqueles que trabalhavam desde criança e já tinham ficado algum tempo longe da casa dos pais durante a adolescência, o exército representava apenas mais uma etapa para a própria emancipação; mas para aqueles que praticamente não trabalhavam e saíam de casa bem mais tarde, seu valor de iniciação era fundamental, pois o serviço militar estava entre a independência econômica e a escolha da profissão.

O serviço militar dos jovens possuía uma disciplina rígida, uma complexa aprendizagem e preparava o jovem para uma vida coletiva cadenciada. Segundo Levi e Schmitt (1996), era ao conhecimento do território e aos exercícios físicos que os jovens deveriam dedicar o seu tempo.

No século XIX, a juventude operária enfrentava a coerção e a liberdade. Surgiram várias crises, rupturas, migrações, etc., e isso gerou maior autonomia, principalmente para os homens. Mas de uma maneira geral, os jovens buscavam a liberdade e a individualidade. Essa liberdade dos jovens incomodava a sociedade como um todo, pois

aumentava a delinqüência entre eles, destacavam-se mais, revoltavam-se contra as casas de correção e o serviço militar. As questões da infância se resolveram e as da juventude apenas começavam a ser um problema para o século XX.

A juventude chegava ao fim com a estabilidade e o casamento, que era a única forma de deixar a própria família e se tornar independente econômica e afetivamente. Na Europa, para a juventude judaica, o casamento era uma das formas que garantia o respeito aos homens e às mulheres, garantindo um comportamento decente. E era ideal casar cedo, pois assim evitava-se o pecado sexual, principalmente para os homens.

No entanto, a juventude do século XIX amedrontou, tornou-se cada vez menos confiável. No final desse século e início do século XX, as rebeliões dos jovens visavam interesses nacionais, com uma função cultural e social.

#### **1.1.4 - Adolescência no Século XX**

A adolescência é um conceito construído social e culturalmente e, para ser compreendido, é necessário englobá-lo num determinado conceito sócio-histórico.

Atualmente, o conceito de juventude é diferente da concepção adotada no início da Era Moderna. A adolescência é vista, hoje, como um período da vida. Ainda é bastante vigiada, motivo de grandes desconfianças e tenta-se controlá-la de várias formas. Deixou de ser uma fase final para ser uma fase de transição, tornando-se cada vez mais longa e sendo exigida cada vez mais a escolarização.

Grosso (2000, p.12) afirma que

[...] a sociedade moderna é construída não apenas sobre as estruturas de classe ou pelas estratificações sociais que lhe são próprias, mas também sobre as faixas etárias e a cronologização do curso da vida”(p.12). Acrescenta que “a criação das instituições modernas do século XIX e XX – como a escola, o Estado, o direito, o mundo do trabalho industrial, etc. –

também se baseou no reconhecimento das faixas etárias e na institucionalização do curso da vida.

Consoante Levi e Schmitt (1996), há pouco mais de 100 anos iniciaram as discussões sobre a juventude e os temores nela expressos.

Em 1904, o psicólogo Stanley Hall publicou sua obra “Adolescence”, anunciando a “descoberta” do adolescente americano. Hall foi muito influenciado pela Teoria de Darwin sobre a evolução das espécies. Segundo ele, os vários estágios da vida entre a infância e a idade adulta refletem os vários estágios da história evolutiva da humanidade.

Stanley Hall foi o primeiro a delimitar as dimensões básicas da experiência adolescente, bem como um período de tempestades e tormenta e associá-la ao desenvolvimento da individualidade.

Hall também foi influenciado por Rousseau. Presumia que a puberdade tornava o indivíduo mais flexível, vulnerável e volúvel, sendo mais sensível às influências externas. Ele associou a aceleração do progresso da civilização contemporânea.

Para Hall, a adolescência é um período vital no desenvolvimento humano. Além da capacidade reprodutiva na adolescência, o indivíduo adquire consciência das instituições que no futuro moldarão sua vida adulta (religião, economia, política e moral) e capacidades intelectuais para a verdadeira escolarização.

Com o surgimento da adolescência, acrescenta-se mais uma fase ao processo de desenvolvimento humano. Agora, essa etapa deixa de ser uma fase final para ser uma fase de transição, entre infância e idade adulta.

De acordo com Levi e Schmitt (1996), no decorrer do século XX, as discussões a respeito da adolescência nos EUA girava entre dois pólos: um exigia a liberdade e a possibilidade de autogoverno; outro, a de uniformizar, coletivizar e restituir ao social os impulsos criativos jovens.

Segundo estes autores, o processo que leva à concretização da adolescência como fase em si alcançou o auge após a 2ª. Guerra Mundial, mas somente na década de 1950 este termo expandiu-se e as discussões sobre seu significado e implicações generalizaram-se, adquirindo um estatuto legal e social, a ser disciplinado, regulamentado e protegido.

De acordo com Chapman (2001), a palavra adolescente começou a se popularizar durante a 2ª. Guerra Mundial e, desde o surgimento da denominada “cultura adolescente” até seu equivalente moderno, alguns temas têm estado constantemente presentes: independência e identidade própria, sendo que até o início da década de 1940, a independência era algo praticamente inconcebível para os adolescentes, pelo menos até o casamento.

Com o surgimento da industrialização, a identidade tornou-se uma questão de escolha. Era possível aprender uma profissão, como tecelão, sapateiro, etc., e ir trabalhar em uma fábrica, adquirindo, ao mesmo tempo a independência financeira.

Mas as mudanças estavam ocorrendo rapidamente, possibilitando novas maneiras de alcançar independência e identidade e, numa sociedade com rapidez de comunicação, os modelos foram se espalhando, sendo assimilados e modificados numa velocidade antes inimaginável.

De acordo com Coll, Palácios e Marchesi (1995), a revolução industrial modificou muitas coisas. Com a industrialização, a capacitação, a formação e o estudo ganharam maior importância. Os filhos das classes médias e altas passaram a permanecer mais nas escolas, que aumentaram em número, desenvolveram programas específicos e mais complexos e aumentaram suas exigências. No decorrer do século, começou a ser introduzido no ocidente o conceito de escolaridade obrigatória, chegando atualmente aos 16 anos. Vários são os adolescentes e jovens que continuam estudando após esta

escolaridade obrigatória, permanecendo no sistema acadêmico por mais tempo, gerando um “prolongamento” da adolescência.

Assim sendo, a inserção do adolescente ao mundo adulto retardou-se, formando um novo grupo que desenvolve hábitos próprios, enfrentando problemas peculiares. Desta forma, em nossa cultura, alguns dos sinais de identidade dos adolescentes, segundo Coll, Palácios e Marchesi (1995), são: “continuar no sistema escolar, sob a dependência dos pais, formando um grupo à parte, identificável como tal, etc” (p.265).

De acordo com esses autores, muitos jovens ocidentais considerados adolescentes podem ser caracterizados por ainda estar no sistema escolar, em outro contexto de aprendizagem profissional ou buscando um emprego estável; por ainda dependerem e morarem com os pais; por estarem realizando a transição de um sistema de apego centrado, ora na família, para um sistema de apego centrado em uma pessoa do sexo oposto, por sentirem-se membros de uma cultura de idade caracterizada por possuir sua própria moda, hábitos, estilo de vida e valores; por ter preocupações e aspirações que não são mais como eram na infância, mas que ainda não são as dos adultos. Essas são algumas das características da identidade dos adolescentes ocidentais.

E, segundo Erikson (1998), a identidade é a grande busca do adolescente. Ele atribui grande importância a essa etapa do desenvolvimento humano, ou seja, a adolescência, considerando-a como uma etapa de busca de uma identidade sexual, social e cognitiva, visando a transformação do homem num ser integrado com a sociedade e consigo próprio. Essa visão mostra que a teoria psicossocial leva cada vez mais a fundo as transformações sócio-históricas.

Compreendendo um pouco dessas transformações sócio-históricas e o processo de formação do jovem ao longo do tempo, fica mais fácil entender a fase da adolescência e o desenvolvimento do adolescente de hoje.

Consoante Conger (1979), no mundo atual é mais difícil dominar as tarefas evolutivas da adolescência. Pais e adolescentes se deparam com uma sociedade que sofre mudanças bruscas, em que a autoridade adulta está em defasagem e duvida-se da validade de várias instituições sociais e da coerência de padrões sociais que guiavam o indivíduo. Os papéis sociais e sexuais vêm se modificando no mundo de hoje, bem como as responsabilidades e privilégios ligados à independência e o tipo de identidade social e pessoal mais apropriada. Porém, as tarefas em si continuam essencialmente da mesma forma.

A habilidade do jovem de executar tais tarefas depende de vários fatores, tanto passados como presentes: a influência do seu grupo de pares; a quantidade e qualidade de apoio e compreensão das instituições sociais, como a escola; a atenção e interesse de adultos que não sejam da família, como professores, amigos, líderes religiosos, empregadores; e a própria condição e postura da sociedade como um todo em relação aos jovens.

Mas, seguindo-se a história dos jovens do Ocidente, a principal influência é dos pais, facilitando ou dificultando o desenvolvimento saudável do adolescente. E, no mundo de hoje, não tem sido fácil crescer, se tornar adolescente e ver crescer, ou seja, ver e participar do crescimento e desenvolvimento de um adolescente.

Na sociedade contemporânea, as expectativas frente ao adolescente têm se complicado, devido às mudanças sociais, morais e políticas que vêm ocorrendo de forma tão rápida nos últimos tempos. Assim, os adolescentes acabam crescendo num mundo completamente diferente daquele em que seus pais e professores cresceram, o que pode fazer com que os pais e professores tenham mais dificuldades para compreender a adolescência dos seus filhos e alunos.

Desta forma, muito tempo se passou, registrando na história dos jovens as marcas das grandes transformações traçadas pelo mundo moderno. Mas, de acordo com Sevcenko (1998, p.11)

[...] embora estejamos convivendo hoje com um momento ainda mais intensamente marcado pela saturação tecnológica, podemos perceber que é dentro dessa configuração histórica moderna a partir da passagem do século, que encontramos nossa identidade.

### **1.2 – Adolescência enquanto uma Visão de Desenvolvimento**

O tema “desenvolvimento humano” tem sido bastante discutido hoje em dia. Mas é preciso entender que o desenvolvimento é um processo contínuo, que vai desde a concepção até a morte do indivíduo. Há uma preocupação de vários estudiosos, profissionais e dos próprios pais em relação às mudanças que as crianças e os adolescentes têm sofrido. Essas mudanças têm acontecido rapidamente e isso pode causar algumas dificuldades no relacionamento entre as gerações.

Segundo Biasoli-Alves (1985), as gerações mais nova e mais velha vão aprender uma com a outra e enquanto a criança adquire comportamentos compatíveis com o esperado pelos adultos socializados, estes vão gradativamente assimilando as formas e maneiras mais produtivas de lidar com ela. Assim, a geração mais velha por estar aprendendo com a mais nova o seu papel de socializador, está se desenvolvendo dentro dessa função. Sendo assim, há uma troca de aprendizagens nessa relação “geração mais velha” e “geração mais nova”.

As necessidades do ser humano, em cada fase de seu desenvolvimento, vão se modificando ao longo do tempo, bem como as tarefas propostas pelo ambiente, que

acontecem ora mais lenta, ora mais rápida, mais tranqüila ou mais íngreme. Mas para que isso aconteça, é preciso analisar tanto o social, como o motor, o intelectual e o afetivo do indivíduo.

Conforme Biasoli-Alves (1985), há dois caminhos a serem seguidos no que se refere ao desenvolvimento humano:

1 – O indivíduo caminha da dependência estrita para a independência.

2 – O comportamento do indivíduo passa do controle essencialmente externo (ambiente) para o autocontrole.

Ressalta-se que estes caminhos teriam fases, seqüentes e interligadas umas às outras e, dependendo do indivíduo e de seu ambiente que duram mais ou menos tempo.

### **1.2.1 - Da infância à Adolescência**

A primeira etapa do desenvolvimento da criança, que vai de zero a um ano e meio de idade, aproximadamente, é caracterizada por sua total dependência ao meio ambiente. Sua sobrevivência depende de cuidados externos, como alimentação, higiene, calor, etc.

*Loevinger apud Biasoli-Alves (1985)* refere-se a esses primeiros meses de vida do bebê, primeira fase do desenvolvimento do ego, como estágio pré-social ou autístico. O papel do ambiente é de fundamental importância. A mãe e outras pessoas próximas que ajudam no prover o necessário para a sobrevivência do bebê, os ajudam a discriminar as qualidades dos objetos e a significância e separação dos outros. A rotina no caos das primeiras experiências da criança tem um valor essencial no processo de auto-consciência.

No decorrer desse processo, o bebê desenvolve um forte vínculo com a mãe e entra num estágio do ego denominado, por *Loevinger*, de simbiótico.



Para Erikson (1998), a tarefa principal da infância é o desenvolvimento de uma confiança básica nos outros. Ele crê que durante os primeiros meses e anos da vida o bebê aprende se o mundo é um bom lugar para viver ou se é um lugar de tristezas, dor, frustração e incerteza.

Para este autor, a criança é completamente dependente de um cuidador por um determinado tempo e precisa saber que pode depender do mundo exterior. Tendo suas necessidades básicas satisfeitas pelo ambiente, é mais provável que ela desenvolva uma confiança básica no mundo, que depois se transformará em auto-confiança, fator fundamental para a continuação de seu desenvolvimento.

Segundo Bowlby (1990), uma das tarefas mais importantes do desenvolvimento na infância é a aquisição de uma ligação de apego entre a criança, sua mãe e outras pessoas significativas do seu ambiente.

O apego começa a se manifestar aproximadamente aos dois meses, quando o bebê sorri com mais clareza, estende os braços para a mãe e, por volta dos oito meses, surge o medo dos estranhos, mostrando que o bebê já consegue discernir o familiar do não-familiar. E é dentro da relação mãe-criança que o apego se desenvolve.

Sendo cumprida essa tarefa de socialização da primeira etapa, o bebê começa a demonstrar outras necessidades, quase opostas e entre um ano e meio e três anos de idade, aproximadamente, a criança começa a demonstrar uma necessidade de autonomia, pois passa a se enxergar como separada da mãe, precisando testar tudo.

Para Erikson (1972), nesta fase a grande tarefa do desenvolvimento é atingir um sentido de autonomia. Apesar de ainda depender dos pais, a criança começa a se ver separada deles.

De acordo com Biasoli-Alves (1985), além dessa autonomia que a criança busca, neste momento também aparecem alguns impulsos como: o de aquisição, em que

a criança pega tudo, ou seja, tudo é dela, tornando a convivência com outras crianças mais difícil; o de agressão, em que a criança reage muitas vezes batendo, fazendo birra às frustrações que o ambiente lhe impõe; e o sexual, em que a criança começa a explorar as sensações produzidas pelo corpo ao tocar seus órgãos genitais.

Conforme Herbert *apud* Biasoli-Alves (1985), o amor e a afeição dos pais para com a criança durante este período, diante de seus impulsos e fracassos, são de fundamental importância na evolução da auto-imagem. O posicionamento dos pais, suas atitudes informam à criança sobre sua competência, bondade e força. Correspondendo ou não às expectativas dos pais, as conseqüências irão ao encontro da formação do seu auto-conceito.

Com o tempo, a criança passa a buscar ainda mais independência, que vai além da autonomia pura e simples, indicando também uma necessidade de ter iniciativa. Esta etapa se dá entre três e cinco anos e fundamenta a tarefa da comunicação verbal da criança. Agora ela se encontra preparada para transmitir uma gama complexa de informações, sendo capaz de iniciar tarefas, propor atividades, antecipar-se no ambiente, manifestando no final dessa fase, ter crescido em auto-conhecimento e adquirido maior domínio da realidade que a cerca, distinguindo fatos de fantasias e sabendo expressar o porquê das coisas.

Neste momento, a criança brinca muito com o “faz-de-conta”, trabalhando não só as informações que recebe do meio ambiente, mas também seus sentimentos e desejos. Além disso, geralmente ensaia “papéis”, desenvolvendo sua capacidade de empatia.

É o momento também da imitação dos modelos. Antes ela se ligou aos adultos significantes, agora se identifica com eles, os imita, até assumir seus valores, suas atitudes e formas de reagir às várias situações de vida.

Herbert *apud* Biasoli-Alves (1985) afirma que, nesta fase, crescem os contatos sociais da criança. De 3 a 5 anos o número de amigos aumenta e, depois, diminui, passando as ligações a serem apenas com algumas crianças. Neste momento as crianças mais populares, que lideram as brincadeiras, por exemplo, já podem ser identificadas, bem como as menos populares, que costumam ficar mais isoladas.

Segundo Loevinger *apud* Biasoli-Alves (1985), a criança entra num estágio conformista no final do estágio pré-escolar. As regras estão parcialmente internalizadas e são obedecidas simplesmente por serem regras. A vergonha, neste momento, é a principal conseqüência da transgressão dessas regras.

Aproximadamente aos seis anos surge a escola, um importante socializador na vida da criança. Com ela vem uma vasta gama de tarefas que vão testar as capacidades da criança de se sentir responsável e de realizar as exigências da sua nova situação.

Nesta etapa, que vai dos cinco aos doze anos aproximadamente, a grande tarefa de desenvolvimento encontra-se em adquirir um sentido de dever e realização, em que a criança trabalha mais com tarefas reais, que a levarão a obter competências acadêmicas e sociais.

É uma fase de teste do processo de socialização até então vivenciado, sendo o seu sucesso ou fracasso ligado ao que ela traz consigo para a Escola, iniciando sua aprendizagem formal.

Por isso, a afeição para com ela precisa ter gerado segurança, a fim de que possa conviver com tranquilidade com outros adultos em ambientes diferentes, para adaptar-se e seguir normas, ter o sentimento de que testar e enfrentar novas situações é algo bom e, principalmente, que tenha adquirido e desenvolvido uma auto-imagem positiva. Esta auto-imagem é conseqüência da visão que ela acredita que os pais têm sobre ela e irá determinar suas expectativas diante da sua situação escolar. Satisfeitas

essas condições, a criança terá o necessário para poder realizar adequadamente suas novas tarefas.

Sendo assim, são as áreas intelectual, social e emocional que fundamentam a realização das necessidades nessa fase. Consoante Erikson (1998), a grande tarefa do desenvolvimento nesta etapa é a de adquirir um sentido de dever e realização.

Para Herbert *apud* Biasoli-Alves (1985), o universo social da criança cresce bastante devido ao fato dela, agora, freqüentar a Escola, e os professores, os colegas e os amigos tornarem-se influências sociais importantes e, para que se desenvolva bem nesta fase, precisa adaptar-se bem à escola. Além disso, agora a criança imita menos e consegue diferenciar mais o certo do errado.

Conforme Biasoli-Alves (1985), a família continua sendo o primeiro socializador da criança. E depende dela a escolha da Escola. Cabe à família apoiar a criança, valorizar seu trabalho na Escola, o ganho de competências e habilidades.

Para esta autora, juntamente com essas tarefas da escolarização, nesta fase dos 6 aos doze anos, a família precisa enfrentar a continuação do processo de socialização da criança em outros aspectos, que ultrapassam a vida escolar. Ao longo desses seis anos, a criança pede maior liberdade para decidir e fazer, busca mais contatos com crianças de sua idade, iniciando um certo afastamento do domínio da família. Então os pais se vêem aos poucos com necessidade de discutir, rever, ceder ou impor normas. Assim, ao término desta etapa, a família se depara com comportamentos e atitudes do filho que marcarão o período precedente.

### **1.2.2- Puberdade e Desenvolvimento Físico**

Aos 12 anos surge uma nova fase que, para Biasoli-Alves (1985), costuma ser dividida em: puberdade, que é uma época de grandes transformações orgânicas; e adolescência, momento de grandes transformações comportamentais.

A puberdade costuma se iniciar antes nas meninas do que nos meninos, mas em ambos ela caracteriza um estirão do crescimento e desenvolvimento de características secundárias. Refere-se aos fenômenos fisiológicos e anatômicos, às alterações hormonais que preparam para a reprodução.

Conforme Conger (1979), o termo “puberdade” é derivado da palavra latina *pubertas*, que significa “idade da virilidade”.

De acordo com Osório (1992), a puberdade inicia-se com o crescimento dos pêlos em certas regiões do corpo, como a região pubiana e as axilas, em ambos os sexos. Conger (1979) afirma que, antes de alcançar este estágio, o processo já vinha ocorrendo internamente, com o crescimento dos testículos, nos meninos, e dos ovários, nas meninas.

Conforme Zampieri (2004), nas garotas é o estrogênio o principal responsável pelas particularidades femininas. Provoca o crescimento e o desenvolvimento da vagina, do útero, dos lábios, do clitóris, das trompas de Falópio e o aumento das mamas, com pigmentação das aréolas e mamilos. Os contornos do corpo são esculpidos, os pêlos púbicos e da axila aparecem, vêm a menstruação e as freqüentes mudanças de humor.

No garoto, a testosterona é responsável pelo aumento dos testículos, seguido pelo crescimento do pênis, do escroto e de uma mudança inicial na voz. Surgem tanto os pêlos púbicos como os pêlos axilares e entre o lábio superior e a base do nariz. Os espermatozóides começam a ser produzidos e as primeiras emissões de sêmen começam a ocorrer, seja de forma induzida, isto é, através da masturbação, seja naturalmente,

através das poluções noturnas. A ereção peniana torna-se freqüente. O aumento da estatura e o fortalecimento da musculatura são provocados pelos androgênios. A mudança na voz se acentua, os pêlos corporais aparecem nitidamente e a barba cresce. Tanto o humor como a personalidade sofrem alterações.

Assim são a primeira ejaculação ou emissão do esperma do menino e a menarca ou primeira menstruação da menina, os indicadores internos da capacidade biológica de reprodução e a confirmação da chegada da puberdade. Isso é universal e acontece na segunda década da vida.

Para Zampieri (2004), as influências hormonais aliadas aos costumes sociais são determinantes nas divergências vivenciadas por meninas e meninos adolescentes.

De acordo com Herbert *apud* Biasoli-Alves (1985), o desenvolvimento psico-sexual nesta fase é bem intenso, ainda que a manifestação do interesse sexual na adolescência seja também bastante influenciada por expectativas e restrições sócio-culturais e familiares.

Consoante Osório (1992), com as modificações biológicas características da puberdade, os adolescentes vivenciam uma série de eventos psicológicos que resultam na aquisição de sua identidade sexual, através de sua imagem corporal.

Para este autor, a estrutura da imagem corporal é determinada por: a) percepção subjetiva da aparência e habilidade à função; b) fatores psicológicos internalizados; c) fatores sociológicos .

Conforme seu corpo se transforme e adquira a forma adulta, o adolescente vai formando a definitiva imagem corporal de seu sexo. Muitas são as ansiedades dessa fase, especialmente aquelas relacionadas aos caracteres sexuais secundários, como o tamanho do pênis e da mama.

Para Coll, Palacios e Marchesi (1995), a adolescência é a fase da vida em que se está mais atento ao desenvolvimento e características do próprio corpo, suas semelhanças e discrepâncias com relação ao corpo de outras pessoas. Em nossa cultura, há uma série de estereótipos de beleza que faz com que o adolescente se valorize, caso cumpra as exigências destes estereótipos, ou se sinta desconfortável, caso se distancie dos mesmos. Isso interfere na construção de sua auto-imagem, podendo ajudá-lo ou prejudicá-lo, nos mais diferentes aspectos.

As vestimentas, tidas como extensões do próprio corpo passam a ser muito importantes, já que podem ser modificadas e, às vezes, o corpo não. Além disso, é uma forma de se agregar a novos grupos de iguais

Coll, Palacios e Marchesi (1995) se referem apenas a uma média de idade em que acontecem estas mudanças. Afirmam que nos meninos essas transformações acontecem em média aos 12-13 anos de idade e terminam aos 16-18 anos. Nas meninas, iniciam-se entre os 10-11 anos de idade e terminam por volta dos 14-16 anos, ou seja, geralmente surge antes dos meninos. Mas isso pode variar tanto o início, como o término, por isso consideram a média. Apesar disso, são mudanças que, em sua seqüência, acontecem com todos os adolescentes, ou seja, são universais, independentes da idade em que se iniciam ou finalizam.

Segundo estes autores, várias são as causas pelas quais este desenvolvimento acontece mais cedo ou mais tarde. Acredita-se em fatores genéticos e ambientais, inclusive a alimentação. Nos últimos cem anos tem-se produzido uma aceleração deste processo, afetando não apenas uma época histórica em relação à outra, mas também uma cultura comparada a outra de uma mesma época, como por exemplo, a menarca em meninas urbanas e rurais, indicando a influência de aspectos como a alimentação, a história de saúde, hábitos de vida, etc.

### 1.2.3- Adolescência e Construção da Consciência Moral e da Identidade

Já a adolescência relaciona-se às mudanças psicossociais ocorridas nesta faixa-etária. É quando se estabelece a identidade sexual, há a individualização e a aquisição da identidade. A adolescência não tem, necessariamente, o mesmo padrão de características, expressões e formas em todas as culturas, já que é resultado também das pressões e influências exercidas pelo meio em que está sendo vivenciada.

Baptista Neto e Osório (2000), colocam que a adolescência tanto pode anteceder quanto suceder a puberdade e determinar seu início é uma tarefa singularmente complexa.

Consoante Relvas (1996), a adolescência é uma etapa em que há uma imensa gama de expectativas e valores *a priori* bastante positivos ou negativos, sendo as vezes antagônicos, mas dificilmente indiferentes.

Winnicott (1993) considera a adolescência como uma etapa freqüentemente tratada como problema por toda a família, ao invés de um processo em que o jovem está vivenciando para, com o passar dos anos, tornar-se um adulto consciente e conectado à sociedade.

Freud (1973) vê as perturbações do adolescente como indicações externas da ocorrência de adaptações internas indispensáveis ao alcance de uma sexualidade adulta.

Para Aberastury (1990), a adolescência é um instante fundamental da vida do ser humano e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou no nascimento, havendo um desencadeamento de fortes e intensas emoções com transformações fisiológicas, emocionais e intelectuais.

Conforme Doron e Parot (1998), a adolescência é um campo psicológico privilegiado para se estudar a mudança devido ao fato de ser uma fase de reestruturação tanto afetiva como intelectual da personalidade e também ser um processo de



individação e metabolização das mudanças fisiológicas ligadas à integração do corpo sexuado.

Elias, Tobias e Friedlander (2001) consideram a adolescência como sendo um processo, não um produto final e nem mesmo uma parada na estrada que é a vida. Afirmam que a tarefa dos pais é garantir que seus filhos alcancem a meta concreta de se tornarem adultos emocionalmente inteligentes, com o menor número possível de acidentes ao longo do caminho e ajudá-los quando têm algum problema. Além disso, acreditam que a adolescência serve para aprender como se tornar um adulto e não para aprender como se tornar um adolescente bem-sucedido.

Osório (1992) considera que é nesta fase que todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo atinge seu auge. É durante a adolescência que a auto-estruturação da identidade torna-se psicologicamente mais orientada.

Conforme Erikson (1972), a tarefa principal do adolescente é estabelecer uma identidade pessoal. Ele preocupa-se muito mais com o “como” as pessoas o vêem, comparando essa visão com a visão de si mesmo. E apesar de importar-se com a visão de outras pessoas, também questiona muito, possui muitas dúvidas, tentando encontrar uma posição com relação às crises que ele enfrenta.

Carter e McGoldrick (1995) dizem que a identidade refere-se à opinião pessoal sobre quais traços e características o descrevem melhor e que a auto-estrutura sofre sua maior modificação durante a adolescência, quando parece tornar-se mais abstrata e psicologicamente orientada, vindo-se acompanhada por uma legião de mudanças fisiológicas, cognitivas e de circunstâncias de vida que fazem da adolescência um período cheio de desafios: mudanças fisiológicas, emocionais e intelectuais que influenciam em suas relações sociais.

É uma fase bastante turbulenta para o indivíduo, pois vivencia uma série de sentimentos e tem fortes oscilações de humor, muitas vezes incomodando o seu ambiente e gerando conflitos em suas relações.

Os sentimentos mistos dos adolescentes sobre independência e dependência sempre surgem, sendo que o sentimento de independência pode ser ora sedutor, ora assustador. Sendo assustador, um conforto vem na segurança da dependência infantil, a certeza de que os pais de alguma forma se responsabilizam por eles.

Segundo Erikson (1950), o esforço do adolescente para dar sentido a si próprio não é um tipo de enfermidade de maturação, mas parte de um processo salubre e vital alicerçado nas realizações dos estágios anteriores – confiança, autonomia, iniciativa e diligência – e que estabelece as bases para enfrentar as crises da vida adulta.

O sentido de identidade relaciona-se tanto com uma necessidade do indivíduo de se perceber como único, separado dos outros, quanto de uma percepção de unidade do próprio eu, guiado por um conjunto de padrões ideais de atuação.

O adolescente que tem uma boa noção de identidade se vê como um indivíduo diferente, separado dos outros, mas com uma unidade do próprio eu, independente de compartilhar motivos, valores e interesses com outros. Mas um senso de identidade adequado requer uma autopercepção estável do eu através do tempo, percebendo que a pessoa que se é hoje possui semelhanças com a que se era ontem e que será amanhã. Há uma coerência, uma continuação do processo de “vir-a-ser”. E deve-se lembrar que esse processo de identidade se inicia nos primeiros anos de vida e continua por um bom tempo.

Mas a verdadeira identidade é construída aos poucos e, juntamente com sua evolução, surge, inevitavelmente, uma mudança no relacionamento afetivo entre pais e filhos.

Conforme vai lidando com os desafios de uma independência social, econômica e emocional, vai também desenvolvendo sua “filosofia de vida”. Uma visão de mundo e um conjunto de crenças e padrões morais que serão, a partir de agora, seu ponto de referência.

Enquanto crescem, os horizontes do mundo intelectual e emocional do adolescente se expandem e passam a incluir idéias que ultrapassam os prazeres e preocupações simples e naturais dos primeiros anos. Assim, vai descobrindo valores abstratos, como liberdade, beleza, privacidade, etc., produto não só das suas próprias conclusões, mas também da instrução, exemplo e doutrinação da sociedade em que vive. Mas antes de deixar de lado a dependência infantil, ele deve ter uma noção de quem é, para onde vai e quais são as possibilidades de chegar onde quer.

O trabalho de construção de consciência moral, ou seja, de seu conjunto de regras, atitudes e qualidades que possibilita uma convivência social adequada, é intenso e com muitas instabilidades. Por isso, o ambiente precisa assumir um indivíduo em fase de vir-a-ser, dando o tempo necessário a ele para encontrar e assumir sua identidade e firmar seu conjunto de normas, valores e regras, sendo capaz de se dirigir em diversas situações.

Segundo Herbert *apud* Biasoli-Alves (1985), o desenvolvimento de padrões morais que unificariam o indivíduo acontece através do “ego ideal”. No decorrer da infância e da adolescência, o conceito de criança, de um ego ideal, se move por meio de um estágio romântico e atinge o auge no final da adolescência, como um conjunto de qualidades muito desejáveis.

Mas os egos ideais criam um problema, que é o distanciamento entre o ideal e como o indivíduo se percebe. Quanto maior a distância, menor o ajustamento, maior a

ansiedade, a insegurança e a depressão. Assim, este é um período de forte idealismo que pode incluir uma rejeição de várias normas e padrões de sociedade.

Consoante Biasoli-Alves (1985), para o adolescente questionar é fundamental. O adolescente busca encontrar a sua própria posição diante da crise que enfrenta, mesmo que continue dependendo da visão e dos ideais de outras pessoas. O questionamento representa uma necessidade muito forte de encontrar sua própria verdade, seja como auto-imagem, seja frente aos egos-ideais, seja como busca de realização pessoal. Além disso, é uma forma de retornar valores, padrões e normas e repensar tudo e transformar o que recebeu do meio em algo novo e pessoal. Ele também precisa estar ciente do que ele, a adolescência em si e seu ambiente significam, para que possa estar mais bem preparado para enfrentar a idade adulta.

É bem provável que este seja o momento da vida de uma pessoa em que ela mais se preocupa com questões de valores morais e padrões de comportamentos ideais. É um período de forte idealismo, que pode envolver resistência a várias normas e padrões da sociedade, gerando medo nos pais em relação ao relacionamento com os filhos.

Segundo Rutter (1975), em determinados casos esse idealismo pode incluir certa rebelião contra a casa de origem, só que mais freqüentemente o ativismo sócio-político do jovem seja uma extensão do desenvolvimento do idealismo dos seus pais. Em contrapartida aos ativistas, há os adolescentes socialmente alienados, que rejeitaram valores numa escala bem mais vasta.

Mas é preciso permitir ao adolescente caminhar por si mesmo, exercer controle sobre seu próprio comportamento. Se isso não acontecer, poderá atrapalhar seu desenvolvimento e o adolescente continuará dependente, da família ou de alguma outra

pessoa que exerça alguma autoridade sobre ele, para decidir se o seu comportamento é certo ou errado.

Nesta etapa, o amor e a afeição dos pais são de fundamental importância, principalmente para que ele possa construir uma boa auto-imagem. As atitudes e o comportamento da família frente ao adolescente nesse momento influenciarão o conceito que ele estará formando de si mesmo.

#### **1.2.4- Relação Pais – Filhos Adolescentes**

No início da adolescência, o maior investimento emocional do indivíduo ainda é em sua família. No decorrer do tempo, este investimento vai diminuindo e formando uma maior independência afetiva.

De acordo com Bruschini (1997), a família é um grupo social de indivíduos diferentes em sexo e idade, que se relacionam no cotidiano, gerando uma dinâmica e complexa trama de emoções. Ela funciona como uma instituição de mediação entre o indivíduo e a sociedade, construindo a sua própria cultura, formando a sua individualidade, e reproduzindo culturas e ideologias vindas de fora. Assim, influencia a sociedade e é por ela influenciada, ao longo de sua história.

Conforme Carter e McGoldrick (1995), a adolescência exige mudanças estruturais e renegociação de papéis nas famílias, com o envolvimento de pelo menos três gerações de parentes e alguns estresses e tensões normais; porém, quando são exacerbados, os pais podem sentir uma profunda insatisfação e são forçados a fazer mudanças em si mesmos.

O papel dos pais pode ser de suma importância no desenvolvimento do adolescente, contribuindo de forma positiva ou negativa para o desenvolvimento de um

forte sentido de identidade. Aqueles que tiverem uma identidade bem definida podem ser bons modelos para os filhos, facilitando essa tarefa do adolescente.

A adolescência é um período de desafios e até mesmo de dificuldades, tanto para o adolescente quanto para seus pais, pois as várias mudanças atingem não só o adolescente, mas também os pais e o relacionamento entre eles.

Conforme Relvas (1996) os conflitos familiares são previsíveis, pois o adolescente começa a perceber que os valores e comportamentos de sua família não são os únicos possíveis, podendo até achar que o jeito de ser de outros pais pode, inclusive, ser melhor do que o de seus pais. Embora, geralmente, eles acabem concluindo que as opiniões e pensamentos dos seus pais possam ser válidos.

Os pais são cada vez menos percebidos como autoridade, pois os adolescentes passam a se considerar mais competentes e aptos a tomarem certas decisões. Daí a oposição ou rejeição aos avisos, instruções e recomendações dados pelos pais e a crescente desobediência nesta fase.

De acordo com Carrenho (2002), os pais também sofrem um processo de luto, pela perda de sua condição de adulto jovem e, ao contrário dos filhos, agarram-se ao passado no intuito de eternizar sua juventude.

Neste momento, os pais confrontam-se com a realidade de sua própria finitude levando-os a equacionar o que aspirar para os últimos anos da sua vida. Percebem que os filhos cresceram e que suas preocupações não são valorizadas. A função paterna se torna desnecessária ou secundária.

Consoante Jersild (1967), a relação do adolescente com seus pais pode ser considerada como um drama em três atos. No primeiro, o jovem permanece tendo necessidade dos pais, dependendo e sendo influenciado por eles, como na infância. Porém, começa a mostrar-se mais consciente do que é como pessoa, sendo cada vez

mais envolvido pelo mundo fora de casa, em que teria que residir como um adulto auto-dirigido.

No segundo ato, vem a luta pela emancipação. É preciso vencer a dependência infantil e renunciar à submissão em relação aos pais para se tornar adulto, transferindo essa dependência para futuros companheiros. Pode ser que esta luta pela emancipação seja tranqüila e o adolescente consiga assumir cada vez mais responsabilidade para si próprio. Porém, ela pode também ser bastante turbulenta, cheia de conflitos e carregada de angústia, tanto para os jovens como para seus pais.

No terceiro ato, correndo tudo bem, a luta vai se acalmando à medida que o adolescente ocupa o seu lugar no meio adulto. No entanto, o drama ainda não acabou, pois a influência dos pais se estende também à vida adulta dos filhos. Muitos que, antes dos 20 anos se rebelavam contra as idéias e atitudes dos pais, adotam a mesma posição dos pais quando adultos, enquanto outros continuam julgando seus pais e seus sentimentos a respeito deles. Alguns guardam mágoas e outros passam a ter profundo carinho pelos pais, outros têm os seus próprios filhos e aprendem a reconhecer e apreciar o valor de seus progenitores.

Destarte Oliveira e Lopes (1997), a explicação sistêmica das relações pais-filhos dá ênfase à reciprocidade, correlacionando de forma positiva autonomia e apego, dando lugar para a coexistência da individualidade e do vínculo nas relações familiares, como indicativos de amadurecimento no desenvolvimento psicológico.

A autonomia não pode ser confundida com a desconexão emocional dos pais. Os adolescentes estão apenas tendo mais domínio sobre a tomada de decisões de suas vidas e tornando-se menos dependentes dos pais psicologicamente.

Conforme Relvas (1996), a autonomia concedida pelos pais deve oscilar dependendo da circunstância e dos temas nela envolvidos. Assim, a área de

cumprimento da autoridade parental precisa estar entre a autonomia do adolescente e a autonomia da família, de forma a não colidir com a dignidade do adolescente, sua necessidade de afirmação, auto-estima, confiança e, concomitantemente, propiciar apoio e segurança necessários a ele.

A função da família, nesta fase, passa a ser a de sistema de apoio emocional, onde os pais ajudam os adolescentes a prepararem-se para a autonomia e para os papéis adultos referentes à socialização, relacionamento, afetividade e trabalho.

Para este autor, a negociação e a execução das normas constituídas nesta etapa é importante para o estabelecimento da confiança recíproca entre pais e filhos. Assim sendo, as divergências entre pais e filhos poderão ser saudáveis se produzirem conversações abertas e contextualizadas e, ainda, sua finalidade maior não será o consenso de seus pontos de vista e sim o enriquecimento da relação. Este tipo de diálogo é a demonstração da flexibilização da autoridade.

Desta forma, segundo Biasoli-Alves (1985), é importante que, para um desenvolvimento tranquilo na adolescência, os pais diminuam sua autoridade progressivamente, sem muita possessividade, mas também sem cair numa permissividade prematura, a fim de fazer com que o adolescente vá, aos poucos, assumindo a responsabilidade pela sua independência, isto é, os pais precisariam manter certo grau de disciplina até que a auto-disciplina do filho estivesse devidamente completa. Além disso, é muito importante haver uma comunicação franca e recíproca, dos pais para com o filho e deste para com aqueles.

É necessário conversar com os adolescentes, ter tempo pra eles e com eles. Assim, é possível discutir suas realizações, metas, restrições a sua liberdade, os valores, regras e normas vigentes frente aos do passado, ainda que buscando respeitar as convicções e atitudes por eles manifestas.



Para Biasoli-Alves (1985), é preciso ter bastante senso de humor, pois vários comportamentos dos adolescentes são caricaturas ou uma oposição desafiadora diante da forma como o adulto age. Também é bom que os pais se lembrem da própria adolescência e tenham em mente que a adolescência tem um bom prognóstico, sendo que os rebeldes de ontem são os pais preocupados de hoje.

Segundo Relvas (1996), a família deve definir um novo equilíbrio entre o individual, o familiar e o social e ter flexibilidade em termos de limite, possibilitando ao jovem transitar entre o interior e o exterior do sistema familiar.

Essas freqüentes redefinições de limites proporcionam uma renegociação funcional que avança com “uma nova definição dos filhos no interior da família bem como dos papéis parentais que lhe deverão ser correlativos”. (Relvas, 1996, p.155)

Garcia Preto (2001) diz que a busca por uma auto-imagem separada, clara e positiva pode fazer com que alguns adolescentes desafiem e até invistam contra os costumes de sua família. Na tentativa de construção da auto-identidade, eles podem divergir dos pais em relação a seus costumes, idéias e valores.

Para Garcia Preto (2001), os sentimentos de abandono e perda experimentados pela maioria das famílias acontece na medida em que o adolescente fortalece suas alianças fora e diminui sua participação em casa.

Chama-se atenção para dois pontos: primeiro é preciso lembrar que, durante um bom tempo, os pais tiveram quase que total controle sobre a vida dos filhos, procurando influenciá-los fortemente a adotar os padrões e valores do seu grupo social; segundo, que o filho, sob sua direção, foi aprendendo a se controlar, até mesmo porque tinha que se conformar às regras do seu meio.

Enquanto isso a família continua com as mesmas funções, seja a de manter um relacionamento sadio, caloroso e afetivo com o adolescente, seja o de também permitir ao adolescente que expresse seus valores, sentimentos e maneiras de pensar.

Sendo assim, o adolescente deve ter na família um ponto de apoio, carinho e não de rejeição. É preciso ter uma comunicação adequada e um bom posicionamento diante dos valores da vida e das normas de conduta, ao invés de silêncio, disfarce ou indiferença. No mais, resta confiar nele com a certeza de que se sairá bem.

Desta forma, o ambiente familiar precisa assumir um indivíduo ainda em processo de “vir-a-ser” e que por isso mesmo é confuso, por vezes instável, capaz de grandes projetos e realizações miúdas ao mesmo tempo, bastante idealista e crítico.

### **1.2.5- Relação Adolescente – Grupo de Pares**

Segundo Conger (1979), nesta fase os companheiros, ou seja, os amigos com quem o adolescente tende a passar muito tempo, desempenham um papel fundamental em seu desenvolvimento social e psicológico, auxiliando-o a definir sua própria identidade.

Para este autor, mais do que em qualquer outra fase, a pessoa precisa aprender a compartilhar com outros suas emoções tanto positivas, como negativas, bem como suas dúvidas, experiências, objetivos e sonhos. Assim, a importância do grupo é muito grande e não é de se assustar que cresça a necessidade do jovem de ser aceito pelos demais, conformando-se com os padrões, comportamentos, modismos e manias do grupo.

Conger (1979, p.70) enquadra as relações entre adolescente e companheiros em três categorias:

[...] A ‘Turma’, mais ampla; a menor, isto é, um ‘grupinho’ mais íntimo, e as ‘amizades’ pessoais. A turma serve como um reservatório para as atividades sociais mais amplas e organizadas, enquanto que o grupo, mais íntimo e coeso, proporciona uma fonte de segurança e companheirismo. Nesse pequeno grupo, baseados na atração mútua, os membros podem trocar informações, debater planos para as atividades da turma e compartilhar alguns de seus sonhos, esperanças e preocupações – embora não com a mesma intensidade com que o fazem com um amigo mais chegado... As amizades ocupam um lugar especial. São mais íntimas, envolvem sentimentos mais intensos e são mais francas e honestas do que outras relações.

Destarte Biasoli-Alves (1985), os grupos e as “gangs” tornam-se mais relevantes durante a puberdade. Inicialmente tendem a ser grupos isolados de crianças de um mesmo sexo, mas que se juntam a inúmeros outros para fazerem as coisas conjuntamente. Algumas vezes podem assumir a forma de uma “gang” com um líder, porém com estrutura mais informal e mutável. Depois, tende a se evoluir aos pares.

Conforme Relvas (1996), o grupo funciona como uma força socializadora de modo equivalente ao subsistema fraterno, permitindo a competição, a solidariedade e definição de limites e normas nas relações sem a hierarquia familiar.

De acordo com Oliveira e Lopes (1997), os interesses e anseios dos adolescentes se dividem entre grupos de diferentes referências – pais e companheiros – em que a natureza da questão é o fator principal: em assuntos de carreira, educação e finanças, os jovens solicitam mais os pais. Em atividades ligadas a subcultura grupal, como vestimentas, eventos sociais, compromissos amorosos, tipo de música e leitura, solicitam mais os amigos.

Relvas (1996) difere dois tipos de grupos de iguais: os formais, compostos por filhos de amigos ou conhecidos, que têm o aval da família e são bem recebidos; e os

informais ou "grupos da rua", compostos por pessoas selecionadas pelo adolescente na escola e em outros contatos externos. Em algumas situações os dois tipos passam a coexistir ou tornam-se mistos. Em outras, a distinção prevalece e os grupos informais podem ser tidos pela família como os principais responsáveis pelas dificuldades relacionais existentes.

Relvas, 1996, sintetiza as principais funções do grupo de iguais na adolescência: facilitar a separação do adolescente em relação à família ao admitir que ele pense e experimente com segurança valores não necessariamente presentes ou aceitáveis nela; beneficiar a aquisição de conformismo frente às normas e a distinção entre limites pessoais e sociais ou convencionais; e permitir o desenvolvimento de um auto-conceito positivo, garantindo a ele que sua aceitação no grupo foi merecida e não oferecida.

Consoante Conger (1979), os adolescentes desejam a lealdade, confiança e apoio dos amigos nas crises emocionais. Os amigos podem auxiliar a lidar com sentimentos próprios e de outros, proporcionando a sensação que o adolescente não está sozinho no que está enfrentando.

Assim, as amigas assumem cada vez mais um importante papel na vida dos jovens. Tornam-se mais íntimas com o compartilhar de situações e sentimentos mais profundos. Daí os pais começam a perder o controle sobre a amizade dos filhos, que agora, mais do que antes, passam a ser escolhidas pelos próprios adolescentes.

Dessa maneira, a quantidade e a qualidade das interações com os amigos beneficiam o amadurecimento afetivo, social, cognitivo e intelectual, assim como a aquisição de papéis, normas e valores sociais.

São estes amigos que entendem melhor as idéias do adolescente, têm os mesmos interesses, as mesmas aspirações e estão dispostos a enfrentar os mesmos desafios.

Ainda que o jovem se torne muito condicionado aos valores, conceitos e julgamentos de seus amigos, o que leva à uniformidade de comportamentos, vestuários, vocabulários e gírias, o relacionamento com o grupo não implica necessariamente em riscos para o adolescente. O vínculo com o grupo muitas vezes é positivo e proporciona a solidariedade, o espírito de equipe e a formação de lideranças positivas, oferecendo suporte, segurança e ligação emocional no exterior da família.

Garcia Preto (2001) avalia o consentimento e o encorajamento dos pais igualmente importantes para que eles se tornem mais responsáveis por si mesmos.

Consoante Relvas (1996), se os pais encararem o grupo como um terceiro indesejável e restringir coercivamente a participação do adolescente no mesmo, em qualquer hipótese, estarão reforçando sua influência perante ele.

Além das relações com os amigos, o adolescente começa a descobrir novas formas de se relacionar com o sexo oposto, familiarizando-se e ficando mais confiante na própria capacidade de lidar com estas relações.

Para Conger (1979), com o desenvolver da maturidade do adolescente, relações mais profundas e significativas podem ser construídas, incluindo a atração sexual, a diversão social, a confiança mútua, o compartilhar de interesses e um comprometimento com o bem-estar do outro. Desenvolvendo-se de forma natural e paralelamente a outros relacionamentos, estas relações podem contribuir positivamente para a evolução da maturidade do indivíduo, influenciando seu posterior desenvolvimento no sentido de se transformarem em pessoas adultas e autoconfiantes.

Tanto durante como após a adolescência, surgem fortes interesses e atividades heterossexuais, em ambos os sexos. Os meninos tendem a ter mais parceiras, a buscarem mais aventuras sexuais e as meninas a buscarem um vínculo mais duradouro, um relacionamento mais romântico, sendo que os papéis sexuais e sociais de meninos e meninas podem mudar no decorrer do tempo.

### **1.2.6 - A Escola e o Adolescente**

De acordo com Osório (1989), a escola tem uma função fundamental no desenvolvimento psicossocial dos jovens. A fim de realizar o papel de catalisadora do processo de aquisição da identidade adulta dos jovens, é indispensável que mantenha-se protegida das pressões familiares, com o intuito de formar indivíduos com características consideradas desejáveis pelos pais.

Conforme Perez (2000), a escola recebe influência das determinações de todo um contexto histórico-social. Sendo assim, suas representações e práticas educativas refletem o contexto social em que estão inseridos. É esperado que, no ambiente escolar, o educando aprenda a desempenhar papéis sociais e de gênero, expressos nos comportamentos que emite, ou é orientado a emitir, segundo normas sociais estabelecidas.

A escola, como produção social, tem a tendência de exercer uma função de regulação social, normatizando fenômenos da sociedade, proporcionando interpretações da realidade, assimilados através de crenças, costumes, valores, atitudes, sentimentos e interesses.

Para essa autora, a instituição escolar é um meio fundamental para a promoção do desenvolvimento cognitivo, emocional e social do educando. Isto se refere tanto aos objetivos explícitos do currículo escolar, quanto em relação à outros, não planejados,

mas presentes nas experiências e nas relações escolares, o que se costuma denominar de currículo oculto.

Consoante Bock (1999), encontra-se nas teorias pedagógicas e no cotidiano escolar, a definição de escola como um meio que prepara também para a vida, organizando-se a partir da noção de cultura. Tem-se a crença que “cultivando” o indivíduo, isto é, ensinando-lhe a cultura acumulada pela humanidade, é possível desenvolver o que há de melhor nele.

Segundo Osório (1989), de forma geral, a educação é um processo inicialmente interno, que acontece de dentro para fora. “A própria etimologia do termo sugere (e + educare), é conduzir para fora ou exteriorizar valores e potenciais pré-existentes no indivíduo” (p. 93). Instrução ou ensino significa interiorizar, ou seja, pôr para dentro novos conhecimentos ou informações.

Para esse autor, educar e instruir devem acontecer tanto na escola como na família, porém à escola cabe mais a instrução e à família a educação. No entanto, esses processos se complementam. É necessário liberar as condições e potenciais latentemente existentes no indivíduo e, incluindo sua criatividade, contribuir para o seu processo cognitivo e para o seu desenvolvimento moral, social e intelectual.

Segundo Osório (1989), um dos papéis fundamentais da escola é ser um “lugar de mudança”, ou seja, um lugar neutro onde o indivíduo tenha liberdade e condições para se exercitar, fazendo bom uso de sua criatividade e talentos potenciais, testando idéias novas e tendo a possibilidade de criar soluções inovadoras a fim de potencializar a qualidade da vida humana.

Faz parte também das funções da escola zelar pelo desenvolvimento da sociedade. Para tanto, é necessário formar pessoas capazes de criar, inovar, transformar e produzir riquezas. Sendo a escola uma mediadora da relação indivíduo – sociedade,

outra de suas funções é conhecer a sociedade a qual o jovem está inserido, bem como seus modelos e valores.

E, para que se desenvolvam os valores básicos de uma sociedade capitalista, como autonomia, capacidade de tomar decisões assertivas, liberdade individual e criatividade, a escola precisará ter uma flexibilidade em relação ao seu conservadorismo e autoritarismo.

Assim, a escola não pode ser a única responsável pela criação da mão-de-obra submissa e pela reprodução dos valores dominantes. Participa desse jogo social, sendo que as transformações sociais ocorrem de forma mais ampla e abrangem outras instituições sociais, como a família, os meios de comunicação de massa, o Congresso Nacional e as leis.

Desta forma, a educação escolar é parceira da educação familiar na medida em que oferece continuidade à formação do indivíduo, com a transmissão de valores para vida, sociedade e trabalho, ou seja, escola e família apresentam-se no processo educativo como momentos contínuos em algumas ações e, também, descontínuos, quanto a seus fins específicos.

Nesta direção, tanto os professores como os pais podem ser modelos para os adolescentes. Professores afetuosos, empáticos e com uma boa percepção da adolescência estimulariam o comportamento prestativo e zeloso.

Segundo Bock (1999), o vínculo professor-aluno é o sustentáculo da vida escolar e deve se estabelecer de forma a possibilitar a viabilização do processo ensino-aprendizagem. Para isso, é necessário haver professores bem preparados, que consigam construir uma parceria com seus alunos, permitindo o diálogo com o conhecimento. Neste sentido, dialogar significa perguntar, ousar respostas, buscar entender o motivo



das coisas serem assim e não de outra forma e, dialogar com o conhecimento mediado pelo professor é o princípio de uma boa relação entre o aluno e o professor.

Assim, como afirma Osório (1989), a escola é um lugar de troca, onde se encontram informações e aprendizados da investigação. Na escola são formuladas grande parte das perguntas e respostas necessárias ao entendimento da vida, da sociedade, das relações, do ser humano e do próprio cotidiano.

Desta forma, a escola é a experiência organizadora central na vida da maioria dos adolescentes. Ela oferece oportunidades para adquirir informações, dominar novas habilidades, aperfeiçoar as já adquiridas, participar nos esportes, nas artes e em outras atividades, explorar as opções vocacionais e estar com os amigos, com a ampliação de horizontes intelectuais e sociais.

Portanto, conforme Conger (1979), na sociedade contemporânea as expectativas frente ao adolescente têm se complicado, devido às mudanças sociais, morais e políticas que vêm ocorrendo de forma tão rápida nos últimos tempos. Assim, os adolescentes acabam crescendo num mundo completamente diferente daquele em que seus pais e professores cresceram, o que pode fazer com que estes tenham mais dificuldades para compreender a adolescência de hoje.

Sendo assim, não tem sido nada fácil crescer no mundo atual. Ainda há aquela necessidade tradicional de se adaptar a uma individualidade que está sofrendo mudanças rápida e intensamente, tanto física, como sexual e intelectual e, então, se ajustar a uma vida social que requer maior independência e autoconfiança. Atualmente, tanto os pais como os próprios adolescentes se vêem frente a valores e padrões de comportamento social mutáveis, a rápidos progressos tecnológicos, a transformações e inovações políticas, sociais e ambientais.

Isto posto, ainda que muito estudada sob vários aspectos, há ainda pontos na adolescência que merecem investigação, sobretudo se se pretende construir uma compreensão mais integrada, colocando o adolescente como um sujeito inserido no seu contexto, submetido a valores e práticas do mundo adulto, mas trazendo a sua contribuição para a manutenção ou mudança.



## 2 - OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivo geral descrever como os pais, professores e adolescentes concebem a adolescência, as semelhanças e discrepâncias entre as três visões, as características que compõem o quadro das relações e as dificuldades e expectativas existentes perante essa fase da vida. Os objetivos específicos são:

1 – Descrever como os professores concebem: a) A adolescência; b) Sua relação com alunos nessa faixa etária; c) As expectativas e desejos frente aos alunos adolescentes; d) As necessidades do adolescente; e) A comunicação com o aluno adolescente; f) A Escola e o adolescente.

2 – Descrever como os pais concebem: a) A adolescência; b) Seu(s) filho(s) adolescente(s); c) O relacionamento e diálogo com ele(s); d) As expectativas e desejos frente ao(s) filho(s) adolescente(s); e) As necessidades do adolescente; f) O papel da Escola para o adolescente.

3 – Descrever como os adolescentes concebem: a) A adolescência; b) O relacionamento e diálogo com os pais; c) As expectativas e desejos em relação aos pais; d) Seus amigos; e) A si mesmos; f) A escola.



### 3 - METODOLOGIA

Levando-se em consideração os objetivos propostos nessa pesquisa optou-se pela utilização de questionários para se realizar a coleta de dados, uma vez que esse é um instrumento que possibilita alcançar um maior número de sujeitos das mais diversas camadas sociais e graus de instrução e, neste caso, permite fazer comparações entre as três visões, ou seja, entre as concepções de adolescência para pais, professores e adolescentes.<sup>1</sup>

Segundo Richardson e cols (1985), o questionário colhe informações que permitem descrever características tanto de um indivíduo como de um grupo, como no caso deste estudo que visa conhecer as concepções de adolescência de 3 grupos diferentes: pais, professores e adolescentes.

Para esses autores, ele é composto por uma seqüência de perguntas que exigem, inclusive, condições suficientes do participante (como saber ler, escrever, compreender as questões) para ser capaz de entender as questões e produzir as respostas necessárias para que se atinja o objetivo. Por isso, é preciso ser prudente em sua elaboração.

Um questionário muito longo pode prejudicar sua validade. É preciso respeitar o participante, ser prudente ao determinar seu tamanho, o que vai depender de quem o elabora. Ele pode ser aplicado coletiva ou individualmente, não tendo necessidade de haver contato direto entre pesquisador e participante, tanto é que ele pode ser enviado pelo correio. Neste estudo, foram utilizadas duas formas de aplicação, conforme será descrito mais adiante.

---

<sup>1</sup> *O projeto foi enviado ao Comitê de ética para aprovação e posterior coleta de dados na escola. Após tal aprovação, as cartas de permissão foram enviadas a uma Escola de Ensino Fundamental de Uberaba, buscando o consentimento da diretoria em participar da pesquisa. As cartas foram assinadas e a permissão concedida pela diretora da escola, marcando-se o estudo piloto. Porém, houve um problema interno na escola, entre diretora e coordenadora, inviabilizando a realização deste estudo na mesma. Assim, outra escola foi contatada, desta vez em Goiânia – GO, para que fosse feito tal estudo.*

Os questionários podem ser compostos de questões abertas, fechadas ou pela combinação desses dois tipos, como no caso deste estudo. Como afirma Richardson e cols (1985), através das perguntas fechadas obtém-se informações sociodemográficas, identifica-se opiniões e, além disso, podem ser respondidas de maneira mais prática e rápida. As perguntas abertas abrem espaço para aprofundar opiniões e dão mais liberdade ao participante.

Face aos objetivos desta pesquisa, ela ficou dividida em três etapas: 1) Construção dos Instrumentos; 2) Estudo piloto, ou seja, um teste de adequação e reelaboração dos instrumentos; 3) Coleta de dados com os questionários em suas versões definitivas, que visa cumprir os objetivos propostos para a pesquisa, obtendo respostas às questões formuladas.

### **3.1 - Etapa 1 - Construção dos Instrumentos**

A construção dos questionários teve como base um questionário da pesquisa *Criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais (Sousa e Rizzini 2001)*, realizada em Goiânia – GO, por pesquisadores do Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil (Cepaj) da Universidade Católica de Goiás (UCG), em parceria com a Coordenação de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (Cespi), da Universidade Santa Úrsula do Rio de Janeiro (USU), para o desenvolvimento do Projeto ELOS, “cuja proposta era promover a ampliação do conhecimento existente sobre a população infantil e juvenil, ampliando o foco para além dos segmentos mais pobres da população, percebidos como estando em ‘situação de risco’.

A partir disso, foram elaborados 3 questionários - para pais, professores e adolescentes - especialmente para esta pesquisa, sendo os três mantidos com a maior semelhança possível a fim de se poder comparar as três visões de adolescência.

Na primeira fase, o questionário dos pais continha 14 questões, sendo 13 fechadas e uma aberta que pedia para descreverem dificuldades, críticas e sugestões sobre o questionário. O questionário dos professores continha 17 questões, sendo 15 fechadas e duas abertas, sendo uma para identificação da matéria ministrada e outra que pedia para descreverem dificuldades, críticas e sugestões sobre o questionário. O questionário dos adolescentes continha 15 questões, sendo 14 fechadas e uma aberta, idem a dos pais.

### **3.2 - Etapa 2 - Aplicação da 1ª. versão dos questionários para teste de adequação e reelaboração dos instrumentos (estudo piloto)**

O objetivo desta etapa foi testar a adequação dos instrumentos construídos para a coleta de dados.

#### **3.2.1 - Participantes**

No estudo piloto, participaram 10 alunos, três pais e três professores de ambos os sexos. Os alunos tinham entre 13 e 15 anos e cursavam o 1º. Ano de uma Escola Particular de Ensino Médio da cidade de Goiânia - GO. Os professores participantes davam aula para estes alunos e os pais eram pais de três dos alunos que responderam ao questionário.

#### **3.2.2 - Material**

Foram utilizadas cópias dos questionários elaborados especialmente para este estudo.



### 3.2.3 - Procedimento

Entrou-se em contato com uma Escola Particular de ensino Médio da cidade de Goiânia-GO e marcou-se um encontro para apresentar o projeto, o que foi feito após ter sido agendado um horário, em que solicitou-se a permissão para verificar junto a 3 professores, 3 pais e 10 alunos do 1º. Ano do Ensino Médio sua disponibilidade em participarem da pesquisa. A coordenadora, então, marcou uma reunião com o diretor da escola e, logo após, foi autorizada a realização da pesquisa. Uma carta de consentimento foi assinada pela coordenadora e, assim, marcado um horário para a aplicação dos questionários.

Após a permissão e concordância em participar, a coordenadora convidou pessoalmente para participarem, em horário de aula, 10 alunos e três professores. Aos pais, o convite e as explicações sobre os objetivos do estudo e a forma de responder ao questionário foram feitas por telefone e os questionários enviados a eles por três dos alunos (filhos) que participaram do estudo. Os pais responderam em casa e devolveram, pelos filhos, no dia seguinte à coordenadora, que os encaminhou à pesquisadora. Já a aplicação dos questionários dos adolescentes e dos professores, foi feita individualmente, na sala da coordenadora pedagógica da escola, em horário de aula. Inicialmente foi dada a instrução, esclarecendo que se tratava de uma primeira fase da pesquisa que tinha como objetivo geral verificar se as perguntas respondidas estavam bem compreensíveis. Em seguida, foi aplicado o questionário, com participante e pesquisadora presentes.

Terminada a última questão, solicitou-se ao participante que assinalasse quais foram as dificuldades que ele encontrou e se haviam outros aspectos, não abordados que ele considerava importantes para serem acrescentados.

### **3.2.4 - Análise de Dados**

Após a aplicação da 1ª. versão dos questionários, construídos na Etapa 1, foi feita a reformulação, ou seja, a adequação dos instrumentos para a pesquisa propriamente dita. Esta reformulação seguiu os seguintes critérios:

- a) Formal – verificando a adequação da linguagem utilizada em cada um dos três questionários, a partir da avaliação feita pelos participantes;
- b) Exclusão – retirada de questões tendo em vista as respostas repetitivas a mais de uma das perguntas do roteiro;
- c) Inclusão – acréscimo de questões a partir do levantamento de todos os aspectos identificados pelos professores, pais e adolescentes como sendo importantes para a investigação da temática.

Com isso, foi possível revisá-lo e reestruturá-lo, a fim de obter informações mais adequadas aos objetivos desta pesquisa, pois os sujeitos deram sugestões e fizeram recomendações a respeito dos mesmos, permitindo acrescentar, excluir e reformular itens e até mesmo questões inteiras. Foram feitas as devidas alterações, ficando os instrumentos prontos para a aplicação. A versão definitiva dos questionários (em anexo) ficou da seguinte maneira: os questionários dos pais ficaram com 15 questões, sendo 6 questões abertas e 9 questões fechadas. Os questionários dos professores ficaram com 20 questões, sendo 8 questões abertas e 12 questões fechadas e os questionários dos adolescentes com 16 questões, sendo 3 questões abertas e 13 questões fechadas.

### **3.3 - Etapa 3- Coleta de dados com os questionários definitivos**

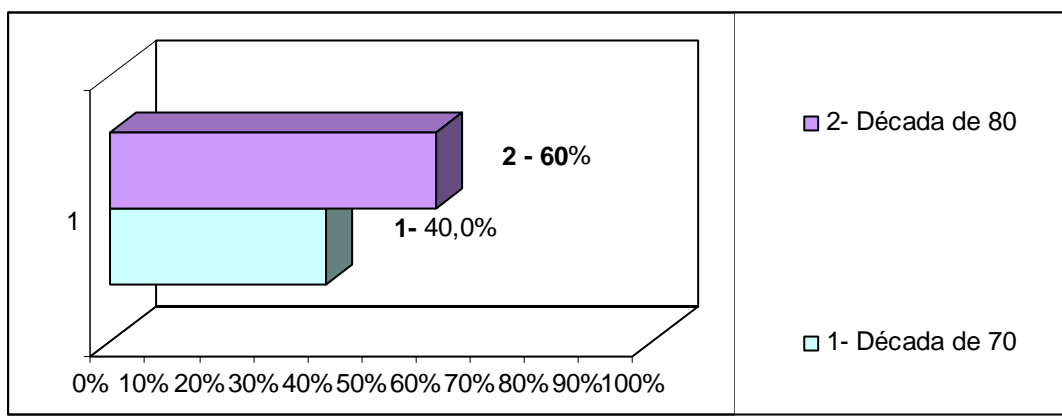
O objetivo desta etapa foi obter dados que respondessem às questões levantadas pela pesquisa.

### 3.3.1 - Participantes

Foram escolhidos 60 alunos, de 7<sup>a</sup>. e 8<sup>a</sup>. séries, entre 12 e 15 anos, 30 pais que foram adolescentes entre a década de 1960 e 1980 e 10 professores de disciplinas diversas, que foram adolescentes entre as décadas de 1970 e 1980, de ambos os sexos de uma Escola Particular de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Anápolis – GO. Os professores participantes davam aula para estas séries, portanto, para estes alunos, bem como os pais que participaram eram pais de alunos que responderam ao questionário e se disponibilizaram a levar os questionários para casa.

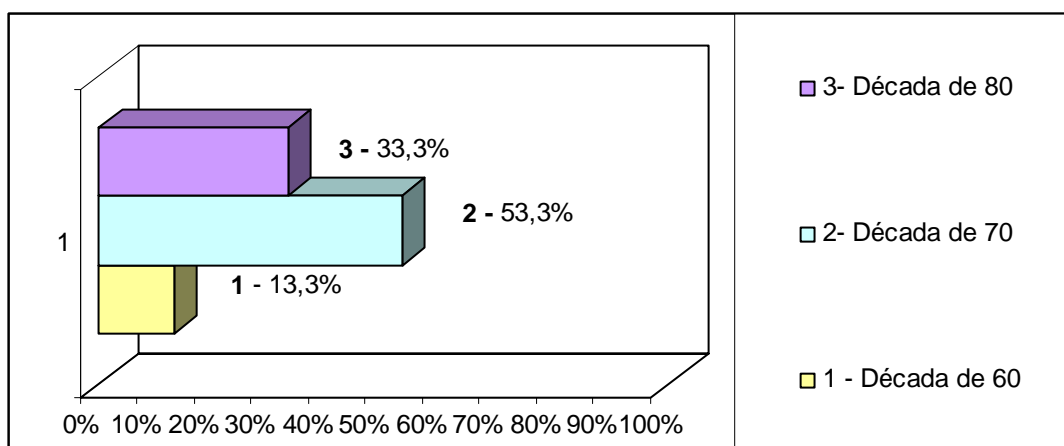
Entre os participantes, nota-se que a maioria dos professores foi adolescente na década de 80 e a maioria dos pais foi adolescente na década de 70, ou seja, neste caso, a adolescência de hoje está mais próxima à adolescência dos professores do que dos pais. Estes dados serão apresentados nos gráficos a seguir:

*Questão: Em que década você foi adolescente?*



**Figura 1** – Porcentagem das respostas dos professores sobre a década em que foram adolescentes.

Nesta questão, 60% dos professores foram adolescentes na década de 80 e 40% na década de 70.



**Figura 2** - Porcentagem das respostas dos pais sobre a década em que foram adolescentes .

Entre os pais, 53,3% foram adolescentes na década de 70; 33,3% na década de 80 e 13,3% na década de 60.

### 3.3.2 - Material

Foram utilizadas cópias dos questionários e respectivas apresentações e instruções.

### 3.3.3 - Procedimentos

Outra escola da rede privada de Ensino Fundamental e Médio, desta vez da cidade de Anápolis – GO, foi selecionada. A pesquisadora entrou em contato com a coordenadora pedagógica da Escola e marcou um encontro para apresentar o projeto. Foi agendado um horário, apresentado o projeto e solicitada a permissão para verificar junto a 10 professores, 30 pais e 60 alunos de 7<sup>a</sup>. e 8<sup>a</sup>. séries sua disponibilidade em participarem da pesquisa. A coordenadora, então, marcou uma reunião com o diretor da escola e, logo após, foi autorizada a realização da pesquisa e uma carta de

consentimento foi assinada pela coordenadora e, assim, marcado um horário para a aplicação dos questionários.

Com a colaboração e permissão da coordenação e direção da escola e a disponibilidade dos participantes, os questionários foram aplicados. Para os alunos, a aplicação aconteceu em sala de aula, coletivamente, com a presença da pesquisadora. Antes da aplicação, a instrução foi dada, explicando detalhadamente os tipos de questões existentes no questionário e seu objetivo geral. Para os pais, os questionários foram encaminhados pelos alunos (filhos) e respondidos em casa. Em cada questionário encaminhado havia uma apresentação escrita (em anexo), solicitando a colaboração dos pais, dando as instruções suplementares referentes à maneira como deveriam ser respondidas as questões e ao final, um agradecimento por sua participação. No dia seguinte, os alunos devolveram para a coordenadora os questionários respondidos pelos pais. Com os professores, cinco questionários foram aplicados na sala dos professores, coletivamente, com a presença da pesquisadora, assim como foi aplicado aos alunos em sala de aula, e cinco foram entregues pessoalmente pela pesquisadora aos professores, que levaram para suas casas e responderam, devolvendo no dia seguinte. Nestes também havia a apresentação escrita, assim como no questionário dos pais.

### **3.3.4 - Análise de Dados**

Como esta pesquisa visava primeiramente uma análise quantitativa e, para complementar, uma análise quantitativa/interpretativa (Biasoli-Alves, 1998), através dos questionários foi possível fazer a tabulação dos dados com maior facilidade.

De acordo com esta teoria (Biasoli-Alves, 1998), a análise de dados envolveu:

Passo I – Contagem de frequência das respostas, depois colocação em gráficos para cada questão fechada de cada um dos três questionários.

Passo 2 – Categorização das respostas dadas pelos sujeitos diante das questões abertas dos três questionários e posterior contagem de frequência e cálculo de porcentagem das categorias de respostas estabelecidas.

Passo 3 – Análise comparativa dos questionários dos professores, pais e adolescentes, nas questões que investigam os mesmos aspectos.

Conforme Biasoli-Alves (1998), no sistema quantitativo-interpretativo, tem-se o objetivo de compreender o que a fala dos informantes quer dizer. Faz-se a categorização das respostas por meio de um detalhado estudo da fala dos informantes, levantada pelas questões abertas do questionário, devendo terminar num agrupamento válido.

Esta fase envolve segundo Biasoli-Alves (1998):

- a) Exaustividade, abrangendo todo tipo de resposta obtida.
- b) Exclusividade, com cada categoria agrupando um conjunto de respostas, que nitidamente se diferencia de outro.
- c) Manutenção de um mesmo nível de inferência e/ou interpretação dos comportamentos, cuidando para que não se tenha grandes oscilações no contínuo de objetividade-subjetividade.

A categorização efetiva a primeira fase de análise de dados, ou seja, a fase interpretativa. Depois, volta-se à quantificação, tabulando os dados, calculando a porcentagem e elaborando tabelas e gráficos.

Este tipo de análise mostra que, mais que simplesmente descrever, através do trabalho sistemático, operacionalizado e quantificado, pode-se encaminhar interpretações, levando em consideração a abordagem conceitual do pesquisador. Assim, segundo Biasoli-Alves (1998), o valor desse tipo de análise quantitativa-

interpretativa é enorme, podendo contribuir muito para a construção do conhecimento em Psicologia, pois admite dois lados:

a) A manutenção no embasamento em um trabalho essencialmente sistemático, que conduz à operacionalização e à quantificação.

b) A interação dos dados com a abordagem conceitual do pesquisador, sua maneira de pensar e compreender os fenômenos que estudam, ao que acrescenta sua contribuição pessoal.

Justifica-se esta escolha tendo em vista obter dados sobre a concepção que pais e professores têm a respeito da adolescência e de sua convivência com filhos e alunos que se acham nessa fase particular da vida, bem como sobre a forma de os adolescentes verem sua família, a escola e a si mesmos. O questionário possibilitou a comparação entre essas três visões.

Além disso, esta estratégia é adequada ao que se pretende, sendo também o meio mais rápido para se chegar às respostas para as questões desta pesquisa, colocando como menos vantajosas, ou mesmo inadequadas, aquelas que se baseiam em observação ou em experimentação.

#### 4 - RESULTADOS

A análise de dados desse estudo foi dividida por temas. Inicialmente foi feita a análise de cada questionário, começando pelas respostas dos professores, em seguida dos pais e, consecutivamente, dos adolescentes. Logo após, foram feitas as comparações das respostas das questões semelhantes dos três questionários.

A análise das respostas de algumas questões mostrou que houve uma possível incompreensão por parte dos sujeitos e outras não apresentaram respostas relevantes aos objetivos desta pesquisa. Este fato não aconteceu no estudo piloto. Sendo assim, estas questões não foram analisadas. As questões anuladas no questionário dos professores foram: X, XV – revelaram uma possível incompreensão dos respondentes e as questões VI, XI, XVI não apresentaram respostas relevantes aos objetivos desta pesquisa. As questões anuladas no questionário dos pais foram: VI e VIII – revelaram uma possível incompreensão dos respondentes e as questões XII e XIII não apresentaram respostas relevantes aos objetivos desta pesquisa. As questões anuladas no questionário dos adolescentes foram: V e VII – revelaram uma possível incompreensão dos respondentes e as questões XII não apresentou respostas relevantes aos objetivos desta pesquisa.

Para proceder à análise das respostas das questões abertas, elaborou-se sistemas de categorias, baseando-se em inferências sobre a intenção do ator (Biasoli-Alves, 1998). As categorias elaboradas e os respectivos cálculos das frequências e porcentagens foram colocados em tabelas e, em alguns casos, logo abaixo das tabelas colocou-se exemplos de respostas de determinadas categorias, para que fiquem claras.

Para proceder à análise das respostas das questões fechadas foram calculadas a frequência e porcentagem das respostas e colocadas em gráficos. Nas questões fechadas



de escala, foi escolhida o número mais alto da escala para cada item e colocado num único gráfico.

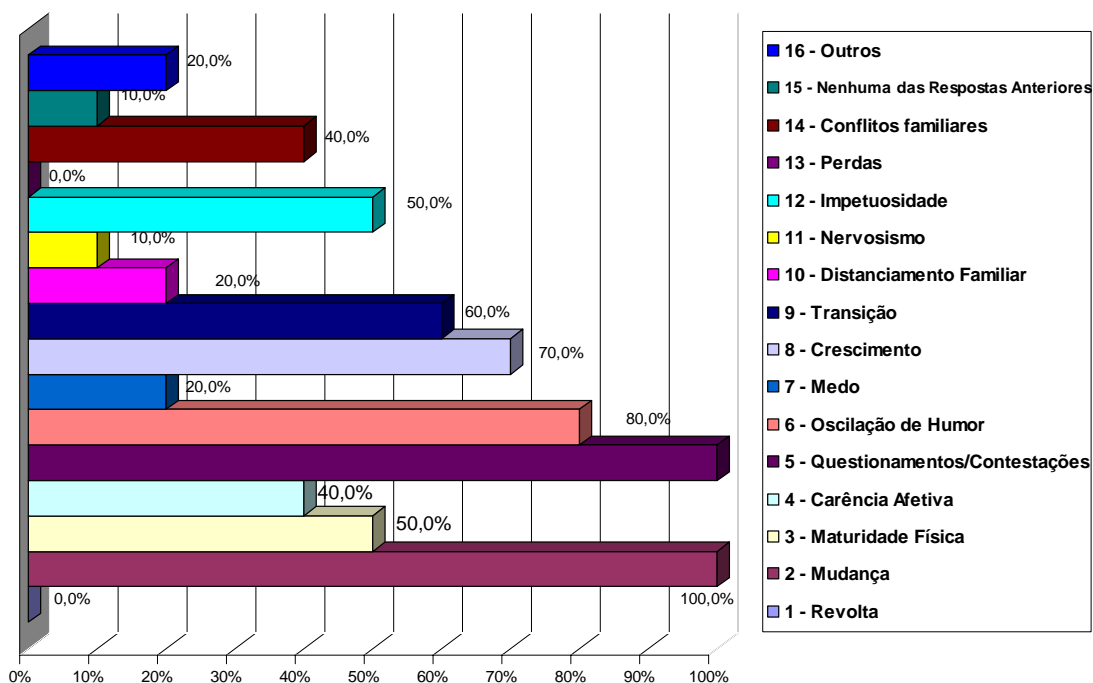
A seguir, a análise dos dados de cada questionário, começando pelos professores, seguindo com os pais, em seguida os adolescentes e, para finalizar, a comparação de algumas questões dos três questionários, comparando a visão de professores, pais e adolescentes.

#### 4.1– Análise dos dados dos questionários dos professores

##### 4.1.1 – Tema A: Concepção da Adolescência

A análise inicial visou obter dados sobre a concepção de adolescência dos professores. Foram analisadas 3 questões referentes a este tema, sendo 1 questão fechada, fazendo-se a análise quantitativa e 2 questões abertas, fazendo-se a análise quantitativa-interpretativa.

Os resultados a seguir referem-se à questão III: Pra você, adolescência é sinônimo de:



**Figura 3:** Porcentagem das respostas dos professores sobre o sinônimo de adolescência

De acordo com o que está expresso na Figura 3, 100% dos professores consideram a adolescência sinônimo de Mudança, Questionamentos e Contestações; 80% sinônimo de “oscilação de humor” e 70% de crescimento.

Segue-se a questão referente às respostas dos professores sobre a existência ou não de diferenças entre sua própria adolescência e a adolescência de hoje.

**Tabela 1.** Distribuição da frequência e porcentagem de respostas dos sujeitos à questão II: Pra você, há alguma diferença entre a adolescência de hoje e a adolescência de sua época? Se existe, quais são elas?

<b>Categorias</b>	<b>freq.</b>	<b>%</b>
1. Diferença quanto à facilidade de acesso a informação devido ao avanço da tecnologia	3	30%
2. Alteração na determinação e imposição de limites	2	20%
3. Aumento da exigência por parte dos adolescentes	1	10%
4. Não	4	40%
Total de respostas	10	100%

Conforme ilustra a tabela, em se tratando da existência ou não de diferenças entre a adolescência de hoje e a adolescência dos professores, a maioria respondeu que existe diferença, principalmente no que diz respeito à facilidade de acesso a informação devido ao avanço da tecnologia.

Para complementar este tema, a próxima tabela mostra as categorias das respostas na questão em que foi dado o espaço para que os professores escrevessem o que desejassem sobre a adolescência.

**Tabela 2.** Distribuição da frequência e porcentagem de respostas dos sujeitos à questão XVIII: Você gostaria de fazer alguma observação sobre a adolescência? Este é o seu espaço.

<b>Categorias</b>	<b>freq.</b>	<b>%</b>
1. Respostas que apresentam uma reflexão sobre a adolescência	5	50%
2. Respostas que apresentam uma crítica à família dos adolescentes	2	20%
3. Não respondeu	3	30%
Total de respostas	10	100%

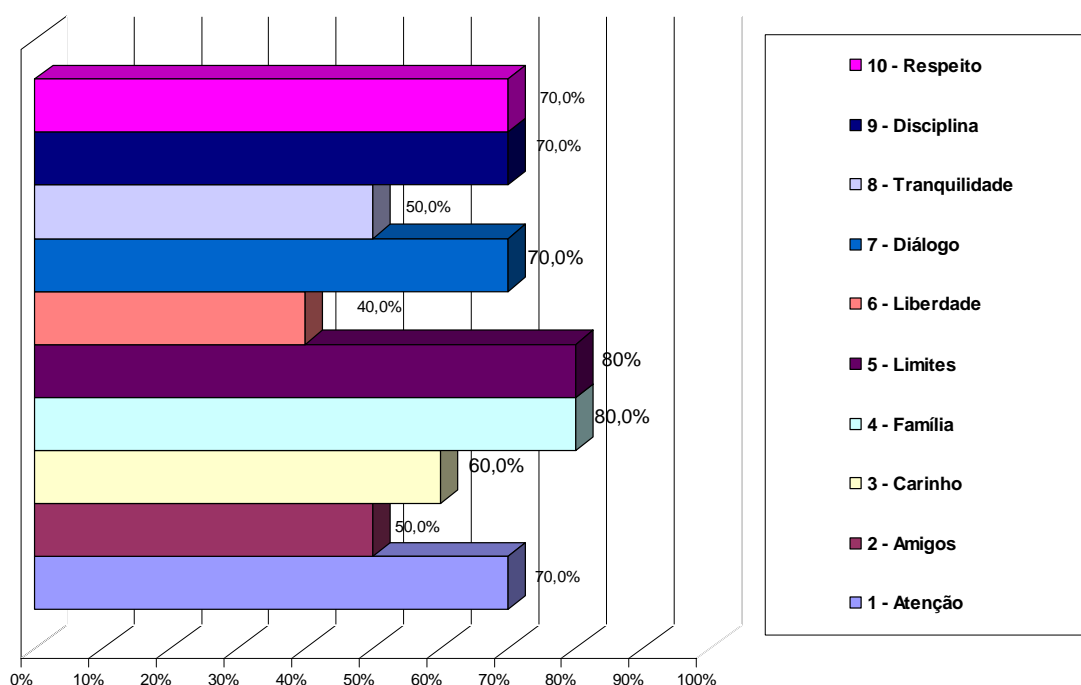
A observação dos dados da tabela 2 mostra respostas que indicam reflexão e crítica sobre a adolescência e a família dos adolescentes. A maior parte dos professores respondeu de forma reflexiva, mostrando opiniões sobre a fase da adolescência.

Fazendo uma síntese do que os resultados dessas três questões puseram em evidência, pode-se afirmar que, para os professores, na adolescência ocorrem muitas mudanças. Consideram o adolescente questionador, contestador, um ser em fase de crescimento e transição. Além disso, nenhum deles concebe a adolescência como uma fase de perdas e revolta, prevalecendo uma visão positiva da adolescência.

As questões das tabelas 1 e 2 apresentam respostas que podem indicar uma atitude reflexiva dos professores com relação ao adolescente e crítica com relação à família do adolescente. Além disso, mostra que a maioria dos professores percebem uma mudança na adolescência com o passar do tempo, principalmente no que diz respeito ao avanço da tecnologia e acesso à informação. Por outro lado, 40% dos professores responderam não haver esta diferença, argumentando que “adolescência é adolescência em qualquer época, o que muda é o contexto”.

#### 4.1.2 – Tema B: As necessidades dos adolescentes

Dentro dessa temática foi analisada uma questão fechada, que visa conhecer o que os professores acham que o adolescente mais precisa. Como é uma questão de escala de zero a dez, em que zero significa que o adolescente não precisa nada e dez que precisa muito, foi selecionada a porcentagem que indica do que o adolescente precisa muito, correspondendo a dez. Neste gráfico foi apresentada a maior porcentagem de cada item, ou seja, ilustra o que os professores responderam sobre as necessidades dos adolescentes.



**Figura 4:** Porcentagem das respostas dos professores sobre o que o adolescente mais precisa

Conforme indicam os dados da Figura 4, segundo os professores a maior necessidade dos adolescentes é de limites e de família e, logo em seguida, de atenção, diálogo, disciplina e respeito.

A alta porcentagem de várias respostas mostra que os professores percebem várias necessidades dos adolescentes. Pode também indicar algum tipo de exigência por parte dos adolescentes, expressando de alguma forma suas necessidades.

#### 4.1.3 – Tema C: O relacionamento e o diálogo com os alunos adolescentes

A análise fundamental proposta nessa temática visa saber dos professores como é a relação e o diálogo com os alunos adolescentes. Foram analisadas 3 questões, sendo 2 fechadas e uma aberta.

**Tabela 3.** Distribuição da frequência e porcentagem de respostas dos sujeitos à questão XII: O que seria ideal numa relação professor-aluno?

<b>Categorias</b>	<b>freq.</b>	<b>%</b>
<b>1. Foco no professor</b>	<b>7</b>	<b>70%</b>
1.1. Habilidades afetivo-emocionais	5	50%
1.2. Competência acadêmica-profissional	2	20%
<b>1. Foco no adolescente e no professor</b>	<b>2</b>	<b>20%</b>
1.1. Qualidade da comunicação professor-aluno	2	20%
<b>1. Não respondeu</b>	<b>1</b>	<b>10%</b>
<b>Total de respostas</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>

Conforme os dados dessa tabela, no que se refere ao que consideram ideal na relação professor-aluno, a maioria dos professores responderam focando no próprio professor. Os argumentos foram na seguinte direção:

##### Indicadores de **Habilidades afetivo-emocionais:**

“Que ambos sejam mais abertos e procure compreender o outro.”

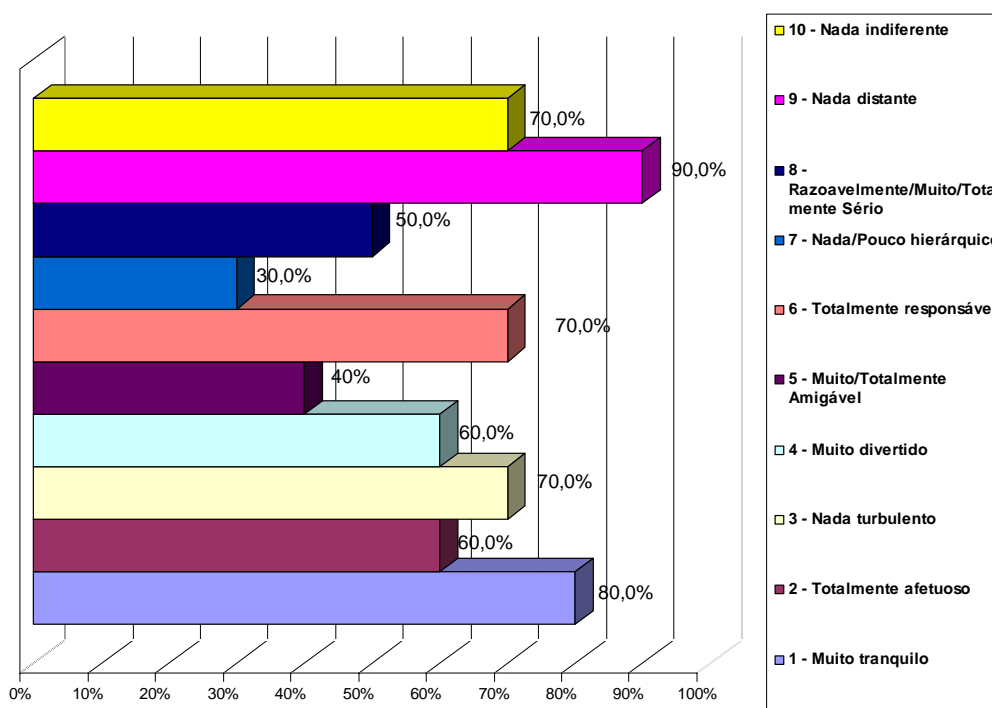
##### Indicadores de **Competência acadêmica-profissional:**

“Não existe ideal. Mudanças acontecem. O importante é que cada um saiba seu papel. O professor coordena as atividades e os alunos fazem as atividades”.

### Indicadores de **Qualidade da comunicação professor-aluno:**

“O mais importante é ter diálogo, ouvir as opiniões dos alunos”.

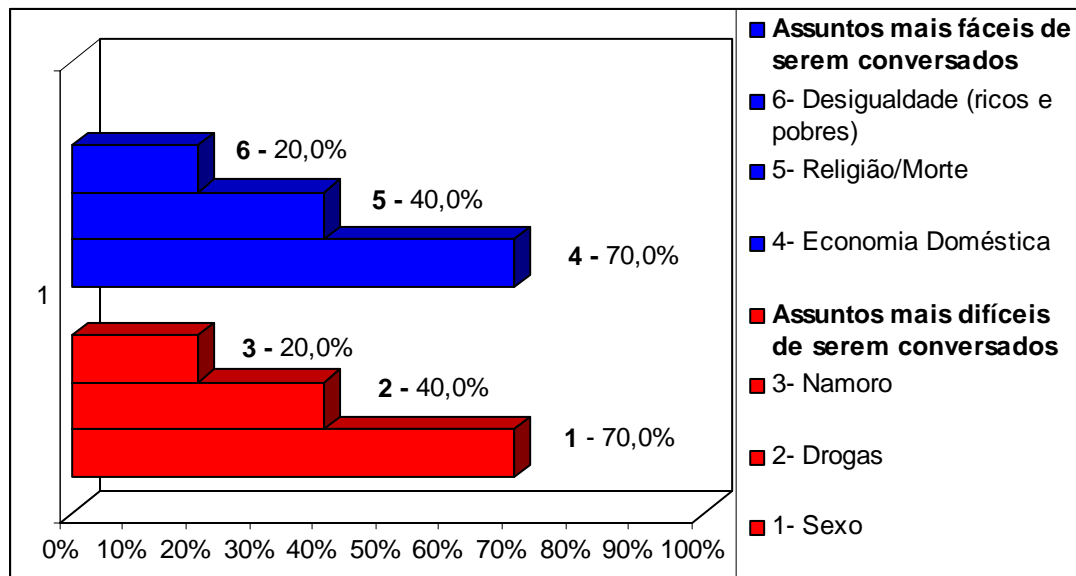
Na seqüência, investigou-se como os professores consideram seu relacionamento com os alunos adolescentes. Sendo uma questão de escala em que 1 significa Nada, 2 Pouco, 3 Razoavelmente, 4 Muito e 5 Totalmente, foi apresentada a maior porcentagem referente a cada um dos 10 itens.



**Figura 4:** Porcentagem das respostas dos professores sobre como os professores consideram seu relacionamento com os alunos adolescentes.

Os dados da figura 4 demonstram que os professores consideram ter um relacionamento positivo com os adolescentes, considerando-o muito tranquilo, totalmente afetuoso e responsável e nada turbulento.

A figura 4 refere-se ao diálogo dos professores com os adolescentes. Foi pedido para assinalarem os três assuntos mais solicitados e os três menos solicitados pelos adolescentes para serem conversados.

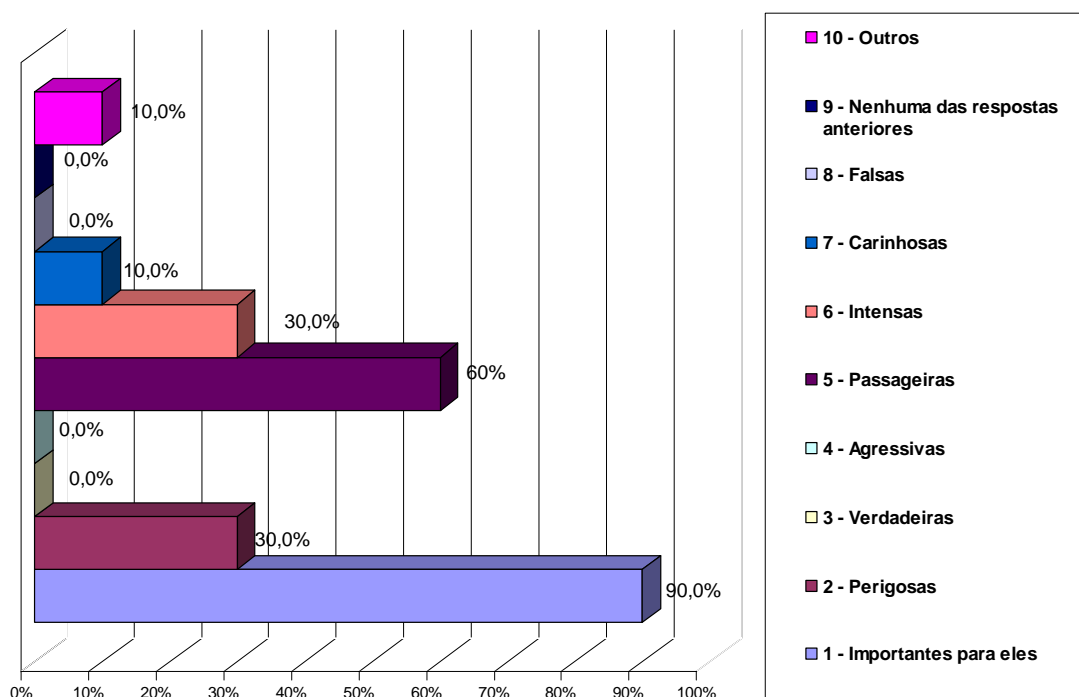


**Figura 5:** Porcentagem das respostas dos professores sobre os três assuntos mais solicitados e os três menos solicitados pelos adolescentes.

A figura 5 demonstra que os três assuntos mais solicitados pelos adolescentes referem-se a sexo (70%), drogas (40%) e namoro (20%), enquanto os três menos solicitados dizem respeito à economia doméstica (70%), religião e morte (40%) e a desigualdades entre ricos e pobres (20%). Pode-se notar que os assuntos mais solicitados são aqueles relacionados a descobertas que o indivíduo faz mais claramente na fase da adolescência, despertando neles maior curiosidade e interesse.

#### 4.1.4 – Tema D: A Amizade entre os adolescentes

A amizade é um tema de grande relevância na adolescência. Foi analisada uma questão fechada referente a esta temática.



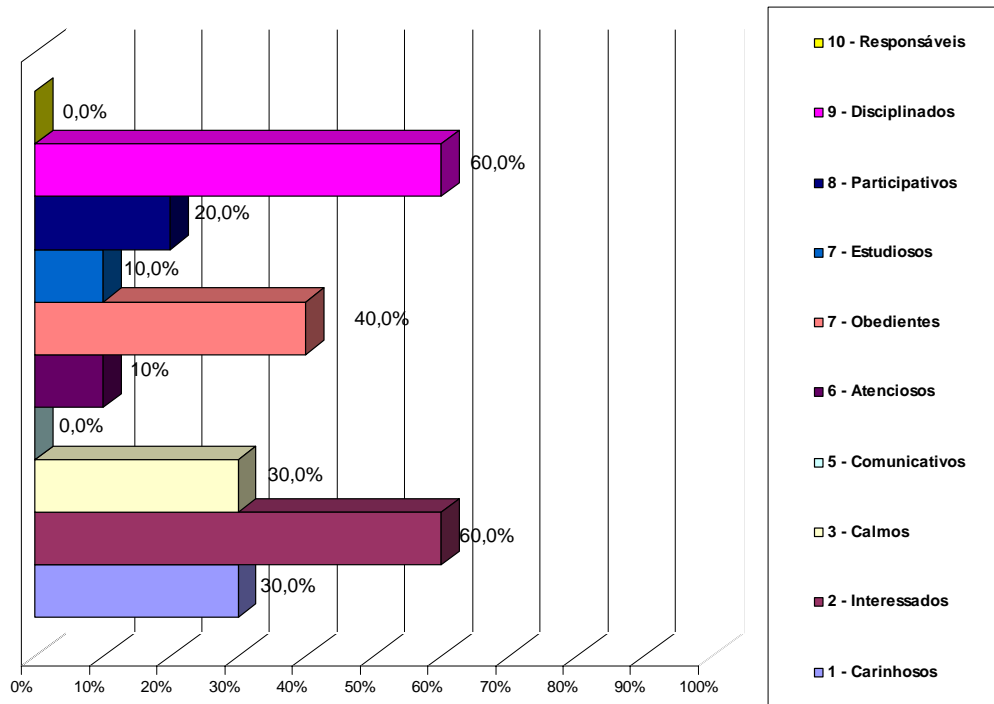
**Figura 6:** Porcentagem das respostas dos professores sobre como eles consideram a amizade entre os adolescentes.

Pelo que se observa na figura 6, a maioria dos professores considera a amizade entre os adolescentes importantes para eles. Também a considera como sendo passageira. Interessante notar que nenhum professor respondeu que a amizade entre os adolescentes é verdadeira. Além disso, também não houve respostas indicando agressividade e falsidade entre os adolescentes.

#### 4.1.5 – Tema E: As expectativas e desejos frente aos alunos adolescentes

Esta temática refere-se às expectativas que os professores têm de seus alunos adolescentes, indicando como eles desejariam que os adolescentes fossem.

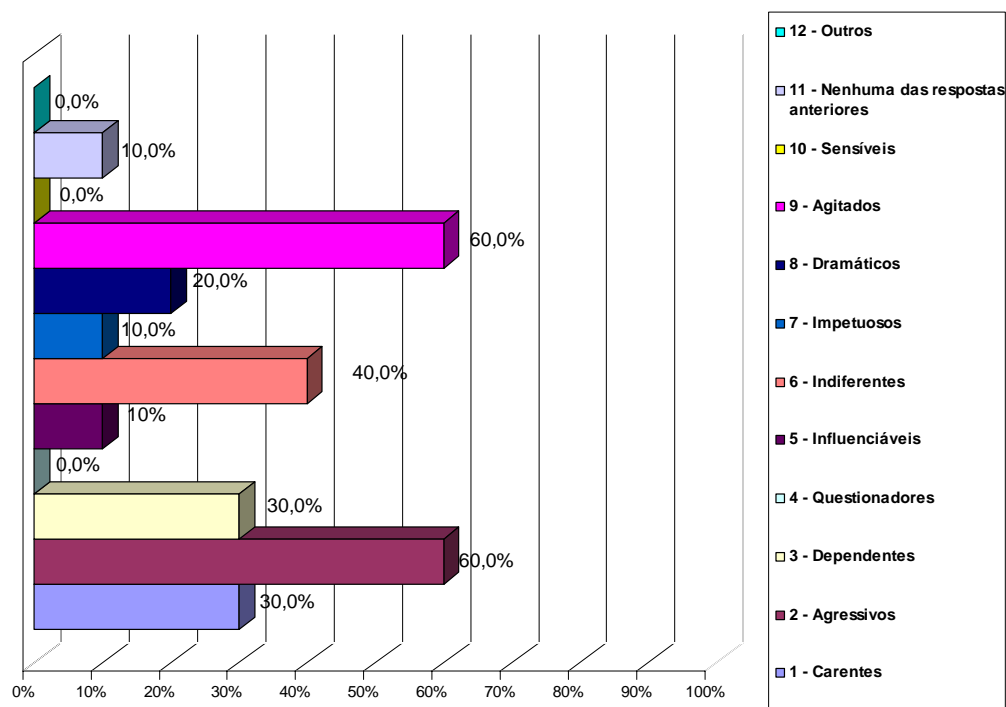




**Figura 7:** Porcentagem das respostas dos professores sobre o que eles gostariam que os adolescentes fossem mais.

Conforme ilustra a Figura 7, 70% dos professores gostariam que seus alunos adolescentes fossem mais responsáveis e 50% que fossem mais disciplinados, participantes, estudiosos e interessados. Esses dados apontam para desejos dos professores referentes ao comportamento dos adolescentes enquanto alunos.

Complementando, foi pedido aos professores que assinalassem o que eles gostariam que seus alunos adolescentes fossem menos.



**Figura 7.1:** Porcentagem das respostas dos professores sobre o que eles gostariam que os adolescentes fossem menos:

De acordo com o que mostra a figura 7.1, 60% dos professores gostariam que seus alunos adolescentes fossem menos agressivos e agitados. Nota-se uma baixa incidência de respostas nesta questão, comparando-a com a anterior. A maior porcentagem foi de 60%, em dois itens. As demais não alcançaram 50%. Os dados apresentados aqui podem indicar necessidades dos professores referentes ao comportamento dos alunos que podem prejudicar a ordem dentro de sala de aula, desejando que esses alunos fossem menos agressivos e agitados.

#### 4.1.6 – Tema F: A escola

Dentro dessa temática, foram analisadas 3 questões, sendo 2 abertas e uma fechada. Uma questão refere-se ao papel da escola no desenvolvimento do adolescente. As outras duas faz referência à participação dos pais na escola e na vida dos filhos.

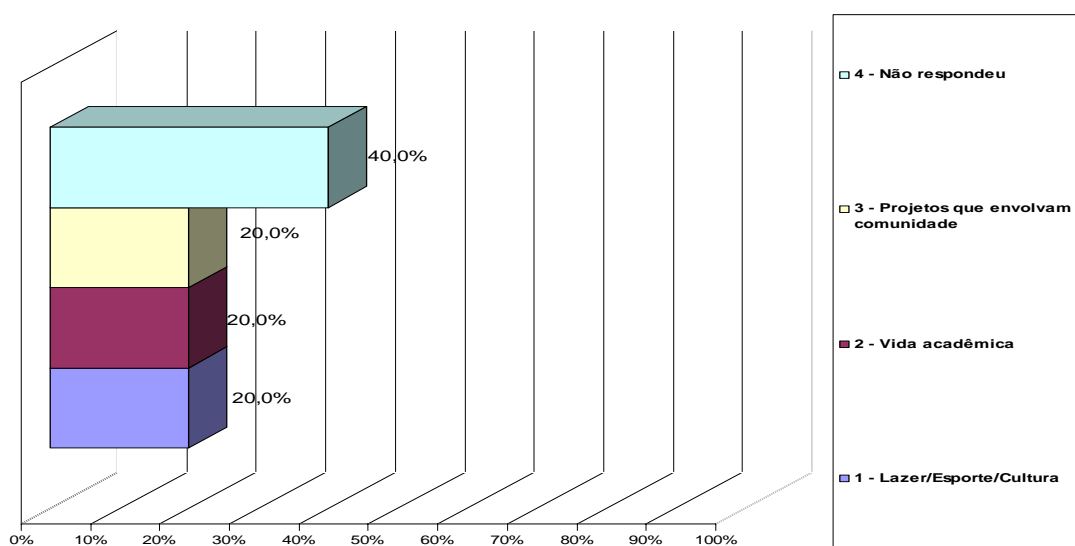
**Tabela 4.** Distribuição da frequência e porcentagem de respostas dos sujeitos à questão

IX: Qual o papel da escola no desenvolvimento do adolescente?

<b>Categorias</b>	<b>freq.</b>	<b>%</b>
1. Escola como parceira da família, focalizando aspectos de valores	1	10%
2. Escola enquanto espaço de transmissão de valores para a vida futura	2	20%
3. Escola enquanto espaço de aprendizagem acadêmica	2	20%
4. Escola enquanto espaço de aprendizagem acadêmica e transmissão de valores	4	40%
5. Não respondeu	1	10%
Total de respostas	10	100%

A observação dos dados da tabela 4 mostra que a maior parte dos professores apresentaram respostas ligadas à escola enquanto espaço de aprendizagem acadêmica e de transmissão de valores para a vida. Estes resultados apontam que os professores atribuem uma função à escola não apenas de transmissão de conhecimento acadêmico, mas também onde o adolescente pode aprender valores no que diz respeito a outras áreas de sua vida, além da escolar.

A seguir, a figura 8 apresenta dados sobre a participação mais comum dos pais na escola dos filhos.

**Figura 8:** Porcentagem das respostas dos professores sobre a participação mais comum dos pais na escola dos filhos.

Os resultados expressos na Figura 8 revelam pouca participação dos pais na escola, segundo os professores. A maior porcentagem de respostas está no item “Não respondeu”, com 40%.

Para complementar esta temática, segue-se as respostas da questão sobre a opinião dos professores referente a como deveria ser a participação ideal dos pais na vida dos filhos.

**Tabela 5.** Distribuição da frequência e porcentagem de respostas dos sujeitos à questão XVIII: Em sua opinião, como deveria ser a participação ideal dos pais na vida dos filhos?

<b>Categorias</b>	<b>freq.</b>	<b>%</b>
1. Respostas ligadas a estruturas da sociedade atual e exigências do mundo do trabalho	1	10%
2. Respostas ligadas a competência e disponibilidade para estar presente e atuar como adultos que orientam	8	80%
3. Não respondeu	1	10%
Total de respostas	10	100%

Conforme ilustra a tabela 5, na opinião dos professores os pais deveriam ter mais competência e disponibilidade para estarem presentes na vida dos filhos e atuarem como adultos que orientam. Abaixo exemplos das respostas referentes a essa categoria:

“ Deveriam participar mais, durante a vida escolar, nas suas mudanças físicas e psicológicas, conversando mais e explicando com mais paciência os assuntos de maiores interesses deles.”

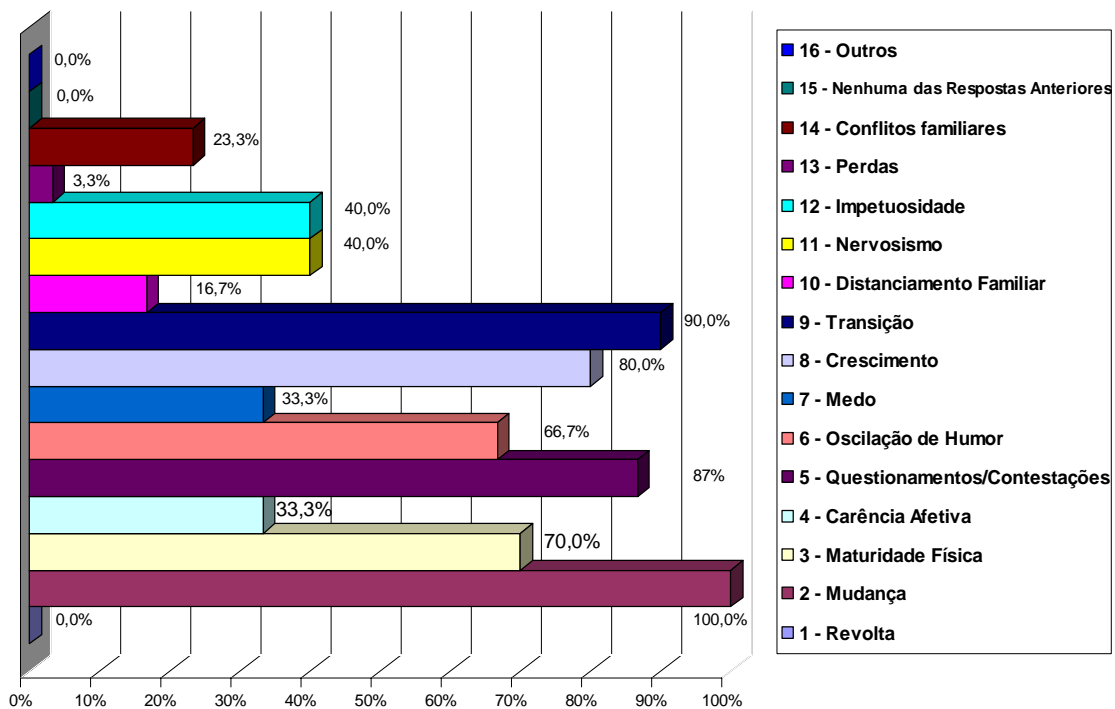
## **4.2 - Procedimento de Análise de dados dos Pais**

### **4.2.1 – Tema A: Concepção da Adolescência**

Esta análise visou obter dados sobre a concepção de adolescência para os pais. Foram analisadas 3 questões referentes a este tema, sendo 1 questão fechada, fazendo-se

a análise quantitativa e 2 questões abertas, fazendo-se a análise quantitativa-interpretativa.

Os resultados a seguir referem-se à questão I: Pra você, adolescência é sinônimo de:



**Figura 9:** Porcentagem das respostas dos pais sobre o sinônimo de adolescência

De acordo com o que está expresso na Figura 9, observa-se que 100% dos pais consideram a adolescência sinônimo de mudanças, 90% respondeu transição e 86,7% de questionamentos e contestações. Interessante notar que 0% dos pais respondeu que adolescência é sinônimo de revolta, característica tão comum atribuída a essa fase da vida.

A questão seguinte refere-se à existência ou não de diferenças entre as adolescências dos pais e a atual.

**Tabela 6.** Distribuição da frequência e porcentagem de respostas dos sujeitos à questão III: Pra você, há alguma diferença entre a adolescência de hoje e a adolescência de sua época? Se existe, quais são elas?

<b>Categorias</b>	<b>freq.</b>	<b>%</b>
1. Diferença quanto à facilidade de acesso a informação devido ao avanço da tecnologia	7	23,33%
2. Alteração na determinação e imposição de limites	7	23,33%
3. Aumento da comunicação entre pais e filhos	1	3,33%
4. Alteração da estrutura social	4	13,33%
5. Privilégios quanto a autonomia do adolescente e sua liberdade de escolha	3	10%
6. Não	7	23,33%
7. Não respondeu	1	3,33%
Total de respostas	10	100%

De acordo com a tabela 1 verifica-se que o maior número de respostas refere-se à existência de diferenças entre as adolescências. As maiores diferenças foram apontadas no que diz respeito ao avanço da tecnologia e acesso a informação e a alteração na determinação e imposição de limites. A maioria dos pais respondeu que hoje os adolescentes são bem mais informados. Além disso, responderam que antigamente os adolescentes respeitavam muito mais os pais e tinham mais limites. Hoje os pais encontram dificuldade nesse sentido, de impor limites para os filhos adolescentes.

A questão seguinte traz uma complementação dessa temática e as categorias dos resultados acham-se colocados na tabela 2.

**Tabela 7.** Distribuição da frequência e porcentagem de respostas dos sujeitos à questão XV: Você gostaria de fazer alguma observação sobre a adolescência? Este é o seu espaço.

<b>Categorias</b>	<b>freq.</b>	<b>%</b>
1. Respostas que apresentam uma reflexão sobre a adolescência	7	23,33%
2. Respostas que apresentam uma reflexão sobre as atitudes dos pais com os adolescentes	9	30%
3. Respostas que apresentam uma crítica à concepção da adolescência	3	10%
4. Não respondeu	11	36,67%
Total de respostas	30	100%

Conforme indica a tabela 7, os pais, em sua maioria, apresentam respostas mais reflexivas, indicando que este momento faz com que eles pensem sobre as atitudes e o papel que desempenham na vida dos filhos nesta fase.

As respostas dos pais referentes a uma reflexão sobre a adolescência, apresentaram argumentos conforme exemplos a seguir:

“ Para mim, adolescência é uma mudança física, mental e intelectual de uma pessoa, e esta pessoa precisa de muito apoio, amor, atenção e estímulo para ser um adulto mais seguro, independente e mais amoroso.”

As respostas dos pais referentes a uma reflexão sobre as atitudes dos pais com os a adolescentes, apresentaram argumentos conforme exemplos a seguir:

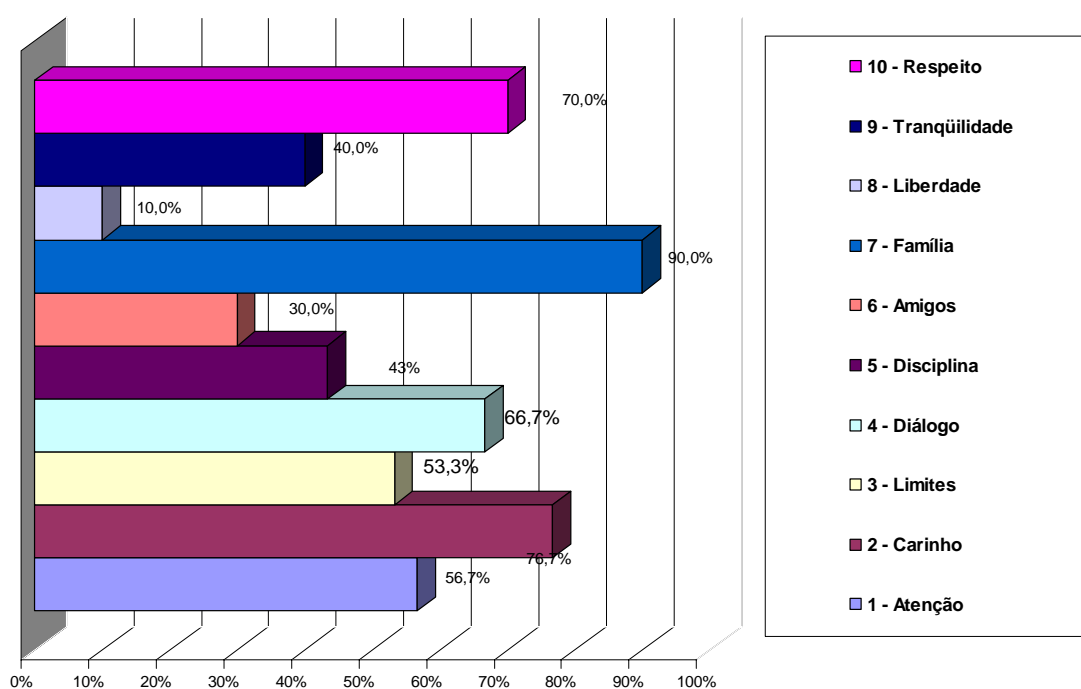
“Os pais devem agir em comum acordo com seus filhos. O não deve ser não e o sim, sim. Deve haver sempre diálogo entre os pais a respeito dos filhos”.

As respostas dos pais referentes a uma crítica sobre a concepção de adolescência, apresentaram argumentos conforme exemplos a seguir:

“Acho que a adolescência tem sido muito explorada na mídia, até mesmo supervalorizada, enfocando apenas o lado da liberdade e revolta dos adolescentes. Fazendo com que seja inculcado no adolescente que ‘ser adolescente’ é contestar sempre.”

#### 4.2.2 – Tema B: Necessidades dos adolescentes

Nessa temática foi analisada uma questão fechada, que visa conhecer o que os pais acham que o adolescente mais precisa. Sendo uma questão de escala de zero a dez, em que zero significa que o adolescente não precisa nada e dez que precisa muito, foi selecionada a porcentagem que indica do que o adolescente precisa muito, correspondendo a dez. Neste gráfico foi apresentada a maior porcentagem de cada item, ou seja, ilustra o que os pais responderam sobre as necessidades dos filhos adolescentes.



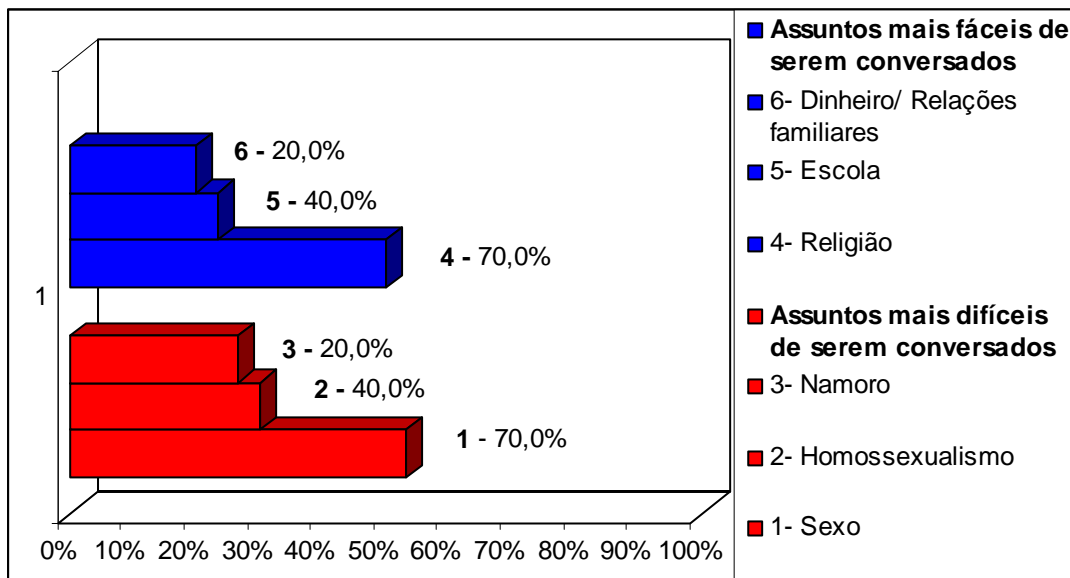
**Figura 10:** Porcentagem das respostas dos pais sobre o que o adolescente mais precisa

Observando os dados da figura 10, nota-se que 90% dos pais acham que a maior necessidade do adolescente é família, 76,7% de carinho e 70% de respeito. Importante salientar que apenas 10% dos pais acham que o que o adolescente mais precisa é de liberdade.



#### 4.2.3 – Tema C: O relacionamento e diálogo com os filhos adolescentes

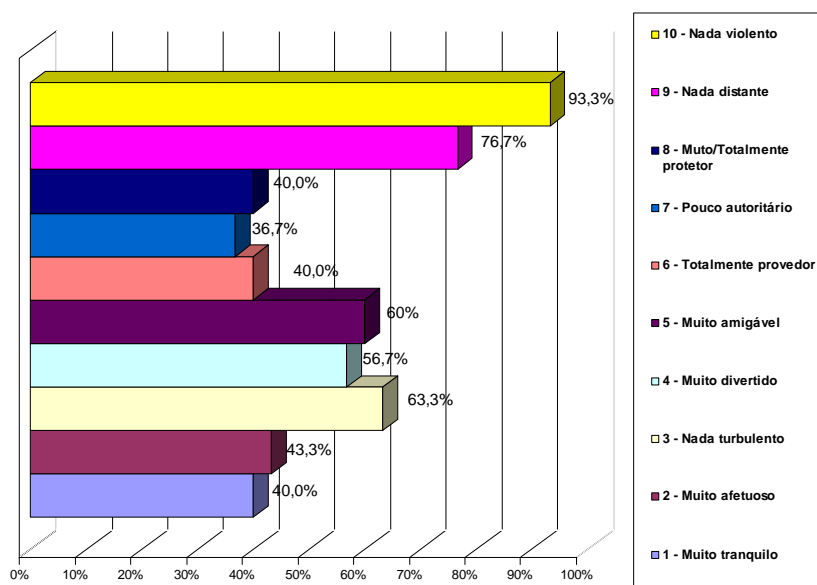
A figura 11 refere-se ao diálogo entre pais e filhos adolescentes. Foi pedido para assinalarem os três assuntos mais fáceis e os três mais difíceis de serem conversados com os adolescentes. A seguir o gráfico com os resultados:



**Figura 11:** Porcentagem das respostas dos pais sobre os três assuntos mais fáceis e os três mais difíceis de serem conversados com os filhos adolescentes

De acordo com a figura 11, os itens mais fáceis de serem conversados com os filhos são “Religião” (50%), “Escola” (23,3%) e “Dinheiro” e “Relações familiares” (20%). Os mais difíceis foram “Sexo” (53,3%), “Homossexualismo” (30%) e “namoro” (26,7%). Nota-se que a maior dificuldade de diálogo dos pais está relacionada a questões ligadas à sexualidade dos filhos.

Na seqüência investigou-se como os pais consideram seu relacionamento com os filhos adolescentes. Sendo uma questão de escala em que 1 significa Nada, 2 Pouco, 3 Razoavelmente, 4 Muito e 5 Totalmente foi apresentada a maior porcentagem referente a cada um dos 10 itens.

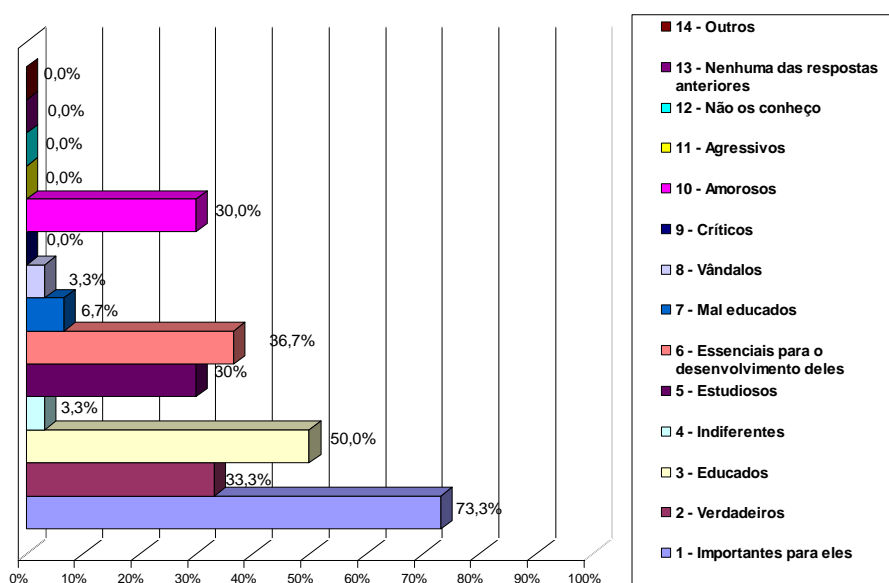


**Figura 12:** Porcentagem das respostas dos pais sobre como consideram seu relacionamento com os filhos adolescentes.

A Figura 12 apresenta dados positivos com relação ao relacionamento entre pais e filhos, segundo os pais. A grande maioria dos pais, 93,3%, consideram o relacionamento nada violento, 76,7% nada distante e 63,3% nada turbulento.

#### 4.2.4 – Tema D: A Amizade entre os adolescentes

Com relação a este tema foi analisada uma questão fechada.

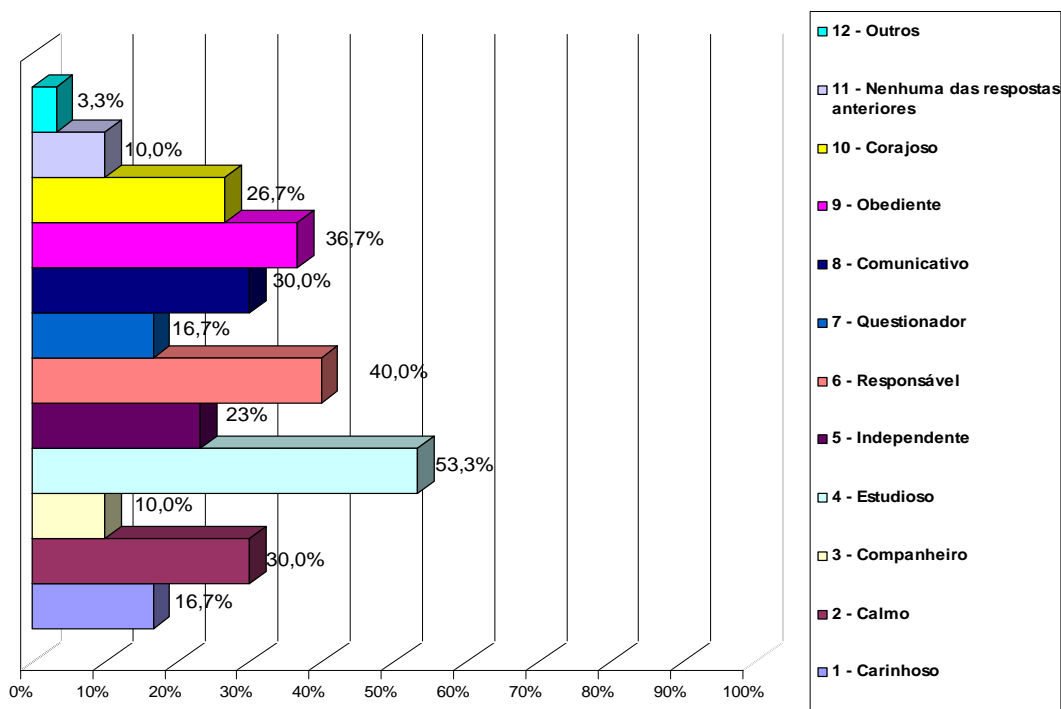


**Figura 13:** Porcentagem das respostas dos pais sobre como eles consideram os amigos do seu filho

A figura 13, conforme é possível observar, mostra que 73,3% dos pais consideram os amigos do seu filho importantes para ele, 50% os consideram educados e 36,7% essenciais para o desenvolvimento dele. Essas respostas podem indicar pouco envolvimento dos pais com os amigos do filho, pois referem-se mais a amizades de uma forma geral do que aos próprios amigos do filho.

#### 4.2.5 – Tema E: As expectativas frente aos filhos adolescentes

Este tema diz respeito às expectativas que os pais têm de seus filhos adolescentes, indicando como eles desejariam que os filhos fossem.

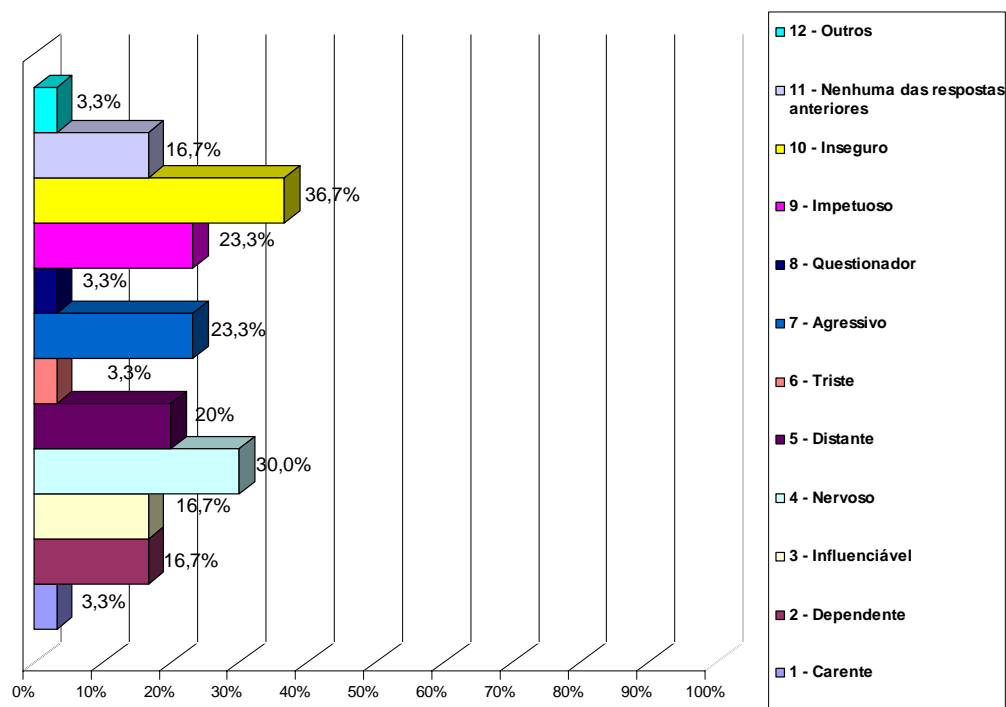


**Figura 14:** Porcentagem das respostas dos pais sobre o que eles gostariam que seus filhos fossem mais.

Como se observa na figura 14, o maior desejo dos pais, 53,33% das respostas, é que os filhos adolescentes sejam mais estudiosos. Em seguida, 40% dos pais gostariam que eles fossem mais responsáveis e 36,67% mais obedientes. Nota-se que apenas um item ultrapassa os 50%, o que indica que os pais podem não criar tantas expectativas

com relação aos filhos ou estarem consideravelmente satisfeitos com os filhos adolescentes.

Para complementar esta questão, segue-se com a figura 15.



**Figura 15:** Porcentagem das respostas dos pais sobre o que eles gostariam que seus filhos fossem menos.

Observando a figura 15, nota-se que a maior porcentagem de respostas é de 36,67%, indicando que os pais gostariam que seus filhos adolescentes fossem menos inseguros. Para 30% dos pais, os adolescentes poderiam ser menos nervosos e 23,33% menos agressivos e impetuosos. Mais do que na figura 6, os resultados desta questão indicam baixa expectativa dos pais com relação aos seus filhos adolescentes. Este pode ser um dado positivo, considerando a possibilidade de uma satisfação dos pais com relação aos seus filhos.

#### 4.2.6 – Tema F: A escola

Dentro dessa temática, foi analisada uma questão aberta, referindo-se ao papel da escola no desenvolvimento do adolescente.

**Tabela 8.** Distribuição da frequência e porcentagem de respostas dos pais à questão XIV: Em sua opinião, qual o papel da escola no desenvolvimento do adolescente?

<b>Categorias</b>	<b>freq.</b>	<b>%</b>
1. Escola como parceira da família, focalizando aspectos de valores	8	26,67%
2. Escola enquanto espaço de transmissão de valores para a vida futura	5	16,67%
3. Escola enquanto espaço de aprendizagem acadêmica	5	16,67%
4. Escola enquanto espaço de aprendizagem acadêmica e transmissão de valores	6	20%
5. Respostas evasivas	5	16,67%
6. Não respondeu	1	3,33%
Total de respostas	30	100%

Conforme ilustra a tabela 8, o maior número de respostas dos pais é de 26,67%, considerando a escola uma parceira da família na educação dos adolescentes, focalizando aspectos de valores. Enquanto espaço somente de aprendizagem acadêmica, 16,67% dos pais atribui esse papel à escola. Neste sentido, somando as respostas em que os pais fazem referência à escola como transmissora de valores, tem-se um total de 63,3% das respostas. Isso mostra que, para os pais, a escola tem um papel fundamental na formação do adolescente nos mais variados aspectos da vida e não apenas na vida acadêmica.

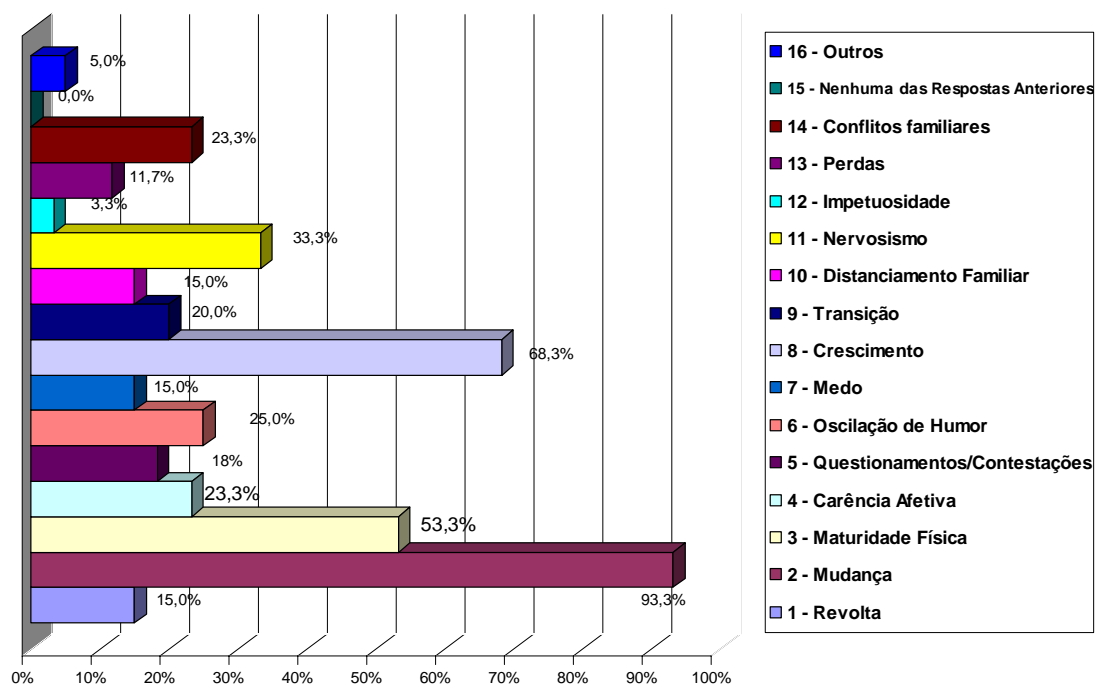
### 4.3– Análise dos dados dos questionários dos Adolescentes

#### 4.3.1 – Tema A: A concepção da adolescência

Inicialmente, a análise visou obter dados sobre a concepção de adolescência para os adolescentes. Foram analisadas três questões referentes a este tema, sendo uma

questão fechada, fazendo-se a análise quantitativa e 2 questões abertas, fazendo-se a análise quantitativa-interpretativa.

Os resultados a seguir referem-se à questão I: Pra você, adolescência é sinônimo de:



**Figura 16:** Porcentagem das respostas dos adolescentes sobre o sinônimo de adolescência

Os resultados expressos na Figura 16 indicam que 93,3% dos adolescentes consideram a adolescência sinônimo de mudanças, 68,3 de crescimento e 53,3% de maturidade física. As respostas não apresentam altos índices de respostas com conotação negativa, demonstrando uma boa visão da adolescência por parte do próprio adolescente.

Para complementar este tema, segue abaixo as categorias de respostas de outras duas questões.

**Tabela 9.** Distribuição da frequência e porcentagem de respostas dos sujeitos à questão

II: Você acha que a adolescência dos seus pais foi diferente da sua? Por que?

<b>Categorias</b>	<b>freq.</b>	<b>%</b>
1. Diferença quanto à facilidade de acesso a informação devido ao avanço da tecnologia	6	10%
2. Alteração na determinação e imposição de limites	4	6,67%
3. Aumento da comunicação entre pais e filhos	9	15%
4. Alteração da estrutura social	4	6,67%
5. Diferença quanto a privilégios quanto a autonomia do adolescente e sua liberdade de escolha	13	21,67%
6. Diferença quanto à privilégios materiais e financeiros	9	15%
7. Sim, sem justificativas relevantes	11	18,33%
8. Não	3	5%
9. Não com ressalvas	1	1,67%
Total de respostas	60	100%

De acordo com a tabela verifica-se que o maior número de respostas, num total de 93,3%, refere-se à diferenças entre a adolescência da época dos pais e a de hoje. Apenas 6,67% dos adolescentes responderam não haver diferença entre as adolescências. A maioria das respostas dos adolescentes, 21,67%, relaciona essa diferença à privilégios ligados à autonomia do adolescente e maior liberdade de escolha nos dias de hoje. Responderam que hoje é mais permitido ao adolescente fazer suas próprias escolhas e tomar suas decisões, podendo expressar mais seus pensamentos, sentimentos, desejos e necessidades.

**Tabela 10.** Distribuição da frequência e porcentagem de respostas dos sujeitos à questão XVI: Você gostaria de fazer alguma observação a respeito da adolescência?

Este é o seu espaço.

<b>Categorias</b>	<b>freq.</b>	<b>%</b>
1. Respostas que apresentam uma reflexão sobre a adolescência	13	21,67%
2. Respostas que apresentam uma crítica sobre as atitudes dos pais com os filhos adolescentes	7	11,67%
3. Respostas que apresentam uma crítica à concepção da adolescência	4	6,67%
4. Não respondeu	36	60%
Total de respostas	60	100%

Conforme ilustra a tabela 2, a maioria dos adolescentes, 60%, optaram por não fazer nenhum tipo de observação sobre a adolescência. Dentre os 40% que responderam, 21,67% das respostas apresentaram uma reflexão sobre a adolescência, 11,67% uma crítica sobre as atitudes dos pais com os filhos nesta fase e 6,67% responderam criticando determinadas concepções da adolescência.

As respostas dos adolescentes referentes a uma reflexão sobre a adolescência, apresentaram argumentos conforme exemplos a seguir:

“ Eu acho que a adolescência é uma fase muito gostosa de se estar vivendo, é onde você muitas vezes vê o seu erro e tenta consertar.”

As respostas dos adolescentes referentes a uma crítica sobre as atitudes dos pais com os filhos adolescentes, apresentaram argumentos conforme exemplos a seguir:

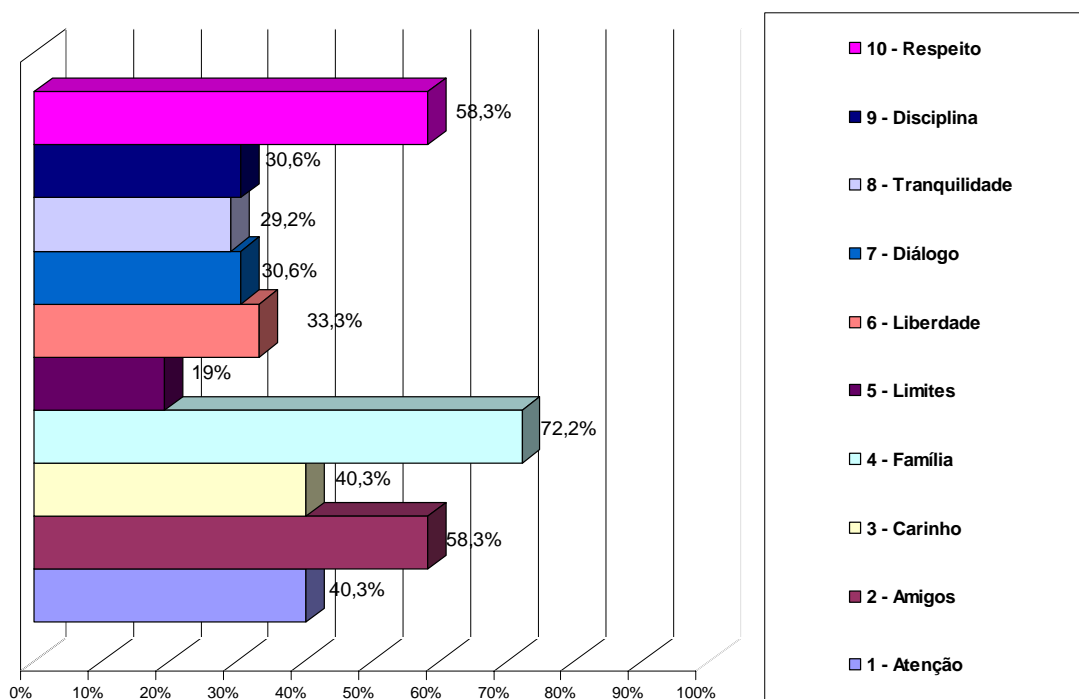
“Gostaria que nossos pais pudessem nos dar um pouco mais de tempo, espaço, liberdade e que entendessem nosso lado. Eles não fazem isso.”

As respostas dos adolescentes referentes a uma crítica sobre a concepção de adolescência, apresentaram argumentos conforme exemplos a seguir:

“A adolescência é uma fase de transição. Não precisa ser encarada como uma época de revolta. Não é aquele terror que todos falam.”



### 4.3.2 – Tema B: Suas necessidades

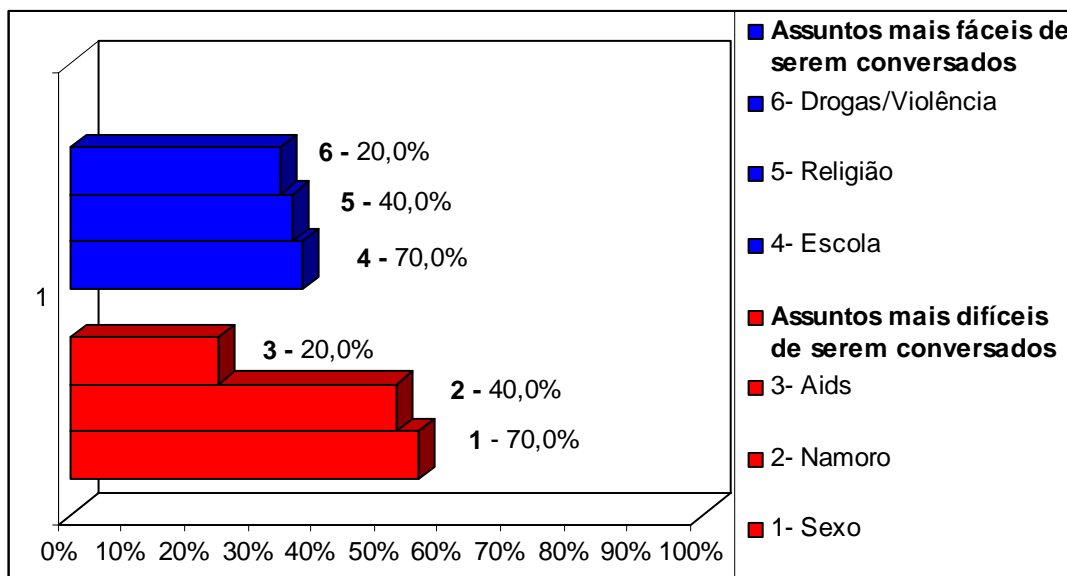


**Figura 17:** Porcentagem das respostas dos adolescentes sobre o que o adolescente mais precisa

De acordo com a figura 17, para os adolescentes suas maiores necessidades são de família (72,2%), amigos e respeito (58,3%) e atenção e carinho (40,3%). Esses dados mostram que, apesar de nesta fase os adolescentes se vincularem mais aos amigos e passarem mais tempo na presença deles, ainda é da família que eles mais precisam.

### 4.3.3 – Tema C: O relacionamento e o diálogo com os pais

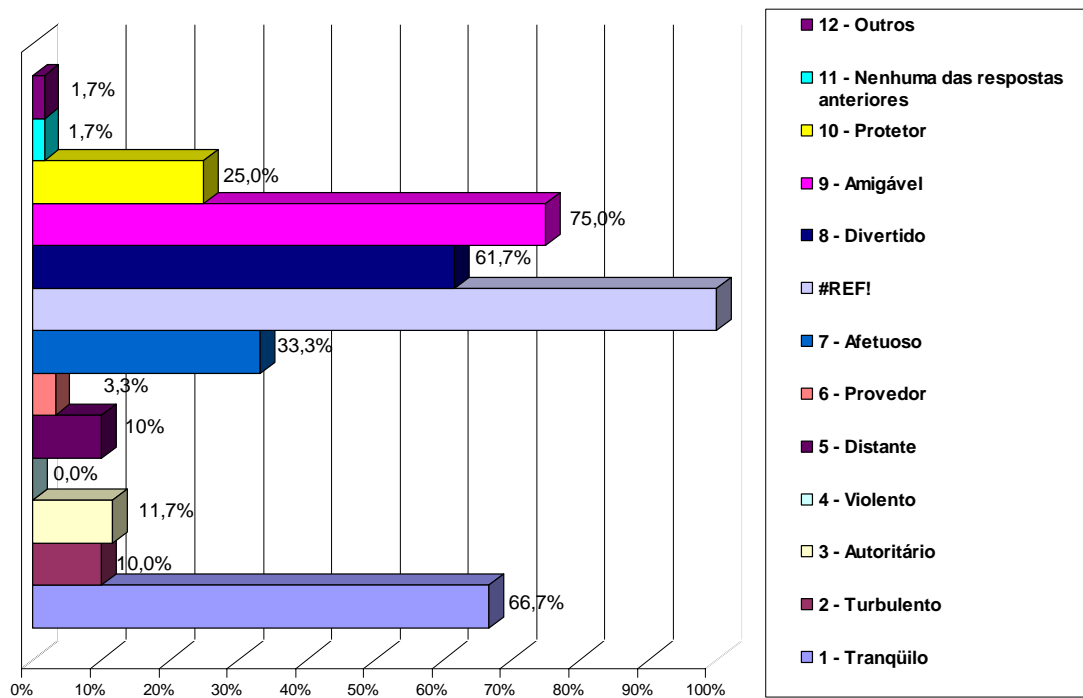
Este tema trata do relacionamento e diálogo do adolescente com seus pais. Foram analisadas duas questões fechadas, conforme resultados apresentados nas figuras 18 e 19, a seguir.



**Figura 18:** Porcentagem das respostas dos adolescentes sobre os três assuntos mais fáceis e os três mais difíceis de serem conversados com os pais.

Conforme indica a Figura 18, para os adolescentes os três assuntos mais difíceis de serem conversados com os pais são sexo (55%), namoro (51,7%) e Aids (23,3%). Os mais fáceis são escola (36,7%), religião (35%) e drogas e violência (33,3%). Temas como sexo, namoro e Aids, sendo esta última uma doença sexualmente transmissível, começam a ser melhor compreendidos na adolescência, instante em que assuntos, sentimentos e sensações envolvendo a sexualidade do indivíduo se torna mais presente em sua vida.

Com relação ao relacionamento dos adolescentes com os pais, segue abaixo os resultados.



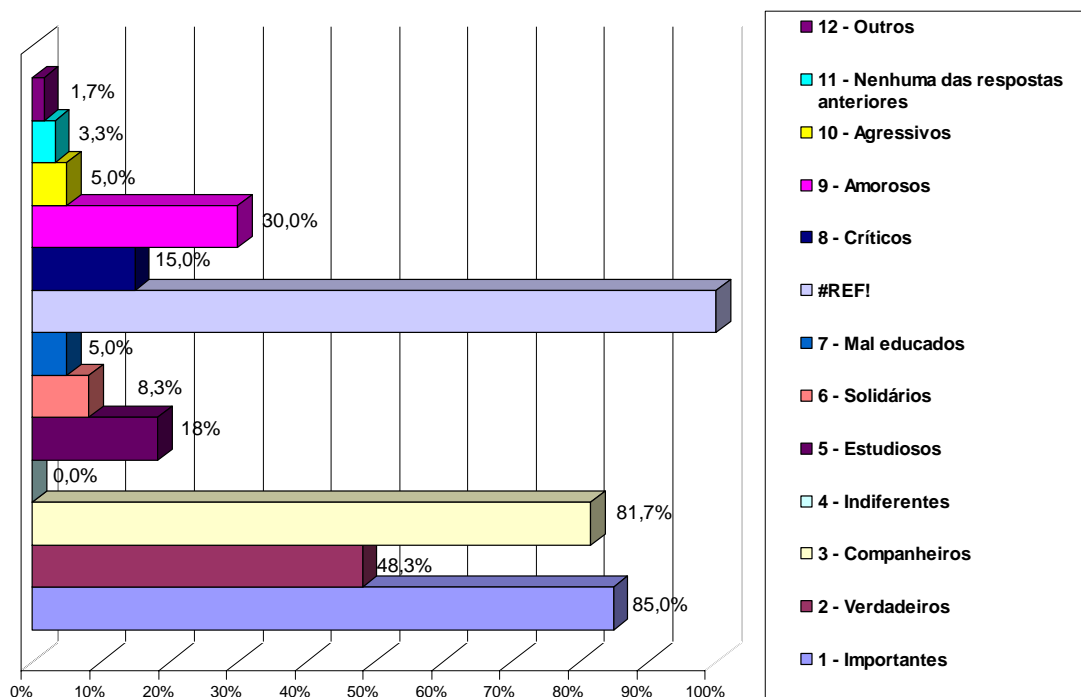
**Figura 19:** Porcentagem das respostas dos adolescentes sobre como eles consideram o relacionamento com seus pais

Os resultados da figura 19 indicam que a maioria dos adolescentes consideram ter um bom relacionamento com os pais, prevalecendo respostas que referem-se a este relacionamento como sendo amigável (75%), tranquilo (66,7%) e divertido (61,7%). É interessante notar que nenhum adolescente referiu-se à violência na relação com os pais.

#### 4.3.4 – Tema D: Os Amigos

Na adolescência, as amizades assumem um papel muito importante na vida dos adolescentes. Os grupos de pares são formados e o adolescente costuma passar a maior parte de seu tempo com os amigos.

A seguir serão apresentados os resultados da questão referente a este tema. Foi analisada uma questão fechada.

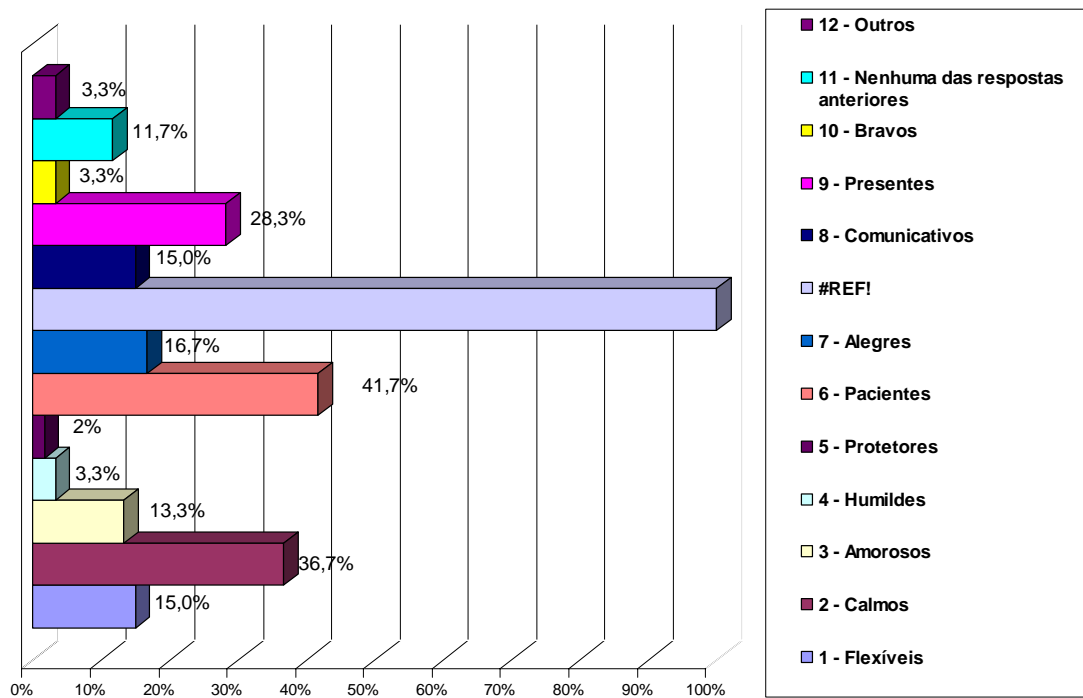


**Figura 20:** Porcentagem das respostas dos adolescentes sobre como eles consideram seus amigos

De acordo com os resultados apresentados na figura 20, 85% dos adolescentes consideram seus amigos importantes para eles, 81,7% o consideram companheiros e 48,3% verdadeiros. Itens que poderiam sugerir uma visão negativa dos adolescentes sobre seus amigos apareceram com baixa ou nenhuma porcentagem, como indiferença (0%), mal educados e agressivos (5%). Isso mostra um concepção positiva dos adolescentes com relação aos seus amigos.

#### 4.3.5 – Tema E: As expectativas frente aos pais

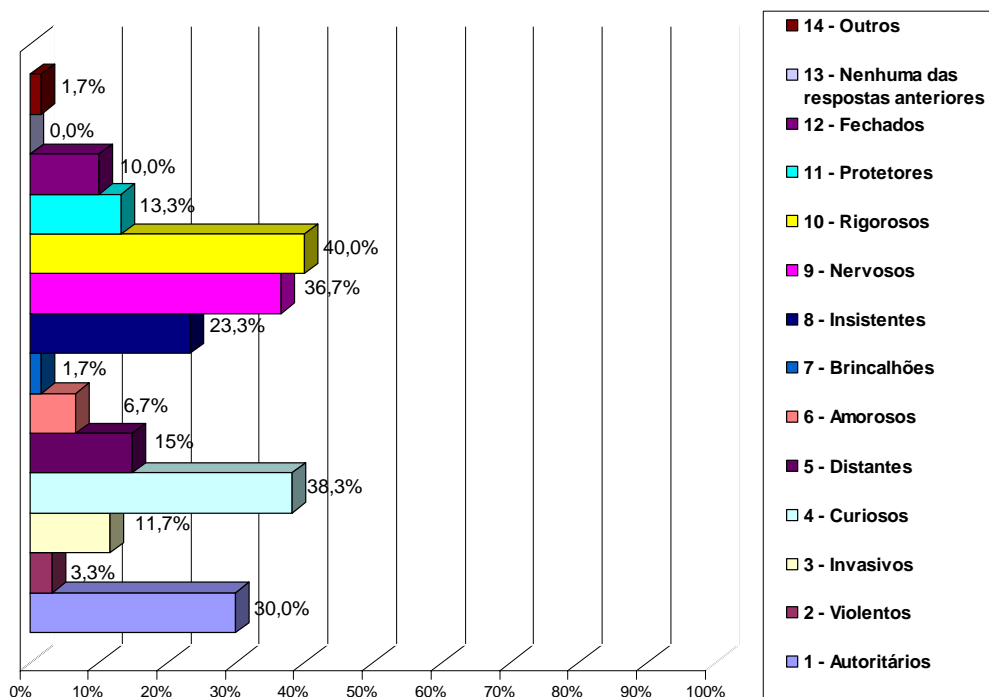
Este tema diz respeito às expectativas que os filhos adolescentes têm de seus pais, indicando o que eles desejariam a mais ou a menos nos pais.



**Figura 21:** Porcentagem das respostas dos adolescentes sobre o que gostariam que seus pais fossem mais

Os resultados da figura 21 mostram que 41,7% dos adolescentes gostariam que seus pais fossem mais pacientes, 36,7% mais calmos e 28,3% mais presentes. Nota-se que não houve nenhuma resposta com percentual acima de 50%, dado esse que pode indicar que os adolescentes têm um bom nível de satisfação com seus pais.

Como complemento desta temática, segue-se a questão sobre o que os adolescentes gostariam que seus pais fossem menos.

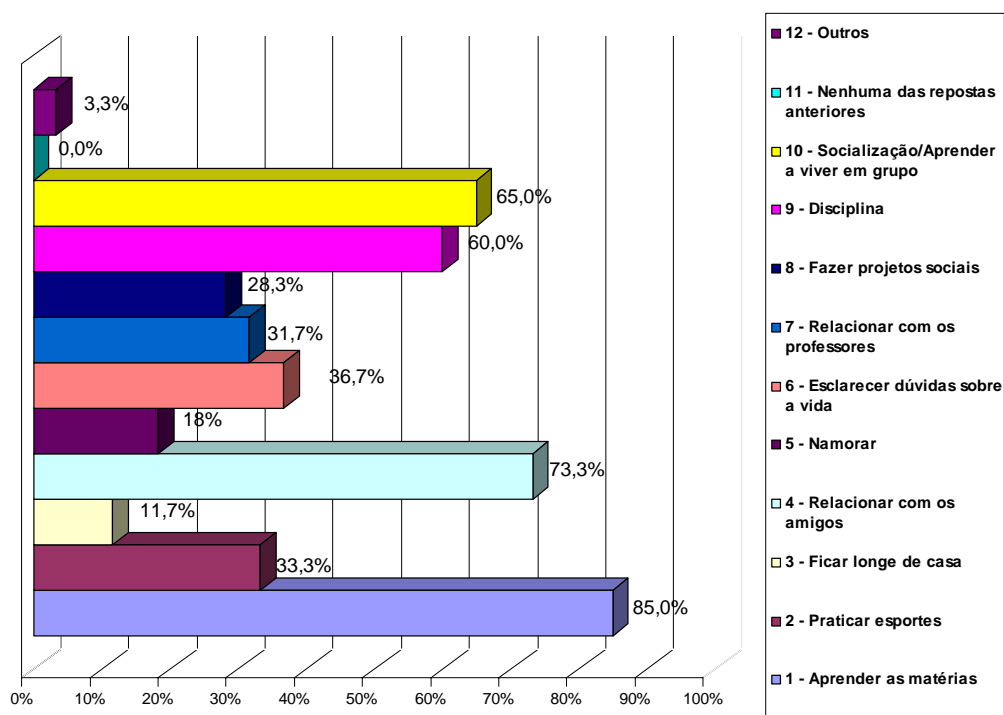


**Figura 22:** Porcentagem das respostas dos adolescentes sobre o que gostariam que seus pais fossem menos

Conforme demonstra a figura 22, 40% dos adolescentes gostariam que seus pais fossem menos rigorosos, 38,3% menos curiosos e 36,7% menos nervosos. Aqui também nenhum dado ultrapassa os 50%, o que pode indicar que os adolescentes tem um bom nível de satisfação com seus pais. Vale ressaltar que esta é uma fase em que os adolescentes procuram uma certa privacidade, tendo seus segredos e dúvidas, buscando encontrar respostas para suas perguntas e ficando, por vezes, isolado e, provavelmente por isso, gostariam que seus pais fossem menos curiosos.

#### 4.3.6 – Tema F: A escola

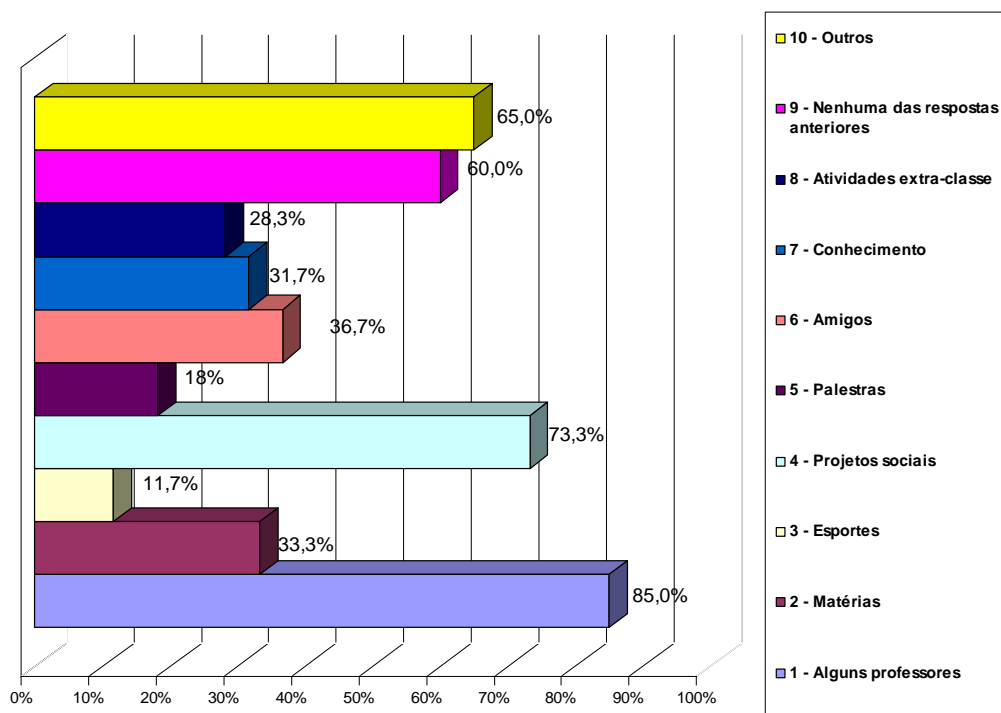
Este tema refere-se à importância e ao papel da escola para o adolescente.



**Figura 23:** Porcentagem das respostas dos adolescentes sobre a importância da escola

Conforme mostra a figura 23, 85% dos adolescentes consideram a escola importante para aprender as matérias. Logo em seguida 73,3% dos adolescentes atribuem a importância da escola ao relacionamento com os amigos e 65% a socialização/aprender a viver em grupo. Nota-se a importância dos amigos da escola também, assim como a escola ser um espaço em que se pode aprender a viver em grupo, aprendendo a se relacionar.

Dando continuidade a essa temática, seguem-se abaixo os resultados da questão referente ao que mais atrai o adolescente à escola.



**Figura 24:** Porcentagem das respostas dos adolescentes sobre o que mais os atrai na escola

Para 70% dos adolescentes o maior atrativo da escola são os amigos (70%). O conhecimento vem depois, com 53,3% das respostas e, em seguida, os esportes (45%). Com esses resultados, mais uma vez pode-se notar que a escola é um espaço em que o adolescente pode adquirir conhecimentos e se relacionar com os amigos.

Para complementar, abaixo a tabela com as categorias das respostas dadas sobre o que o adolescente menos gosta na escola.



**Tabela 11.** Distribuição da frequência e porcentagem de respostas dos sujeitos a questão XV: O que você menos gosta na escola?

<b>Categorias</b>	<b>freq.</b>	<b>%</b>
1. O que diz respeito às atividades ligadas a aquisição de competências acadêmicas	18	30%
2. Respostas ligadas ao recreio	8	13,33%
3. Respostas personalizadas	12	20%
4. Regras da Escola	8	13,33%
5. Respostas pessoais – quando acontece algo negativo	4	6,67%
6. Respostas ligadas a características de relacionamento e comportamento dos colegas	4	6,67%
7. Sem queixas	4	6,67%
8. Tudo	1	1,67%
9. Não respondeu	1	1,67%
Total de respostas	60	100%

Conforme observa-se na tabela 3, a maioria dos adolescentes não gostam de atividades ligadas a aquisição de competências acadêmicas. Segue abaixo, o exemplo de respostas dadas pelos adolescentes nesta categoria:

“Fazer tarefa e das provas”

As respostas dos adolescentes referentes ao recreio apresentaram argumentos conforme o exemplo a seguir:

“O recreio que é pequeno e tem pouca diversidade de brincadeiras e o lanche que é ruim e caro”.

As respostas dos adolescentes referentes à categoria “personalizados” apresentaram argumentos conforme exemplos a seguir:

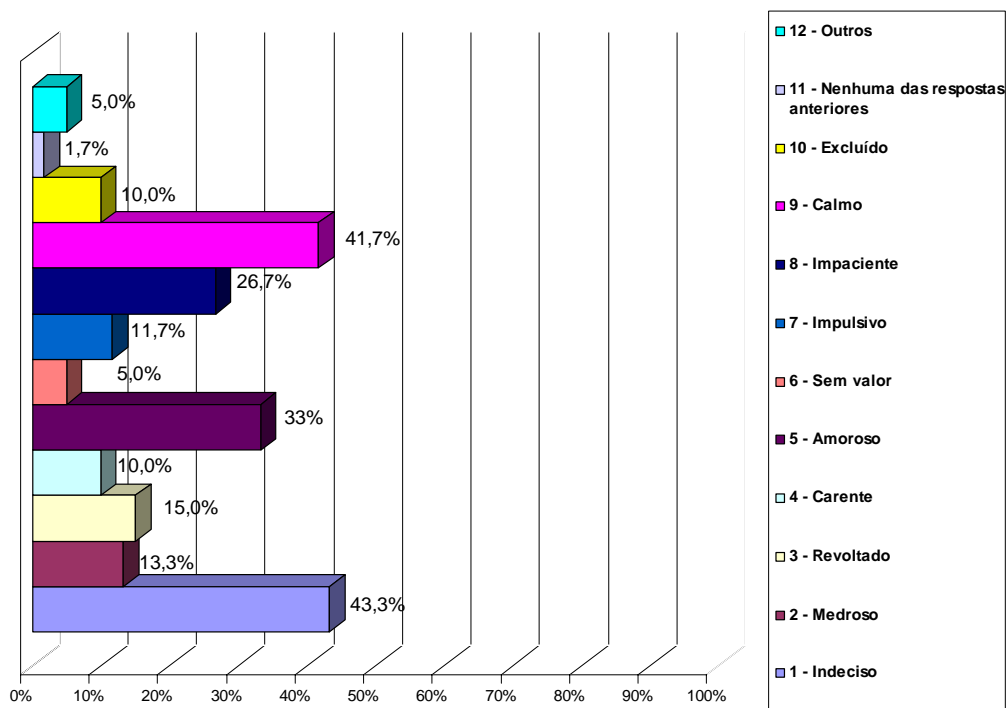
“O que eu menos gosto é da coordenadora.”

As respostas dos adolescentes à categoria “pessoal – quando ocorre alguma coisa negativa” tiveram argumentos como:

“De tirar notas ruins, levar advertência, de brigar com os colegas, etc.”

### 4.3.7 – Tema G: Auto-imagem

Esta temática se refere a auto-imagem do adolescente, ou seja, como o adolescente se vê. Foi analisada uma questão fechada, conforme figura a seguir:



**Figura 25:** Porcentagem das respostas dos adolescentes sobre como ele se considera.

Conforme a figura 25, a maioria das respostas indicam que os adolescentes se consideram inseguros (43,3%), calmos (41,7%) e amorosos (33,3%). Como apontada aqui, a indecisão é uma característica da adolescência, que é o momento em que o adolescente está formando sua consciência moral, suas opiniões próprias e que seus valores e normas estão sendo construídos.

#### **4.4 - Análise comparativa dos questionários dos professores, pais e adolescentes, nas questões que investigam os mesmos aspectos.**

Nos questionários utilizados nesta pesquisa, foram elaboradas algumas questões semelhantes para professores, pais e adolescentes, a fim de poderem ter seus resultados comparados. Essa comparação visa conhecer semelhanças e discrepâncias relacionadas às três visões da adolescência. Neste sentido, segue-se à análise comparativa dos resultados, também divididos por temas.

##### **Tema A – Concepção de Adolescência**

De acordo com os resultados das questões sobre a concepção de adolescência, observou-se que pais, professores e adolescentes, em sua maioria, concordam que há diferenças entre a adolescência de hoje e a adolescência da época dos pais e professores, entre as décadas de 1960 a 1980. Essa diferença é atribuída principalmente no que diz respeito à facilidade de acesso a informação, devido ao avanço da tecnologia e também à alteração na determinação e imposição de limites. Eles concordam que hoje existe muito mais dificuldade de impor limites aos adolescentes do que antigamente.

As semelhanças são grandes em relação a este tema. Os resultados apontam, em 1º. lugar, para adolescência como sinônimo de mudanças. Outros aspectos comuns a pais, professores e adolescentes referem-se a adolescência como sinônimo de questionamentos, contestações e crescimento. Também há concordância com relação a adolescência como não sendo sinônimo de revolta.

Para 66,7% dos pais e 80% dos professores, adolescência é sinônimo de oscilação de humor. Já para os adolescentes, apenas 25% consideram esta questão.

Pais, professores e adolescentes apresentaram respostas que indicam uma atitude reflexiva sobre essa fase da vida e crítica direcionada a comportamentos dos pais com relação aos filhos adolescentes.

### **Tema B – Necessidades dos adolescentes**

No que diz respeito a essa temática, pais, professores e adolescentes concordam que a maior necessidade dos adolescentes é de família. Concordam também que há grande necessidade de carinho e respeito.

Houve grande diferença quanto a necessidade de limites. Enquanto 80% dos professores responderam que o adolescente precisa de limites, apenas 19,4% dos adolescentes assinalaram essa resposta e 53,3% dos pais. Diferenciam-se também quanto a necessidade de disciplina, tendo 30,6% das respostas dos adolescente, 43,3% das respostas dos pais e 70% dos professores.

É interessante notar que as porcentagens de respostas mais altas foram dos professores, ficando, num total de 10 itens, apenas um item abaixo de 50%. Nas respostas dos pais, quatro itens ficaram abaixo de 50% e dos adolescentes sete itens.

### **Tema C – Relacionamento e Diálogo**

O relacionamento entre professores e alunos adolescentes não foi investigado segundo a visão do adolescente, mas somente na visão do professor. Desta forma, não serão feitas comparações entre esses sujeitos, neste aspecto.

As respostas de pais e adolescentes sugerem haver um bom relacionamento entre eles. Ambos atribuem características como amigável e divertido à relação e referem-se a um relacionamento nada violento. Não foram encontradas diferenças significantes nas respostas.

Com relação ao diálogo entre pais e filhos, ambos possuem dificuldades em conversar sobre assuntos ligados à sexualidade, como sexo e namoro. E são estes os assuntos mais solicitados pelos adolescentes para serem conversados com os professores. Assuntos sobre escola e religião estão entre os mais fáceis de serem conversados tanto para os pais, quanto para os adolescentes, sendo que religião está entre os menos solicitados pelos adolescentes aos professores.

Esses dados mostram a necessidade dos adolescentes de conversar sobre assuntos ligados a sua sexualidade e, como é difícil com os pais, eles procuram os professores para conhecer, conversar e compartilhar mais a respeito.

#### **Tema D – A Amizade**

O adolescente atribui grande importância aos amigos. Busca sempre encontrá-los, seja na escola ou fora dela. É um momento da vida em que as amizades exercem grande influência na vida do indivíduo.

Os resultados desta pesquisa mostram que pais, professores e adolescentes concordam que a amizade entre os adolescentes são importantes para eles. A agressividade não aparece nas respostas dos pais e dos professores e apenas 5% dos adolescentes consideram seus amigos agressivos.

Nenhum professor considerou a amizade entre os adolescentes como verdadeira, enquanto 48,3% dos adolescentes e 33,3% dos pais a considerou. Apesar disso, os professores não deram nenhuma resposta indicando falsidade entre os adolescentes.

Em sua maioria, as respostas a questões semelhantes dos três questionários indicam uma visão positiva de pais, professores e adolescentes a respeito da amizade entre os adolescentes.

### **Tema E – Expectativas**

Pais e professores gostariam que os adolescentes fossem mais responsáveis e estudiosos. 60% dos professores gostariam que os adolescentes fossem menos agressivos, enquanto apenas 23,33% dos pais têm esse desejo.

As duas questões referentes a esta temática tinham 12 alternativas cada uma, totalizando 24 alternativas. Nas respostas dos pais, apenas um item ultrapassou os 50%. Nas respostas dos professores, três itens ultrapassaram os 50% e quatro alcançaram os 50%. Nas respostas dos adolescentes, que dizia respeito as expectativas com relação aos pais, nenhum alcançou ou ultrapassou os 50%.

Esses dados podem indicar um bom nível de satisfação por parte tanto dos pais quanto dos professores com relação aos adolescentes como dos adolescentes com relação aos seus pais.

### **Tema F – A Escola**

Comparando as respostas dos professores e dos pais sobre sua opinião quanto ao papel da escola no desenvolvimento do adolescente, pode-se notar que a maior parte dos professores apresentaram respostas ligadas à escola enquanto espaço de aprendizagem acadêmica e de transmissão de valores para a vida. A maior parte dos pais, concebem a escola como parceira da família na educação dos adolescentes, focalizando aspectos de valores. Mas, somando-se as categorias em que acham-se presentes respostas que se referem a escola como transmissora de valores, obtém-se um total de 63,3% das respostas dos pais e 70% das respostas dos professores. Através dessa observação, pode-se concluir que tanto os pais quanto os professores atribuí um papel fundamental à escola de transmissora de valores para a vida. As respostas dos adolescentes que mais se assemelham a esse aspecto e têm alta porcentagem referem-se à escola como sendo

importante para relacionar com os amigos e para socialização e aprender a viver em grupo.

Interessante notar que 85% dos adolescentes responderam que a escola é importante para aprender as matérias. Respostas dos pais e professores semelhantes a essa correspondem a escola enquanto espaço de aprendizagem acadêmica, tendo 20% das respostas dos professores e 16,67% das respostas dos pais.

## 5 - DISCUSSÃO

O termo adolescência, conforme foi dito, nasceu no século XX. Apesar de o termo ser recente, o fenômeno da adolescência acontece com todos os seres humanos que passam da infância para a idade adulta. A forma como é encarada essa transição está sempre mudando, no decorrer do tempo e como pode ser visto na história dos jovens (Levi e Schmitt, 1996). Sendo assim, é sempre um assunto que gera importantes discussões, envolvendo todo o contexto que cerca o adolescente, como família, escola e amigos.

As questões que buscam compreender a forma como pais, professores e adolescentes concebem a adolescência são de grande importância, pois conforme a literatura (Biasoli-Alves, 1985) “as gerações mais nova e mais velha vão aprender uma com a outra e enquanto a criança e, posteriormente o adolescente adquire comportamentos compatíveis com o esperado pelos adultos socializados, estes vão gradativamente assimilando as formas e maneiras mais produtivas de lidar com eles. Assim, a geração mais velha por estar aprendendo com a mais nova o seu papel de socializador, está se desenvolvendo dentro dessa função”. Assim, há uma troca de aprendizagens nessa relação “geração mais velha” e “geração mais nova”.

Como neste estudo participaram sujeitos de várias gerações, foi possível conhecer algumas opiniões sobre as adolescências de diferentes épocas. Os resultados da pesquisa mostram que a maioria dos pais, professores e adolescentes percebe diferenças entre a adolescência de hoje e a de outras épocas, atribuindo essas diferenças mais ao avanço da tecnologia, facilidade de acesso à informação e alteração na imposição e determinação de limites.



As respostas dadas pelos adolescentes quando lhes foi perguntado se existe diferença entre a adolescência dos pais e a sua própria adolescência, sugerem uma repetição da fala dos adultos. Assim, o que eles escutam a respeito da adolescência dos pais, respondem na questão, repetindo a fala dos pais e outros adultos. E assim vão formando sua opinião através do que ouvem.

Para Osório (1992) é na adolescência que todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo atinge seu auge. É nessa fase que a auto-estruturação da identidade torna-se psicologicamente mais orientada.

A literatura na área da Psicologia do Desenvolvimento (Biasoli-Alves, 1995), mostra que os adultos tendem a explicar essa fase da vida como ‘crise’ ou ‘transição’, tendo como apoio entrevistas com pais e educadores.

Dados dessa pesquisa confirmam essa afirmação, pois a maioria dos pais, professores e adolescentes consideram a adolescência como sinônimo de maturidade física, crescimento e transição.

Porém, os dados mostram que é preciso repensar a visão da adolescência como sinônimo de revolta. Revelam que, na população estudada, isso não é um fato. Nota-se através das respostas dos professores e dos pais, em que 0% respondeu que adolescência é sinônimo de revolta e apenas 15% dos adolescentes fazem essa consideração. Na questão em que é dado um espaço para que o adolescente escreva o que quiser sobre a adolescência, alguns se referem a “a adolescência não é tão ruim assim como todos dizem”.

Os resultados que o principal sinônimo atribuído por pais (100%), professores (100%) e adolescentes (93%) à adolescência é “mudanças”. Na literatura da área da psicologia do Desenvolvimento (Biasoli-Alves, 1995) evidencia-se que em nenhuma fase de vida desde os dois anos de idade o indivíduo enfrenta tantas mudanças como na

adolescência, quando se inicia um processo acentuado de dúvidas e questionamentos; primeiro, pela necessidade de encontrar sua verdade e segundo porque é o momento de repensar tudo, transformando o que recebeu do ambiente em algo pessoal. Doron e Parot (1998) consideram a adolescência um campo psicológico privilegiado para se estudar a mudança.

Pais e professores responderam que a adolescência é uma fase de questionamentos e contestações. Isso mostra que eles estão conscientes desta realidade. De acordo com Biasoli-Alves (1985), é fundamental para o adolescente questionar. Ele busca encontrar a sua própria posição diante da crise que enfrenta, mesmo que continue dependendo da visão e dos ideais de outras pessoas. O questionamento representa uma necessidade muito forte de encontrar sua própria verdade, seja como auto-imagem, seja frente aos egos-ideais, seja como busca de realização pessoal. Além disso, é uma forma de retornar valores, padrões e normas e repensar tudo e transformar o que recebeu do meio em algo novo e pessoal. Ele também precisa estar ciente do que ele próprio, a adolescência em si e seu ambiente significam, para que possa estar mais bem preparado para enfrentar a idade adulta.

Neste instante da vida, o trabalho de construção de consciência moral (Herbert *apud* Biasoli-Alves, 1985), isto é, de seu conjunto de regras, atitudes e qualidades que possibilita uma convivência social adequada, é intenso e com muitas instabilidades. Por isso, é preciso assumir um indivíduo em fase de vir-a-ser, dando-lhe tempo suficiente para encontrar e assumir sua identidade e firmar seu conjunto de normas, valores e regras, sendo capaz de se dirigir em diversas situações.

O adolescente vivencia uma série de sentimentos e tem fortes oscilações de humor, muitas vezes incomodando o seu ambiente e gerando conflitos em suas relações.

Dentre os pais dessa pesquisa, 66,7% responderam que adolescência é sinônimo de oscilação de humor, bem como 80% dos professores.

Segundo Relvas (1996) os conflitos familiares são previsíveis, pois o adolescente começa a perceber que existem outros valores e comportamentos válidos além daqueles que aprendeu em sua família. Podem inclusive pensar achar que o jeito de ser de outros pais pode ser melhor do que o de seus pais.

Além dos conflitos, fala-se muito em distanciamento familiar. Durante essa fase do desenvolvimento, a tendência dos adolescentes é distanciar-se dos pais e aproximar-se dos amigos. Garcia Preto (2001) relata que os sentimentos de abandono e perda experimentados pela maioria das famílias acontece na medida em que o adolescente fortalece suas alianças fora e diminui sua participação em casa.

Winnicott (1993) considera a adolescência como uma etapa freqüentemente tratada como problema por toda a família, ao invés de um processo em que o jovem está vivenciando para, com o passar dos anos, tornar-se um adulto consciente e conectado à sociedade.

No entanto, os dados dessa pesquisa mostram baixos índices de respostas com relação a adolescência como sinônimo de conflitos e distanciamento familiar, para os três grupos de sujeitos.

No que diz respeito às necessidades dos adolescentes, pais, professores e adolescentes referem-se à família como sendo a maior das necessidades do jovem. Os dados mostram que 80% dos professores, 90% dos pais e 72,2% dos adolescentes responderam que a maior necessidade do adolescente é de família.

É natural que no início da adolescência o indivíduo ainda faça um grande investimento emocional em sua família. Com o tempo isso vai diminuindo e formando uma maior independência afetiva. Mas, segundo Relvas (1996), a autonomia não pode

ser confundida com a desconexão emocional dos pais. Os adolescentes apenas estão tendo mais domínio das decisões de sua vida e diminuindo a dependência psicológica dos pais.

Sendo assim, a família, primeiro contexto de socialização dos indivíduos, nas condições de desenvolvimento humano, é o espaço privilegiado tanto para as crianças quanto para os adolescentes. A pesquisa 'A Voz do Adolescente' do UNICEF 2002 demonstrou que é a família a principal referência para 95% dos pesquisados e é também o espaço em que se sentem mais felizes e também sofrem quando ocorrem conflitos e problemas. Para 75% dos adolescentes pesquisados a família é a instituição com maior responsabilidade pela garantia dos direitos dos adolescentes e por seu bem-estar.

Dados da literatura nacional e internacional relatam que o senso de bem estar ou de alegria na adolescência relaciona-se fortemente à qualidade do relacionamento com os pais (Travain, 2004). Mesmo com as dificuldades que a busca da autonomia gera no relacionamento entre adolescente e os pais, o vínculo entre eles continua tendo muita importância (Bee, 1997). Desta forma, o relacionamento positivo entre pais e adolescentes pode levar a índices altos de bem estar psicológico (Travain, 2004).

Durante essa fase, conforme citado anteriormente, muitas são as dúvidas e questionamentos levantados pelo adolescente. Assim sendo, é preciso conversar com eles a fim de poder esclarecê-los e orientá-los a respeito dos mais diversos assuntos.

Tânia Zagury, educadora, desenvolveu pesquisa entre 1994 e 1996, por meio de 943 questionários aplicados a adolescentes entre 14 e 18 anos, estudantes de classes sociais distintas, em dezesseis municípios brasileiros. Concluiu que, de maneira geral, esses adolescentes admiram seus pais, esperam que eles os orientem, aprovam a escola e consideram que o ensino é fundamental para a realização pessoal.

Para Biasoli-Alves (1985) é preciso conversar com os adolescentes, ter tempo pra eles e com eles. Desta forma, é possível discutir suas realizações, metas, restrições a sua liberdade, os valores, regras e normas vigentes frente aos do passado, ainda que buscando respeitar as convicções e atitudes por eles manifestas.

Geralmente o adolescente tem necessidade de conversar e, em alguns casos, não encontra esse espaço em casa. Os dados dessa pesquisa sugerem que algumas das causas que dificultam a conversa entre pais e filhos podem estar ligadas a dificuldades no diálogo com os pais com relação a alguns assuntos, como por exemplo, ligados à sexualidade, conforme dados dessa pesquisa, e também à falta de competência e disponibilidade dos pais para estarem presentes e atuarem como adultos que orientam, de acordo com a opinião de professores participantes dessa pesquisa.

Os dados mostram que os assuntos mais difíceis de serem conversados com os pais são exatamente os assuntos mais solicitados pelos adolescentes para serem conversados com os professores.

Parte dessa necessidade de conversar, expor e conhecer opiniões, é suprida na relação com os amigos. É nessa fase da vida que o indivíduo começa a estreitar seus laços com os amigos. Para Conger (1979), é nesta fase que os companheiros, ou seja, os amigos com quem o adolescente tende a passar muito tempo, passam a desempenhar um papel fundamental em seu desenvolvimento social e psicológico, auxiliando-o a definir sua própria identidade.

. Na questão “você considera seus amigos”, verifica-se a importância dos amigos para os adolescentes, sendo que 85% responderam que os amigos são importantes para eles e 81,7% os consideram companheiros, confirmando o que a literatura diz a respeito dos adolescentes esperarem que seus amigos sejam leais, confiáveis e que sejam uma

fonte segura de apoio caso ocorra algum tipo de instabilidade emocional (Conger, 1970).

Foi-lhes perguntado “O que mais atrai você à escola” e a maior porcentagem das respostas (70%) foi ao item “amigos”. Isso mostra como os amigos são importantes para os adolescentes.

Enquanto nesta fase, o tempo que os adolescentes passa com a família diminui muito (Papalia & Olds, 2000), passando a maior parte de seu tempo livre com os amigos. Dados encontrados na literatura indicam pesquisas que mostram alto percentual de positividade em respostas de adolescentes sobre sentir-se bem com seus amigos (Travain, 2004). A literatura confirma no sentido de que nessa fase de vida as amizades ocupam um lugar especial na vida do jovem, que sente-se feliz quando está em grupo.

Pais e professores também consideram a amizade entre os adolescentes importantes para ele. Chama-se atenção para algumas respostas dos professores. Para 60% deles, as amizades entre os adolescentes são passageiras e 30% a consideram perigosas. Sendo uma questão fechada do questionário, não foi possível obter dados que ilustrassem tais respostas, mas é um dado que chama atenção, por indicar uma tendência a negatividade.

Os diversos tipos de relacionamentos vivenciados pelos adolescentes neste período da vida são de grande relevância. A adolescência é uma fase que, quem está perto de um indivíduo no processo de adolecer, vivencia junto o processo. Essa observação vale para família e professores. Vale salientar que a família não é estática, ela muda constantemente adaptando-se às demandas advindas de cada um dos membros que a compõe (Kreppner, 1991).

Sendo a adolescência uma fase de mudanças, geralmente é também uma fase em que se levantam muitas expectativas no que se refere às relações. Nesta pesquisa

procurou-se investigar alguns desejos e expectativas dos pais e professores em relação aos adolescentes e dos adolescentes em relação aos seus pais.

Buscando conhecer como é o relacionamento de pais e professores com os adolescentes e dos adolescentes com seus pais, perguntou-se a eles como consideravam esse relacionamento. Os dados demonstraram que esses relacionamentos são vistos de forma positiva pelos três grupos de sujeitos.

Nesta temática, as questões investigaram o que pais e professores gostariam que os adolescentes fossem mais e fossem menos, seguindo a mesma linha para investigar os desejos e expectativas dos adolescentes com relação aos seus pais e como pais e professores classificam sua relação com os adolescentes e como os adolescentes consideram sua relação com os pais.

A maioria dos pais gostariam que seus filhos adolescentes fossem mais estudiosos, responsáveis e obedientes e menos inseguros, nervosos, agressivos e impetuosos. E os adolescentes gostariam que seus pais fossem mais pacientes e calmos e menos rigorosos, curiosos e nervosos. Nota-se que ambos têm desejos e expectativas semelhantes, como serem menos nervosos e mais calmos. Esses dados mostram que existe alguns equívocos quanto a fala de pais e professores que afirmam ter um relacionamento muito tranquilo e nada turbulento com os adolescentes, mas ao mesmo tempo gostariam que fossem mais calmos e menos nervosos. É interessante notar que a maioria das respostas dos adolescentes referem-se a eles se considerarem calmos.

As respostas dos professores indicaram maiores desejos e expectativas dos professores em relação aos adolescentes direcionados a comportamentos observáveis dentro de sala de aula, como eles serem mais ‘responsáveis’, ‘interessados’, ‘estudiosos’, ‘participativos’, ‘disciplinados’ e menos ‘agitados’ e ‘agressivos’ e ‘indiferentes’. Interessante notar que na questão “Você considera o seu relacionamento

com o aluno adolescente”, 80% dos professores consideram ‘Muito Tranquilo’ e 70% nada turbulento. Em contrapartida, aqui 60% gostariam que seus alunos fossem menos agitados e agressivos, demonstrando certa incoerência nas respostas. Esses dados podem indicar dificuldades dos professores em lidarem com os alunos em sala de aula.

Nesse sentido o estabelecimento de um clima favorável, caracterizado por uma série de comportamentos de professores e alunos, constitui-se numa verdadeira chave para os problemas que geralmente acompanham os professores. O clima dispõe-se de acordo com o comportamento dominador (autoritário) ou integrador (democrático) do professor. Também são importantes a quantidade e a qualidade das interações. Muitas vezes o professor deixa o diálogo fora da negociação, pensando que sua autoridade pode se tornar abalada.

Um fator importante no desenvolvimento do adolescente é a qualidade da escola que ele frequenta, bem como a visão que o jovem tem desse âmbito de sua vida, por tratar-se de uma experiência organizadora central nessa fase do desenvolvimento (Papalia & Old, 2000).

A educação de uma nova geração é um ensino em que prevalecem trocas e reflexões, em que é possível formar o caráter do cidadão, com um diálogo aberto e franco, favorecendo o compromisso do aluno e do professor na construção de uma nova relação entre estes no processo ensino-aprendizagem.

Ao perguntar para professores sobre o papel da escola na vida do adolescente, as respostas mostraram, em sua maioria (40%), a escola enquanto espaço de aprendizagem acadêmica e de transmissão de valores para a vida.

Esse dado está em consonância com o que afirma Osório (1989), quando diz que a escola é um lugar de troca, onde se encontram informações e aprendizados da investigação. É na escola que são formuladas grande parte das perguntas e respostas



necessárias ao entendimento da vida, da sociedade, das relações, do ser humano e do próprio cotidiano.

A mesma pergunta foi feita aos pais e a maior porcentagem das respostas (26,67%) referiram-se à escola como parceira da família, focalizando aspectos de valores.

Mas a escola precisa alertar os pais sobre a importância de sua participação: o interesse em acompanhar os estudos dos filhos é um dos principais estímulos para que eles estudem.

Portanto, para que seja estabelecida essa parceria, como desejam os pais, é preciso que estes participem da vida escolar dos filhos. Em suas respostas eles afirmaram que a escola serve como apoio para a família, mas alguns professores contestam dizendo que há pais que transferem a responsabilidade da educação totalmente para a escola. Queixam-se que os pais participam pouco da vida escolar dos filhos. Dessa forma, é mais difícil estabelecer essa 'parceria' que eles desejam.

Assim, considerando a escola como 'parceira' da família, a presença e a participação da família na escola são fundamentais e valorizadas, no sentido da realização de um trabalho conjunto visando a formação do aluno, acima de tudo, como ser humano. E, segundo Osório (1989), educar e instruir é algo que precisa acontecer tanto na escola quanto na família.

## 6 - CONCLUSÕES

Os resultados deste estudo permitem as seguintes conclusões:

1 – Pais, professores e adolescentes consideram a adolescência de hoje diferente de adolescências anteriores (referentes à época em que os pais e os professores foram adolescentes, entre a década de 60 a 80). As principais atribuições feitas a essas diferenças estão relacionadas à evolução da tecnologia que facilita o acesso à informação. Além disso, referem-se à diferenças quanto a imposição e determinação de limites aos adolescentes.

2 – A adolescência é vista pelos três grupos de participantes como sendo sinônimo de mudanças, questionamentos, contestações e crescimento.

3 – As relações familiares foram descritas aqui com uma visão positiva, tanto pelos pais quanto pelos adolescentes. Houve pouca referência explícita a conflitos familiares e distanciamento familiar. Porém, no que diz respeito aos desejos e expectativas dos pais em relação aos filhos adolescentes e destes para com aqueles, a calma e o nervosismo foram dados que apresentaram ambigüidade entre pais e filhos adolescentes. Apesar de ambos considerarem ter uma relação tranqüila, os pais gostariam que os filhos fossem menos nervosos e mais calmos, mas boa parte dos adolescentes se considera calma. Além disso, os filhos gostariam que os pais fossem mais pacientes e protetores e menos rigorosos e nervosos. Assim, levanta-se uma pergunta: realmente há poucos conflitos familiares ou é difícil reconhecer a existência deles?

4 – As relações com os professores também são vistas de forma positiva. Os desejos e expectativas dos professores com relação aos adolescentes estão mais voltados para

características ligadas aos comportamentos num contexto escolar, como responsabilidade, estudo, interesse, participação e disciplina.

5 – As amigas são consideradas importantes para os adolescentes, tanto para os pais, quanto para os professores e os adolescentes.

6 – Na visão dos pais e professores a escola exerce um papel de transmissora de conhecimento acadêmico e valores para a vida. Para os adolescentes, ela é importante para aprender as matérias e encontrar os amigos.

7 – Para pais, professores e adolescentes participantes, a principal necessidade do adolescente é de família.

8 – Pais e filhos adolescentes possuem dificuldades semelhantes quanto ao diálogo. Os dados mostraram que os assuntos que são difíceis de serem conversados entre eles estão ligados a sexualidade e são os mais solicitados aos professores pelos adolescentes. Portanto, o que os adolescentes não conversam com os pais, procuram conversar com os professores.

9 – A maioria dos adolescentes se consideram indecisos, amorosos e calmos.

10 – Os resultados dessa pesquisa podem contribuir para o esclarecimento de questões levantadas a respeito da adolescência, principalmente no que se refere às relações que o adolescente estabelece com pais e professores. Além disso, descreve a opinião destes três grupos sobre o que pensam a respeito da adolescência e como enxergam essa fase nos dias de hoje, comparando-a com a fase em que pais e professores foram adolescentes.

## 7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A E COLS. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes médicas, 2ª ed., 1983.
- ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes médicas, 1981.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. São Paulo: Guanabara, 1983.
- BEE, H. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.
- BIASOLI-ALVES, ZMM. **Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX**. Revista Psicologia, Teoria e Pesquisa, v.16, nº. 3, 2000.
- BIASOLI-ALVES, ZMM. **A Pesquisa em Psicologia-análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico**. In Romanelli, G. & Biasoli-Alves ZMM (Orgs.). **Diálogos Metodológicos sobre a Prática de Pesquisa**, Ribeirão Preto: Legis Summa, p. 135-157, 1998.
- BIASOLI-ALVES, ZMM. **Desenvolvimento Humano**. Departamento de Psicologia e Educação, FFCLRP – USP, Texto Didático, 1985
- BIDARRA, C. **A construção do amor e do erotismo no discurso literário: uma perspectiva histórica dentro do pensamento ocidental**. Dissertação de Mestrado pela Universidade Mackenzie de São Paulo, 1996.
- BOWLBY, J. **Apego: Apego e Perda**. São Paulo: Martins Fontes, v 1, 1990.
- BRUSCHINI, C. **Teoria Crítica da Família**. In Azevedo, MA & Guerra, VNA (orgs). **Infância e Violência Doméstica: Fronteiras do Conhecimento**. São Paulo: Cortez, p. 49-77, 1997.
- CARTER, B; MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CASAS, F. **La situaciones de cuidado de la infância de 6 a 12 años de las comarcas de girona**. Univercitat de Barcelona, 1994.

CHENEY, I; PERRY, NW. **Children's attitudes toward their rights: An international perspective.** In Casas: Psychosocial perspectives on childhood. Symposium in the 23<sup>rd</sup> International Congress of Applied Psychology, Madri, 1994.

COLEMAN, JC. **Psicologia de la adolescência.** Madrid: Morata, 1994.

CONGER, J. **Adolescência: geração sob pressão.** São Paulo: Harper & Row, 1979.

CUBERO, R; MORENO, MC. **Relações sociais nos anos escolares: família, escola, companheiros.** In: COLL, C; PALÁCIOS, J; MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e Educação.** Porto Alegre: Artes médicas, v.1, p. 250-260, 1995.

DORON, R. ; PAROT, F. **Dicionário de Psicologia.** São Paulo: Ática, 1998.

ELIAS, MJ; TOBIAS, S; FRIEDLANDER, BS. **A Adolescência e a Inteligência Emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ERIKSON, E. **O ciclo de vida completo.** Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Guanabara, 2<sup>a</sup> ed., 1998.

ERIKSON, E. **Childhood and Society.** New York: Norton, 1950.

FRANCO JR, H. **A Idade Média: nascimento do Ocidente.** São Paulo: Brasiliense, 3<sup>a</sup> ed., 1986.

FRASCHETTI, A. **O Mundo Romano.** In: LEVI, G; SCHMITT, JC (Orgs.). **História dos Jovens: da Antigüidade à Era Moderna.** São Paulo: Cia das Letras, v.1, p.59-95, 1996.

FUNARI, PP. **Grécia e Roma.** São Paulo: Contexto, 2001.

GALLATIN, JE. **Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência.** São Paulo: HABRA, 1978.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História.** São Paulo: Paz e Terra, 1989.

JERSILD, AT. **Psicologia da Adolescência**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

KREPPNER. **Observation and longitudinal approach in infancy research**. In Lamb, ME & Keller, H. (Orgs.), **Infant development: perspectives from german-speaking countries**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1999.

LEVI, G; SCHMITT, JC. **A História dos Jovens**. Vol. I e II. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARCHELLO-NIZIA, C. **Cavalaria e Cortesia**. In: LEVI, G; SCHMITT, JC (Orgs.). **História dos Jovens: da Antigüidade à Era Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, v.1, p.141-190, 1996.

PAPALIA, DE; OLDS, SW. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artes médicas, 2000.

PASTOUREAU, M. **Os emblemas da juventude: atributos e representações dos jovens na imagem medieval**. In: LEVI, G; SCHMITT, JC (Orgs.). **História dos Jovens: da Antigüidade à Era Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, v.1, p.245-263, 1996.

PEREZ, MCA. **Família e escola na educação da criança: análise das representações presentes em relatos de alunos, pais e professores de uma escola pública de ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado, USP, 2000.

RANKE-HEINEMANN, U. **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 3ª ed., 1996.

RICHARDSON, RJ E COLS. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

RUTHER, M. **Helping Troubled Children**. London: Cox & Wyman, 1975.

SCHNAPP, A. **A imagem dos jovens na cidade grega**. In: LEVI, G; SCHMITT, JC (Orgs.). **História dos Jovens: da Antigüidade à Era Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, v.1, p.19-57, 1996.

SEVCENKO, N. **Introdução. O Prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso.** In Novais FA (dir.) & Sevcenko N. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil 3.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUSA, SMG; RIZZINI, I. Org. **Desenhos de Família – Criando os Filhos: A Família Goianiense e os Elos Parentais.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

UNICEF. **A voz do adolescente, 2002.**

WRIGHT, S.; MORLEY, D. **Learning Works Searching for Organizational Futures.** Toronto: ABL Group, 1989.

ZAGURY, T. **O Adolescente por ele mesmo.** Rio de Janeiro: Record, 1996.

## 8 - ANEXOS

**QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES**

Qual(is) matéria(s) você leciona?

---

I – Em que década você foi adolescente?

---

II - Pra você, há alguma diferença entre a adolescência de hoje e a adolescência de sua época? Se existe, quais são elas?

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

III - Para você, adolescência é sinônimo de:

- |                                  |                                       |
|----------------------------------|---------------------------------------|
| (1) Revolta                      | (9)Transição                          |
| (2) Mudanças                     | (10) Distanciamento Familiar          |
| (3) Maturidade Física            | (11) Nervosismo                       |
| (4) Carência Afetiva             | (12) Impetuosidade                    |
| (5) Questionamentos/Contestações | (13) Perdas                           |
| (6) Oscilação de humor           | (14) Conflitos Familiares             |
| (7) Medo                         | (15) Nenhuma das respostas anteriores |
| (8) Crescimento                  | (16) Outros _____                     |
- 

IV – Numa escala de 0 (zero) a 10 (dez), o que você acha que o adolescente mais precisa?

<b>Nada</b>		<b>Muito</b>
----- ----- ----- ----- ----- ----- ----- ----- ----- -----		----- ----- ----- ----- ----- ----- ----- ----- -----
<b>0 (Zero)</b>	5 (cinco)	<b>10(dez)</b>

- |                |                   |
|----------------|-------------------|
| ( ) Atenção    | ( ) Amigos        |
| ( ) Carinho    | ( ) Família       |
| ( ) Limites    | ( ) Liberdade     |
| ( ) Diálogo    | ( ) Tranquilidade |
| ( ) Disciplina | ( ) Respeito      |

V – Você considera a amizade entre os adolescentes:



- |                           |                                      |
|---------------------------|--------------------------------------|
| (1) Importantes para eles | (6) Perigosas                        |
| (2) Verdadeiras           | (7) Agressivas                       |
| (3) Passageiras           | (8) Intensas                         |
| (4) Carinhosas            | (9) Nenhuma das respostas anteriores |
| (5) Falsas                | (10) Outros _____                    |
- 

VI – Quais os comportamentos mais comuns verificados entre os adolescentes de 7<sup>a</sup>. e 8<sup>a</sup>. séries?

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

VII – Você gostaria que seus alunos adolescentes fossem mais:

- |                   |                                       |
|-------------------|---------------------------------------|
| (1) Carinhosos    | (7) Interessados                      |
| (2) Calmos        | (8) Comunicativos                     |
| (3) Atenciosos    | (9) Obedientes                        |
| (4) Estudiosos    | (10) Participativos                   |
| (5) Disciplinados | (11) Nenhuma das respostas anteriores |
| (6) Responsáveis  | (12) Outros _____                     |
- 

VIII – Você gostaria que seus alunos adolescentes fossem menos:

- |                    |                                       |
|--------------------|---------------------------------------|
| (1) Carentes       | (7) Agressivos                        |
| (2) Dependentes    | (8) Questionadores                    |
| (3) Influenciáveis | (9) Indiferentes                      |
| (4) Impetuosos     | (10) Dramáticos                       |
| (5) Agitados       | (11) Nenhuma das respostas anteriores |
| (6) Sensíveis      | (12) Outros _____                     |
- 

IX – Qual o papel da Escola no desenvolvimento do adolescente?

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

X – Em **ORDEM** de importância (**crecente de 1 a 10**), o que você considera mais essencial no relacionamento com o adolescente?

- |                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Paciência    | <input type="checkbox"/> Respeito               |
| <input type="checkbox"/> Diálogo      | <input type="checkbox"/> Flexibilidade          |
| <input type="checkbox"/> Descontração | <input type="checkbox"/> Dedicção               |
| <input type="checkbox"/> Afeto        | <input type="checkbox"/> Ter uma atitude neutra |
| <input type="checkbox"/> Conhecimento | <input type="checkbox"/> Limites                |

XI – Em termos de desempenho e responsabilidade escolar, como você considera as turmas (classes) de seus alunos adolescentes de 7<sup>a</sup>. e 8<sup>a</sup>. séries?

### 7<sup>A</sup>. SÉRIE

- (1) Excelentes
- (2) Bons
- (3) Na média
- (4) Ruins
- (5) Muito ruins

Por que? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

### 8<sup>A</sup>. SÉRIE

- (1) Excelentes
- (2) Bons
- (3) Na média
- (4) Ruins
- (5) Muito ruins

Por que? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

XII – O que seria ideal numa relação professor-aluno?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

XIII – Dos assuntos abaixo, quais são os três mais solicitados para serem conversados pelos adolescentes? E os três menos solicitados?

- |                                  |                                       |
|----------------------------------|---------------------------------------|
| (1) AIDS                         | (12) Escola                           |
| (2) Sexo                         | (13) Drogas                           |
| (3) Homossexualismo              | (14) Desemprego/Mercado de trabalho   |
| (4) Violência                    | (15) Namoro                           |
| (5) Racismo                      | (16) Morte                            |
| (6) Escolha Profissional         | (17) Relações Familiares              |
| (7) Religião                     | (18) Dinheiro                         |
| (8) Política                     | (19) Dificuldades de aprendizagem     |
| (9) Desigualdade(ricos e pobres) | (20) Relacionamento com irmão(s)      |
| (10) Administração do Tempo      | (21) Nenhuma das respostas anteriores |
| (11) Economia Doméstica          | (22) Outros_____                      |

\* Três mais solicitados:\_\_\_\_\_

\* Três menos solicitados:\_\_\_\_\_

XIV – De acordo com a escala abaixo, você considera seu relacionamento com os alunos adolescentes:

**(1) Nada (2) Pouco (3) Razoavelmente (4) Muito (5) Totalmente**

- |                 |                 |
|-----------------|-----------------|
| ( ) Tranquilo   | ( ) Afetuoso    |
| ( ) Turbulento  | ( ) Divertido   |
| ( ) Amigável    | ( ) Responsável |
| ( ) Hierárquico | ( ) Sério       |
| ( ) Distante    | ( ) Indiferente |

XV – Em **ORDEM** de importância (**crescente de 1 a 10**), quais são **suas** principais dificuldades em relação aos seus alunos adolescentes?

- |                                    |  |
|------------------------------------|--|
| ( ) Diálogo                        | ( ) Ser paciente                         |
| ( ) Estabelecer Limites/Obediência | ( ) Aceitar a opinião deles              |
| ( ) Disciplina                     | ( ) Manter o Respeito                    |
| ( ) Manter a calma                 | ( ) Falta de interesse deles             |
| ( ) Lidar com a sexualidade deles  | ( ) Despertar-lhes o interesse pela aula |





## QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS

I - Para você, adolescência é sinônimo de:

- |                                  |                                       |
|----------------------------------|---------------------------------------|
| (1) Revolta                      | (9) Transição                         |
| (2) Mudanças                     | (10) Distanciamento Familiar          |
| (3) Maturidade Física            | (11) Nervosismo                       |
| (4) Carência Afetiva             | (12) Impetuosidade                    |
| (5) Questionamentos/Contestações | (13) Perdas                           |
| (6) Oscilação de humor           | (14) Conflitos Familiares             |
| (7) Medo                         | (15) Nenhuma das respostas anteriores |
| (8) Crescimento                  | (16) Outros _____                     |
- 

II – Em que década você foi adolescente?

---

III - Pra você, há alguma diferença entre a adolescência de hoje e a adolescência de sua época? Se existe, quais são elas?

---



---



---



---



---



---



---



---

IV– Dos assuntos abaixo, quais são os três mais difíceis de serem conversados com seu filho adolescente? E os três mais fáceis?

- |                                  |                                       |
|----------------------------------|---------------------------------------|
| (1) AIDS                         | (12) Escola                           |
| (2) Sexo                         | (13) Drogas                           |
| (3) Homossexualismo              | (14) Desemprego/Mercado de trabalho   |
| (4) Violência                    | (15) Namoro                           |
| (5) Racismo                      | (16) Morte                            |
| (6) Escolha Profissional         | (17) Relações Familiares              |
| (7) Religião                     | (18) Dinheiro                         |
| (8) Política                     | (19) Dificuldades de aprendizagem     |
| (9) Desigualdade(ricos e pobres) | (20) Relacionamento com irmão(s)      |
| (10) Administração do Tempo      | (21) Nenhuma das respostas anteriores |
| (11) Economia Doméstica          | (22) Outros _____                     |
- 

\* Três mais solicitados: \_\_\_\_\_

\* Três menos solicitados: \_\_\_\_\_

V – Numa escala de 0 (zero) a 10 (dez), o que você acha que o adolescente mais precisa?

**Nada** **Muito**  
 |-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|  
**0 (Zero)** **5 (cinco)** **10(dez)**

- |                                     |  |
|-------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Atenção    | <input type="checkbox"/> Amigos        |
| <input type="checkbox"/> Carinho    | <input type="checkbox"/> Família       |
| <input type="checkbox"/> Limites    | <input type="checkbox"/> Liberdade     |
| <input type="checkbox"/> Diálogo    | <input type="checkbox"/> Tranquilidade |
| <input type="checkbox"/> Disciplina | <input type="checkbox"/> Respeito      |

VI – Em **ORDEM** de importância (**crecente de 1 a 12**), numa relação entre pais e filhos, o mais essencial é:

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Afeto         | <input type="checkbox"/> Atenção          |
| <input type="checkbox"/> Diálogo       | <input type="checkbox"/> Compreensão      |
| <input type="checkbox"/> Honestidade   | <input type="checkbox"/> Responsabilidade |
| <input type="checkbox"/> Flexibilidade | <input type="checkbox"/> Paciência        |
| <input type="checkbox"/> Respeito      | <input type="checkbox"/> Humildade        |
| <input type="checkbox"/> Disciplina    | <input type="checkbox"/> Limite           |

VII – De acordo com a escala abaixo, você considera o relacionamento com seu filho adolescente:

**(1) Nada (2) Pouco (3) Razoavelmente (4) Muito (5) Totalmente**

- |                                      |                                    |
|--------------------------------------|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Tranquilo   | <input type="checkbox"/> Afetuoso  |
| <input type="checkbox"/> Turbulento  | <input type="checkbox"/> Divertido |
| <input type="checkbox"/> Autoritário | <input type="checkbox"/> Amigável  |
| <input type="checkbox"/> Violento    | <input type="checkbox"/> Protetor  |
| <input type="checkbox"/> Distante    | <input type="checkbox"/> Provedor  |

VIII – Em **ORDEM** de importância (**crecente de 1 a 12**), quais são **suas** principais dificuldades em relação aos seus filhos adolescentes?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Diálogo                 | <input type="checkbox"/> Ser paciente                      |
| <input type="checkbox"/> Estabelecer Limites     | <input type="checkbox"/> Ser flexível                      |
| <input type="checkbox"/> Sexualidade             | <input type="checkbox"/> Reconhecer meus erros             |
| <input type="checkbox"/> Expressar Sentimentos   | <input type="checkbox"/> Aceitar seus amigos               |
| <input type="checkbox"/> Manter a Calma          | <input type="checkbox"/> Não me sentir mais tão necessário |
| <input type="checkbox"/> Aceitar a opinião deles | <input type="checkbox"/> Aceitar a autonomia deles         |

IX – Você gostaria que seu filho fosse mais:

- |                 |                  |
|-----------------|------------------|
| (1) Carinhoso   | (7) Questionador |
| (2) Calmo       | (8) Comunicativo |
| (3) Companheiro | (9) Obediente    |
| (4) Estudioso   | (10) Corajoso    |

- (5) Independente
- (6) Responsável

- (11) Nenhuma das respostas anteriores
  - (12) Outros \_\_\_\_\_
- 

X – Você gostaria que seu filho fosse menos:

- (1) Carente
- (2) Dependente
- (3) Influenciável
- (4) Nervoso
- (5) Distante
- (6) Triste

- (7) Agressivo
  - (8) Questionador
  - (9) Impetuoso
  - (10) Inseguro
  - (11) Nenhuma das respostas anteriores
  - (12) Outros \_\_\_\_\_
- 

XI – Você considera os amigos do seu filho:

- (1) Importantes para ele
  - (2) Verdadeiros
  - (3) Educados
  - (4) Indiferentes
  - (5) Estudiosos
  - (6) Essenciais para o desenvolvimento deles
  - (7) Mal educados
  - (8) Vândalos
  - (9) Críticos
  - (10) Amorosos
  - (11) Agressivos
  - (12) Não os conheço
  - (13) Nenhuma das respostas anteriores
  - (14) Outros \_\_\_\_\_
- 

XII – O que levou você a escolher esta escola para seu filho?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

XIII – O que você menos gosta na escola?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---







IV– Numa escala de 0 (zero) a 10 (dez), o que você acha que o adolescente mais precisa?

**Nada** **Muito**  
 |-----|-----|  
**0 (Zero)** **5 (cinco)** **10(dez)**

- |                                     |  |
|-------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Atenção    | <input type="checkbox"/> Amigos        |
| <input type="checkbox"/> Carinho    | <input type="checkbox"/> Família       |
| <input type="checkbox"/> Limites    | <input type="checkbox"/> Liberdade     |
| <input type="checkbox"/> Diálogo    | <input type="checkbox"/> Tranquilidade |
| <input type="checkbox"/> Disciplina | <input type="checkbox"/> Respeito      |

V – Em **ORDEM** de importância (**crecente de 1 a 12**), numa relação entre pais e filhos, o mais essencial é:

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Afeto         | <input type="checkbox"/> Atenção          |
| <input type="checkbox"/> Diálogo       | <input type="checkbox"/> Compreensão      |
| <input type="checkbox"/> Honestidade   | <input type="checkbox"/> Responsabilidade |
| <input type="checkbox"/> Flexibilidade | <input type="checkbox"/> Paciência        |
| <input type="checkbox"/> Respeito      | <input type="checkbox"/> Humildade        |
| <input type="checkbox"/> Disciplina    | <input type="checkbox"/> Limite           |

VI – Você considera o relacionamento com seus pais:

- |                 |                                       |
|-----------------|---------------------------------------|
| (1) Tranquilo   | (7) Afetuoso                          |
| (2) Turbulento  | (8) Divertido                         |
| (3) Autoritário | (9) Amigável                          |
| (4) Violento    | (10) Protetor                         |
| (5) Distante    | (11) Nenhuma das respostas anteriores |
| (6) Provedor    | (12) Outros _____                     |
- 

VII – Em **ORDEM** de importância (**crecente de 1 a 10**), quais são suas principais dificuldades em relação aos seus pais?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Diálogo               | <input type="checkbox"/> Obedecê-los             |
| <input type="checkbox"/> Aceitar Limites       | <input type="checkbox"/> Dependê-los             |
| <input type="checkbox"/> Sexualidade           | <input type="checkbox"/> Ter que dar satisfação  |
| <input type="checkbox"/> Expressar Sentimentos | <input type="checkbox"/> Manter a calma          |
| <input type="checkbox"/> Reconhecer meus erros | <input type="checkbox"/> Aceitar a opinião deles |

## VIII – Você gostaria que seus pais fossem mais:

- |                |                                       |
|----------------|---------------------------------------|
| (1) Flexíveis  | (7) Alegres                           |
| (2) Calmos     | (8) Comunicativos                     |
| (3) Amorosos   | (9) Presentes                         |
| (4) Humildes   | (10) Bravos                           |
| (5) Protetores | (11) Nenhuma das respostas anteriores |
| (6) Pacientes  | (12) Outros _____                     |
- 

## IX – Você gostaria que seus pais fossem menos:

- |                  |                                       |
|------------------|---------------------------------------|
| (1) Autoritários | (8) Insistentes                       |
| (2) Violentos    | (9) Nervosos                          |
| (3) Invasivos    | (10) Rigorosos                        |
| (4) Curiosos     | (11) Protetores                       |
| (5) Distantes    | (12) Fechados                         |
| (6) Amorosos     | (13) Nenhuma das respostas anteriores |
| (7) Brincalhões  | (14) Outros _____                     |
- 

## X – Você considera seus amigos:

- |                          |                                       |
|--------------------------|---------------------------------------|
| (1) Importantes pra você | (7) Mal educados                      |
| (2) Verdadeiros          | (8) Críticos                          |
| (3) Companheiros         | (9) Amorosos                          |
| (4) Indiferentes         | (10) Agressivos                       |
| (5) Estudiosos           | (11) Nenhuma das respostas anteriores |
| (6) Solidários           | (12) Outros _____                     |
- 

## XI – Você se considera:

- |               |                                       |
|---------------|---------------------------------------|
| (1) Indeciso  | (7) Impulsivo                         |
| (2) Medroso   | (8) Impaciente                        |
| (3) Revoltado | (9) Calmo                             |
| (4) Carente   | (10) Excluído                         |
| (5) Amoroso   | (11) Nenhuma das respostas anteriores |
| (6) Sem valor | (12) Outros _____                     |
-

XII – Em **ORDEM** de importância (**crecente de 1 a 10**), qual a pergunta que você mais faz para si mesmo?

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Quem sou eu?                   | <input type="checkbox"/> Que profissão terei?           |
| <input type="checkbox"/> O que está acontecendo comigo? | <input type="checkbox"/> Por que não?                   |
| <input type="checkbox"/> O que eu faço?                 | <input type="checkbox"/> Alguém me ama?                 |
| <input type="checkbox"/> E se...?                       | <input type="checkbox"/> Por que sempre eu?             |
| <input type="checkbox"/> Que religião eu sigo?          | <input type="checkbox"/> Para onde vou depois da morte? |

XIII – A escola é importante para:

- |                                     |   |
|-------------------------------------|---|
| (1) Aprender as matérias            | (7) Relacionar com os professores           |
| (2) Praticar esportes               | (8) Fazer projetos sociais                  |
| (3) Ficar longe de casa             | (9) Disciplina                              |
| (4) Relacionar com os amigos        | (10) Socialização/Aprender a viver em grupo |
| (5) Namorar                         | (11) Nenhuma das respostas anteriores       |
| (6) Esclarecer dúvidas sobre a vida | (12) Outros _____                           |
- 

XIV – O que mais atrai você na escola?

- |                        |                                      |
|------------------------|--------------------------------------|
| (1) Alguns Professores | (6) Amigos                           |
| (2) Matérias           | (7) Oportunidade de conhecimento     |
| (3) Esportes           | (8) Atividades Extra-classe          |
| (4) Projetos sociais   | (9) Nenhuma das respostas anteriores |
| (5) Palestras          | (10) Outros _____                    |
- 

XV – O que você menos gosta na escola?

---



---



---



---



---



---



---



---

XVI – Você gostaria de fazer alguma observação a respeito da adolescência? Este é o seu espaço.

---



---



---



---



---



---



---



---

**Obrigado!**

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)